
UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 01100726 7

AS TRES IRMANS.

AS TRES IRMANS.

ROMANCE

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.





PORTO
EM CASA DA VIUVA MORÉ — EDITORA,
PRAÇA DE D. PEDRO.

A mesma casa em Coimbra,
Rua da Calçada.

Casa de Commissões em Paris,
2 bis, Rua d'Arcole.

1862.

PORTO:
TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA,
Rua da Cancella Velha n.º 62.

AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR

ANTONIO JOSÉ ANTUNES NAVARRO,

VISCONDE DE LAGOAÇA,
COMMENDADOR DA ORDEM DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO
DE VILLA VIÇOSA,
CAVALLEIRO DA ORDEM DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO

OFFERECE

O author.

Illmo e Exc.^mo Snr.

Sabe V. Exc.ª, e eu tambem, que a dedicatoria d'este livrinho, ha-de beliscar a curiosidade de muita alma inoffensiva, que dirá com inoffensivo riso: «Renascem as eras dos Mecenas? Voltam os escriptores os seus livros nas arvores genealogicas, ou a mandal-os como bilhete de comprimento aos salões-de-espera dos magnatas dinheirosos?»

Esta pergunta é feita a mim; e V. Exc.ª responde commigo a ella. A dedicatoria d'este livro exprime altissima gratidão, que raras vezes o ouro grangêa e

merece: é a memoria, e não a paga, de favores, que a nobre alma de V. Exc.ª me fez, sem que os seus cofres carecessem de ser os interpretes d'ella. Vá isto assim, em salva-guarda da dignidade de V. Exc.ª, e da minha.

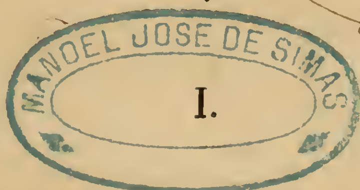
Porto 10 de Março de 1862.

Amigo e servo de V. Exc.ª,

Camillo Castello-Branco.

AS TRES IRMANS.

PRIMEIRA PARTE.



I.

NO CEMITERIO DO PRADO.

Não cuidem, enganados pelo titulo funeral d'este primeiro capitulo, que o author foi localisar entre ossadas a sua pavorosa imaginação para chamar áquelle esquecido recinto os animos, ou conformados com a perda das pessoas que lá tem, ou distrahidos d'ellas no grangeio das condições, que fazem a vida preciosa, e funesta a lembrança da morte.

Advirto-os que não pertence á escola do terror este romance, nem quer gravar no espirito do seu leitor imagens temerosas, e inquietadoras do socegado somno que o melhor livro deve dar a quem o lê, sem que d'ahi se infira que o melhor livro deva ser o mais narcotico.

Principia este romance onde tudo acaba, tudo, quero dizer, que vive da luz do sol e do ar do céo.

A essencia do homem, a alma, descida das regiões onde se ella fórma por insufflação divina, essa volve-se á sua origem. No cemiterio estão as pompas do eterno nada, adornado de marmore, de alabastro e de bronze. Os adornos das raras lagrimas que a saudade lá derrama, evaporam-se depressa, mais depressa que o aljofar do orvalho nas petalas das rosas, inclinadas sobre os cômoros d'aquellas sepulturas sem nome, onde em cada primavera hervecem boninas, e em cada inverno a morte ostenta a sua melancolica nudez.

Amo, desde a infancia, os cemiterios, e envelheci a amal-os. Conheço as sepulturas de todas as povoações em que tenho vivido. Sei de cór os epitaphios mais pungitivos: ainda bem que se me deliram da memoria alguns que seriam estimulo a riso, se não occorresse logo a ideia que toda a dôr, bem ou mal exprimida, é sacratissima sempre.

Ha muitos annos que eu pensava em ter um tumulo, fabricado ante os meus olhos, modelado pelo desenho da minha phantasia. Pedi incessantemente á minha familia que construisse um jazigo n'um dos tres cemiterios de Villa Real. Consegui-o da piedade, senão do amor de meus tios. E agora me lembra que os meus primeiros versos lá estão abertos n'aquella

pedra. Maus versos, mas sentidos. Como haviam de ser bons se eram contrafeitos, n'uma idade em que o genio só voeja com azas de ouro através dos ares recendentes de perfumadas alegrias!...

Diziam assim:

Mortaes, aqui termina esse contracto,
Que tem por condição isto que vêdes.
Um pó, que n'estas pedras se confunde,
Resolve d'esta vida o problema.
Retratos d'este pó, só de mais temos
Um sopro animador, que a Deus se torna.

Triste berço embalou a minha poesia — um tumulo! Como não havia de sahir ella enfezada e de pouca vida!

Mas a poesia dos cemiterios cá vive ainda commigo, como a corôa das perpétuas com a haste da cruz, symbolo de esperança para uns, e de padecimento para outros.

Quando um raio de sol me doura a mesa do trabalho, abro mão de tudo, deixo cahir do pensamento a mascara violenta da alegria, e vou pressuroso para o cemiterio do Prado, como os felizes do mundo vão para um baile; vou para o local da morte, como os felizes do mundo vão para os locaes em que a mocidade envelhece com desenganos, e a velhice remoça ao aspecto da vida enfeitada de seducções: para

velhos e moços ahi estão edulçoradas as bordas do vaso em que, no dizer do Tasso, se ministram ás crianças os remedios agros. No cemiterio é que ninguem me mente, nem eu minto a alguem. Aqui, a religião, refugio de peccadores; o silencio, refugio de tristes.

E o cemiterio do Prado, no Porto, é de quantos conheço o mais ajustado ao meu gosto. Ha n'elle sepulturas, que eu visito, ha treze annos. As cinzas de algumas sei eu que já foram formosura, graças, talento, paixões, virtudes, e exemplos do bem, e exemplos para fugir o mal. As cinzas d'outras não sei o que foram, e, comtudo, parece que ha treze annos me conhecem, e me dão em cada estio uma flôr murcha, que eu não ousaria cortar-lh'a em viço na primavera.

Lá está a sepultura de um poeta, que desconfiou da palavra de Deus, e cuidou solver contas com a desgraça, abrindo os braços á morte. Quando encaro na pedra, que um amigo do suicida mandou levantar sobre o cadaver, que eu e outro amigo de ambos, descobrimos na margem do Douro, em uma noite de Dezembro de 1849, marejam-me lagrimas os olhos, e digo entre mim estas simples palavras: « A misericordia do Senhor haveria piedade das tuas dôres. »

Saudade perennal, geme e avalia
Thesouro de que é cofre a sepultura.

É a inscripção sepulcral do tumulo do poeta (¹). Ha muito que não encontrei flôres no supedáneo da pedra tumular. É que os amigos do defunto passaram, e por alli estão já dispersos, como a folhagem de uma arvore de muitas frondes sacudidas e desnudadas ao primeiro furacão do inverno da vida commum de todas. O ultimo amigo do poeta, que alli encontrei, foi José Augusto da Silveira Pinto, que as ondas do mar cuspiram contra o seio do ancêão extremoso, cujas veneraveis cans eu respeito, quanto amava a candida e nobilissima alma do filho.

Não me levem a mal estas memorias. Consintam ao escriptor um inoffensivo desafôgo, em recompensa das dôres que lhe custa, muitas vezes, uma ficção escripta de modo que o leitor se esqueça dos seus dissabores, emquanto a está lendo.

Se me deixassem recordar outras sepulturas, fallaria de humildes cruzinhas de pau, que exprimem o Golgotha dos amargurados operarios que alli repousam. Não me seria mister muito engenho de palavras para enternecer a lagrimas a leitora por condolencia com a dôr de mãi, que todos os domingos

(¹) São de Bocage os dous versos.

alli vai depôr um ramo de flôres sobre a cruz de grêda, rodeada de um pobre gradeado de madeira. E, comtudo, era ella mulher sem amparo, viuva com a riqueza de seu filho, para o qual, noite e dia, grangeava o pão, o vestido e a educação em primeiras letras. Mãi pobre! quantas mães ricas farias venturosas, se podesses dar-lhes uma parte do teu coração!

E, depois d'esta meditação magoada á beira das humildes vallas, levantaria o espirito em contemplações de mais elevada philosophia, diante do monumento de Francisco Eduardo. Bastar-me-hia á compunção o recordar-me das musicas sagradas do bem fadado poeta, poeta deveras, que andava em competencia com as melodias dos anjos, até que elles o levaram para si. Ás vezes, quando alli estou alheado, e as ramas dos cyprestes rumorejam, quer-me parecer que n'aquella musica, entendida da alma, resoam notas do *stabat mater*, que eu tinha ouvido com o espirito enlevado em doloroso prazer, se assim posso expressar-me.

Defronte d'este tumulo está o pomposo jazigo do snr. Martins d'Azevedo. Quando me disseram que este cavalheiro estava das janellas da sua morada de um dia contemplando o edificio da sua morada eterna, achei sublimidade n'esta força d'alma, que o vulgo denomina aspirações ao singular. Eu de mim

não podia alli vêr senão o grandioso e o bello da magnifica tristeza. Tinha sido aquillo mesmo o almejado thesouro da minha mocidade — uma sepultura em que eu me estivesse cogitando nas minhas cinzas, passados cincoenta, cem annos, e a esponja do esquecimento sobre o meu nome.

Ainda hontem alli estive, e achei novos jazigos, amigos novos a quem offerecer a minha amisade, e os devaneios religiosos do meu coração. Entre estes, encantou-me o moimento de um menino, fabrica primorosa de marmores diversos, lavor de muito custo, todo em arabescos e laçarias. Considerei que uma grande saudade de pai desabafára n'aquellas excellencias d'arte. Bellos e de entranhada magoa me pareceram estes versos do epitaphio:

O involucro de um anjo aqui descança;
Alma do céo, nascida entre amargores,
Como flôr entre espinhos!... Tu, que passas,
Não perguntes quem foi... Nuvem risonha
Que um instante correu ao mar da vida;
Romper de aurora que não teve occaso;
Realidade no céo, na terra um sonho!
Fresca rosa nas ondas da existencia
Levada á plaga eterna do infinito,
Como offrenda de amor ao Deus que o rege.
Não perguntes quem foi, não chores, passa. (¹)

(¹) Peregrinos versos do snr. Gonçalves Dias, poeta brazileiro de eminente engenho.

Já me não perdoam tanto fallar de tumulos e mortos? O coração me diz que sim. Tenho em perdão das minhas tristes divagações a certeza de que ha uma saudade na alma de cada leitor, e uma voz querida que da eternidade lhe está dizendo, como um ecco das sagradas escripturas: « É suave sentimento o recordar os mortos. Não desameis o amigo dos tumulos, que esse ha-de ser sempre o menor tropeço que vos embarace os prazeres da vida. »

Agora direi que veio a ponto esta dilatada conversação entre os cyprestes do cemiterio do Prado.

Está alli uma sepultura, singelamente gradeada, sem inscripção alguma.

Encostado áquellas grades me detive muitas horas em diversos tempos. Levado da minha impertinente curiosidade, perguntei ao guarda quem fossem, ou de que familia fossem as pessoas alli sepultadas. Respondeu-me que não sabia, nem, desde que elle era guarda, n'aquelle jazigo se tinha enterrado alguem. Tomei apontamento do numero, e fui á infallivel fonte, ao cartorio municipal, averiguar a quem fosse vendido o terreno. Consegui saber que em 1840 fôra alli sepultada a compradora do terreno, D. Jeronyma Luiza.

Em vista de tão conciso nome, cessaram as minhas averiguações, ao passo que a curiosidade se foi augmentando.

Andava eu, ha mezes, no meu dilecto recreio de observar alli as novas messes da morte, encelleiradas em faustuosos celleiros de marmore, quando encontrei um homem de annos adiantados, parado em frente do monumento de João Nogueira Gandra. Eu tinha conhecido muito o erudito bibliothecario, o mais antigo jornalista do Porto, e conhecia tambem o cavalheiro que parecia estar recordando com aquelle tumulo agradaveis incidentes da adolescencia de ambos. Saudei o velho, e fallei de João Nogueira Gandra como se falla a um amigo de outro amigo extincto.

— Estava eu scismando — disse o cavalheiro — n'uma época em que o homem, cuja sombra aqui estou vendo, pensava na liberdade dos povos com tanto fogo, apregoava os direitos da humanidade com tamanho calor, como se elle nunca tivesse de vir a este captiveiro de oito palmos de terra, e como se a humanidade tivesse mais alguns direitos seguros e certos que estes de encostar a cabeça a um torrão ainda lento de sangue da geração passada!...

Pedi licença ao veneravel meditador para lhe dizer que o facto da morte não implicava os direitos da humanidade, nem devia empecer-lhe á conquista d'elles. Lembrei-lhe que a redempção do genero humano tão intima alliança tinha com a morte, que o divino philosopho, Jesus de Nazareth, filho de Deus,

morrera para resgatar, depois de ter apostolado para convencer a humanidade dos seus direitos...

— E dos seus deveres... — atalhou o meu interlocutor com expressiva e eloquentissima concisão.

Fomos passeando, e discorrendo n'esta materia que poderia ser menos enfadosa aos leitores, se eu soubesse repetir as phrases do individuo, que pensava como racionalista, sem menospresar o essencial da religião do calvario.

N'este andar, chegamos á beira da sepultura mysteriosa. Notei que elle reparára n'ella, e parára alguns segundos.

— Sabe quem está sepultado aqui!? — perguntei.

— Porque me faz essa pergunta?! — disse elle.

Contei-lhe as diligencias que empregára, movido por um sentimento de poeta, se é poesia a curiosidade de saber que nome tiveram umas cinzas esquecidas...

— Esquecidas! — atalhou o velho — E quem lhe disse ao senhor que estas cinzas estão esquecidas?!

— Ninguem; presumia eu...

— Como não vê aqui algum nome, nem mão estranha arranca das fisgas da lapide a relva, e cobre o chão de flôres, cuidou que ninguem já saberia dar-lhe o nome do nada que mora aqui!... Tem quasi razão! Creio que sou eu a unica pessoa, que

póde informal-o, e não me custa fazel-o, porque a velhice tem um só meio de ser util á mocidade, quando o não é com o exemplo, e vem a ser, contar os exemplos de que se aproveitou, ou devêra aproveitar-se.

Logo d'alli principiou o cavalheiro a contar-me a historia, que eu preadivinhára escondida debaixo d'aquella avara lapide. Já a minha curiosidade se dava a si mesma a explicação, e d'isto se comprazia a minha consciencia; — que ha uma curiosidade malfeitora, que tanto póde damnar ao bem d'um visinho vivo, como ao socêgo d'um conhecido ou desconhecido morto. D'essa peccaminosa e affrontosa curiosidade, Deus sabe que não ha nodoa na minha consciencia, nem á conta d'ella hei-de pedir perdão aos vivos nem aos mortos.



II.

PROJECTOS.

No principio d'este seculo, vivia no Porto um negociante de honrada fama e creditos de abastado. Quando a invasão dos francezes, abroquelada pelo terror e pelos phantasmas ensanguentados que a precediam, infestou o Porto, o negociante fugiu com sua mulher e tres meninas, a mais velha das quaes contava dezesete annos. Como se tivessem antecipado á horrorosa catastrophe da ponte alguns minutos, foram dar a casa d'uma familia sua conhecida no alto de Villa-Nova, e ahi pernoitaram, com outras hospedas, tambem fugitivas, uma freira benedictina e sua creada. A noite passaram-a em lagrimas e orações.

No dia seguinte, os francezes, cançados mas não saciados do saque no Porto, estenderam além Douro à mão voraz e gotejante de sangue. Joaquim Luiz da Silva e sua familia abandonaram o asylo, e offereceram á religiosa o melhor lugar na paragem que Deus lhes deparasse. A freira, congelada pelo medo, carecia de forças para acompanhar a familia fugitiva, e permaneceu na quinta, que seus proprios donos abandonaram. Uma horda de francezes escalou a casa, e espoliou-a dos grandes valores deixados pela pressa ou pelo descuido. A freira, a este tempo, estava orando no sanctuario da casa com a sua creada. Ahi mesmo foi descoberta por algozes embriagados, que primeiro escarneceram o habito, e depois acutilaram a religiosa, que recebeu a morte nos paroxismos do terror. A creada, favorecida pela embriaguez dos assassinos, achou a salvação na mesma causa que dera a morte á ama. Este incidente veio a ponto, porque n'essa casa saqueada deixára o negociante os seus maiores haveres, cuidando que o escondêl-os no desvão do altar lhe era segurança. Os francezes derruiram a espadeiradas o sanctuario, e descobriram o thesouro escondido.

A creada, que sabia o destino de Joaquim Luiz da Silva, seguiu-lhe as pégadas, e foi juntar-se-lhe a duas leguas ao sul do Porto, em casa de um rico proprietario. Dizendo ella que os francezes ficavam

derribando o altar, e o caixão estava perdido, o negociante respondeu: « Salvei a minha familia: não pedi mais nada á Providencia. » E, voltando-se para esposa e filhas, disse: « Contai comvosco para o trabalho, e acharemos em nossas forças o que perdemos. » Jeronyma, a mais velha das tres meninas, tão depressa como o pensamento a inspirou, respondeu aos olhos interrogadores do pai: « Eu e minhas irmãs contamos com as nossas forças: as do pai e da nossa mãi queremol-as só para nos guiarem e aconselharem. » Ao que o jubiloso negociante replicou: « Os vossos corações quer Deus que os francezes não possam roubar-m'os. »

As meninas immediatas em menos idade de quatro e tres annos, eram Maria e Eulalia. Eulalia de treze annos, e a mais formosa. Maria de quatorze, e a mais angelica de meiguice. Jeronyma era a menos bella, e a mais varonil no genero de lavor a que se dava em casa, entendendo no trafico, na labutação, e na contabilidade. Dizia Joaquim Luiz que Jeronyma era o varão da casa; e a mãi, a snr.ª Marianna — que aos seus proprios caixeiros prohibira tratarem-na por *dona* — essa dizia muitas vezes a Jeronyma: « O' môça! tu pareces-me um homem! »

O hospedeiro, que a desvelos de amigo antigo agasalhára o commerciante, era um lavrador abastado, com um filho unico, alistado n'esse tempo no

batalhão academico, e jurista do segundo anno. Dizia o bom velho que a invasão dos impios, sendo nociva a toda a nação, tinha sido aprazivel a seu filho, por lhe dar ensejo a não estudar, e gastar a mãos largas. O lavrador tinha o môço em conta de perdulario, e vaticinava que a sua casa levaria descaminho, logo que elle fechasse os olhos. Ainda assim, Duarte Pereira era o mais amado dos filhos, e Antonio Pereira o mais indulgente dos paes.

Quasi, ao mesmo tempo, refugiara-se tambem em casa do lavrador um sujeito do Porto, advogado de boa fama, e encarregado de alguns litigios de Antonio Pereira. Era homem de vinte e sete annos, agradavel sombra, e compostura de annos mais sisudos. Insinuou-se promptamente na confiança do negociante, e na familiaridade das meninas, sem artificios de sympathia. A natural bondade de José da Fonseca era o condão de estima que o guardava de más suspeitas e de falsos amigos.

Duarte Pereira adoeceu, e licenciou-se para recolher a casa, quinze dias depois da fuga do negociante. Como encontrasse em casa as bellas hospedas, que nunca vira, achou as delicias da paz muito mais saborosas que os enthusiasmos juvenis do batalhão academico. Das tres meninas a que prelevou em merecimento aos olhos de Duarte foi Eulalia, a mais bonita. A mais meiga e dôce, Maria, esta era pre-

dilecta do advogado. A laboriosa, a varonil Jeronyma não captou nenhum, nem mesmo deu conta da preferencia dada a suas irmãs.

Aplacada a desordem, Joaquim Luiz da Silva voltou ao Porto a reorganisar o seu estabelecimento. A Providencia guardára-lhe a honra dos seus devedores para recomeçar o negocio. Posto que as letras e titulos de divida se perdessem com o roubo das suas economias, os devedores acudiram a confirmar ou a solver os creditos.

Restaurada, assim, uma parte dos seus bens, Joaquim Luiz foi buscar a sua familia, e saldar com lagrimas de gratidão uma parte da divida em que se confessava á hospedagem do gasalhoso lavrador.

Antonio Pereira chamou de parte o negociante, quando já a familia estava prompta, e disse-lhe o seguinte:

— Vou contar-lhe a vm.ce o que tenho descobrido cá por casa, e vm.ce fará o que entender. Cá isto é dizer de lavrador: pau-pau, pedra-pedra. As suas filhinhas, snr. Joaquim Luiz, são muito boas meninas e muito perfeitas.

— Deus louvado! e oxalá que vm.ce se não engane — atalhou o negociante.

— Se aquellas enganam, não sei onde um homem ha-de acertar! Pois, meu amigo e snr. Joaquim Luiz, eu tenho desconfiado de duas cousas,

em vez d'uma. Cá, em quanto ao que eu tenho visto, o meu Duarte gosta da sua Eulalia... podéra não! Eu, na idade d'elle, por uma menina virtuosa e galante como a sua, ia ao cabo do mundo!... A outra desconfiança é que o doutor Fonseca está muito devéras inclinado á sua filha Maria. Aqui estão dous casamentos de uma assentada! Que diz a isto, snr. Joaquim Luiz?

— Digo, meu bom Antonio Pereira, que estes negocios de casamento não se tratam assim do pé para a mão. Uma cousa é inclinação, e outra cousa é casamento. Como sabe vm.ce que as minhas filhas estão na ideia de se casarem?

— Boa pergunta é essa! — disse o lavrador com grande risada — Para ellas estarem na ideia de se casarem basta estarem solteiras.

— Não é tanto assim, snr. Antonio. Ahi tem vm.ce a minha Jéronyma que foi muito procurada e pedida, e nunca a pude convencer a casar-se.

— Isso não faz nada ao caso. Ora diga-me, snr. Joaquim Luiz, vm.ce sabe que eu tenho, graças a Deus, uma boa casa, que dava um bom patrimonio a quatro filhos, e que tenho um só herdeiro.

— Sei que é rico, snr. Pereira.

— E se a sua filha viesse para esta casa, acho eu que não vinha mal.

— Vinha mal, porque a minha filha, na presente occasião, não tem dote.

— Quem lhe falla em dote, homem de Nosso Senhor! Estou a fallar-lhe em casamento, e vm.ce vem fallar-me em dinheiro! Dinheiro posso eu dar muito a meu filho; virtudes, se Deus não lh'as der, é que eu não posso dar-lhe com todo o meu dinheiro. A riqueza cá está; venha a virtude de fóra, e está feito o negocio. Note lá vm.ce o mais que eu lhe vou dizer. O meu Duarte já se entendeu commigo, e disse-me que tinha paixão por Eulalia, e casaria com ella, se fosse vontade do pai da menina, que a mãi não se oppunha. Eu fui ter com Eulalia, e disse-lhe: « O' menina, isto remata-se em duas palavras: vós quereis casar com meu filho? » Ella fez-se vermelha como o forro d'este capote, e não disse uma nem duas. « Está bom, está bom, escusaes fallar: quem cala consente » foi o que eu lhe disse em conclusão. Agora note vm.ce outra cousa que eu lhe vou dizer. O modo de acabar com uma propensão, que o meu Duarte tem para a extravagancia, é casal-o. Em se casando, acommoda-se, e assenta. A respeito de Coimbra, nada feito: o rapaz não se dá bem com o estudo, e gosta mais d'esta vida de fidalgo de aldeia que trata de comprar potros e vender cavallos, e trabalhar como quem se diverte. Com isso não ha-de elle arruinar a casa, e até póde augmental-a; o ponto é que elle tome gosto a metter na gaveta as primeiras peças d'ouro, e a

contal-as, como eu fazia, em todas as festas do anno. Olhe que eu, snr. Joaquim Luiz, ainda alli tenho embrulhadas n'um papel as primeiras quatro louras de duas caras, que ganhei n'uns bois castanhos, que vendi no S. Martinho, faz para Novembro quarenta e oito annos. E depois, meu amigo, as que vieram vindo lá estão todas como sardinhas na canastra, e d'alli só hão-de sahir se vm.ce as quizer para remediar a sua vida.

— Muito obrigado, snr. Antonio.

— Agora note vm.ce outra cousa que lhe vou dizer. Sua filha vem para casa de lavrador, mas não tem cá que fazer. Aquellas mãosinhas lá tem o seu officio de costura. Eu tenho ahi creados de lavoura, e creadas a dar c'um pau. A minha nora ha-de estar tratada como uma fidalga, e como foi sua creação.

— Mas — atalhou o negociante — vm.ce não se lembra que a minha Eulalia tem treze annos?

— Póde ella casar por lei? Póde; já perguntei isso ao doutor. Então que se lhe importa a vm.ce que ella possa ainda em boa idade educar os seus filhos, e poder ainda governal-os, quando elles já forem homens ou mulheres!? O snr. Joaquim Luiz, n'essa parte, ha-de perdoar-me, mas pensa errado. E agora, note vm.ce outra cousa que lhe vou dizer. Isto de mulheres são como as arvores plantadas de fresco; querem-se guiadas em quanto são tenras; que,

se pegam de descambar á vontade, quando a gente mal se precata, o tronco já não obedece, e vai para onde a inclinação o torce. Applicando o caso, a sua filha está de treze annos, assim é, e bom é que seja assim. N'esta idade é que ellas tomam o geito das pessoas com quem vivem, e mudam de genio, se é preciso, á feição do genio do seu marido. Depois que ellas estão já taludas, e feitas, então, meu amiguinho, em começando a carregar para um lado, não ha forças humanas que as façam ir para o outro. Esta é a minha opinião. . . Que diz a isto, snr. Joaquim Luiz?

— Emfim, snr. Pereira, eu não posso deixar de agradecer-lhe o bom conceito que minha filha lhe merece, e nunca me passou pela ideia poder ella fazer tão vantajoso casamento, e agora menos ainda, porque de um dia para o outro, perdi o melhor de quarenta mil cruzados, que tinha em dinheiro, e brilhantes que destinava para negocio. Deus quer pagar a confiança que n'elle tenho posto, dando-me occasião de arranjar uma das minhas filhas n'uma casa de gente abastada em bens de fortuna e honra. Aceito com mil prazeres o genro, que me offerece; mas ha-de vm.ce levar a bem que o casamento se realise, passados seis mezes, para eu no entretanto conhecer se a vontade de minha filha é firme, ou não passa d'uma phantasia, como ha tantas, com tão maus resultados.

— Pois seja assim — disse o lavrador — Tem vm.ce razão. Agora note vm.ce outra cousa que eu lhe vou dizer. O doutor Fonseca, se quizesse ter ido para a cidade, ia, que ninguem lá lhe fazia mal; mas o homem já não é senhor seu, desde que viu a sua filha Maria. Diz todas as tardes que vai no dia adiante; e eu, que lhe leio no interior, peço-lhe que fique mais um dia, porque ninguem quer demandas agora, e elle vai ficando, até vêr que as meninas vão para a cidade. Ora, hontem, veio ter commigo o Duarte, e disse-me que o doutor ia pedir Maria ao pai, e me pedia que sondasse eu primeiro a vontade do meu velho amigo. Agora veja vm.ce o que diz. A minha obrigação está feita. Se me pede o meu parecer, digo-lhe que moço mais honrado que o doutor no seu officio, não conheço nenhum. A respeito de letrado, o que elle disser é como um malho, e tem cuidado com as demandas, como se fossem suas. Em quanto a riqueza, isso não tem. Ganha muito, e póde ter algum vintem, afóra as casas onde vive; mas para tratar-se com decencia, e mais a sua familia, tem de sobra. Que lhe parece?

— Respondo o mesmo que respondi a respeito de minha filha Eulalia — disse com melancolico aspeito o negociante — Iremos para o Porto, e lá pensaremos. Se ellas quizerem casar, não as embaraço, que as não quero para freiras.

Terminou a conferencia.

Joaquim Luiz, conversando com sua mulher, no caminho do Porto, dizia de modo que os seus propostos genros, tambem da companhia, o não ouvissem:

— Olha, mulher, os francezes levaram-nos o ouro; e os portuguezes roubam-nos o que os francezes não poderam roubar-nos — os corações de nossas filhas.

— Isto é creal-as e vêl-as fugir do ninho, meu Joaquim. Já eu fiz o mesmo, e as nossas netas hão-de fazer o mesmo — disse a snr.ª Marianna com o seu bondoso sorriso.

— E que te diz o coração, Marianna?

— O meu coração é de mãi, Joaquim: não póde dizer-me nada agradavel. Se eu podesse dar aos nossos genros algum do amor que tenho ás nossas filhas, dizia-te que seriam tão felizes como eu fui; mas, ao mesmo tempo, lembra-me que minha mãi tambem chorava e não agourava bem do meu casamento comtigo. Oxalá que eu me engane como minha santa mãi.

Jeronyma ficára á espera dos paes para deixar conversar os namorados sem pejo d'ella.

Joaquim Luiz perguntou a Jeronyma:

— Gostas que tuas irmãs casem com aquelles sujeitos, minha filha?

— Gostava que ellas fossem felizes solteiras; mas, se hão-de ser mais felizes casadas, gosto que casem.

— Se d'aqui a tempos — tornou o pai — tambem tu casares, ficam os pobres velhos sosinhos, sem amparo de alguma filha.

— Não tenha esse receio, meu pai. Casadas ou solteiras, nenhuma de suas filhas faltaria ao seu dever, quando os paes precisassem de amparo.



III.

EULALIA.

Duarte Pereira era frequente no caminho de sua casa para a de Joaquim Luiz, onde passava as tardes, porque as noites do commerciante d'aquella época eram passadas no socego, na reclusão e na intimidade da familia laboriosa. A pouca distancia d'aquelles usos estão os de hoje; mas essa distancia forçosamente devia marcal-a o tempo, que é imperioso nas suas reformas, e cria innovações, que a vida e os costumes aceitam, como necessarias e irreprehensiveis.

Não havia que censurar no proceder de Duarte: era um moço serio, e um amador dedicado. Se primava no garbo dos seus cavallos, e d'ahi lhe resul-

tavam algumas censuras, Joaquim Luiz não via n'esse dispendio a iniciativa da vida desordenada que os seus visinhos queriam vêr. Os modos e geitos de fidalgo, em que o culpavam, não tinham implicancia alguma com as virtudes do homem. Modos e geitos de fidalgo, no entender da mordacidade, era apear do cavallo á porta da sua noiva, na rua dos Inglezes, e lançar as esporas e as redeas ás mãos d'um creado, que vestia uma jaleca debruada de escarlate. Se isto póde desdourar o filho do lavrador, modifique-se o « ridiculo », havendo-o, com dizer que os ascendentes maternos de Duarte Pereira tinham brasão na sua casa da Rechousa, e diziam proceder de um ramo dos antiquissimos Forjazes, condes da Feira. Os genealogicos sabem que aquella illustrissima familia se derramou, ha mais de cem annos, até se perder como os meandros de um limpido lago, rompidos os diques. Ha menos de trinta annos morreram no mosteiro de S. Bento da Ave Maria no Porto duas creadas, uma das quaes, a ultima fallecida, tinha na sua sua arca os pergaminhos que um dos condes da Feira, seu quinto avô, recebera da herança de trezentos annos. Isto veio para explicar os modos e geitos afidalgados do filho de Antonio Pereira, que era de si mais rico que todos os descendentes dos condes da Feira.

Amava Eulalia o homem que antes de a pedir

esposa, lhe acordára no coração estranhas sensações, enlevos desconhecidos. Não havia n'ella uns arrobamentos, que a poesia, mais encarecedora que verdadeira, usa alindar, não sei porque nem para que. Basta dizer que o amor aos treze annos é uma suave propensão, uma estima, que tem do amor filial a ternura, e do amor maternal a preexistencia, o sentimento antecipado. No vêr de algumas pessoas, habituadas á hyperbole encantadora dos poetas, este meu singelo modo de definir o amor, é prosa de mais, e pensão de velhice. Pensem de mim tudo que possa lisongear a sua opinião; mas a verdade é aquella.

Horas e horas passava Eulalia costurando entre suas irmans, em quanto Duarte ouvia ou repetia episodios tristes da recente evasão dos francezes, e do progresso da derrota que elles iam soffrendo. A snr.ª Marianna chorava contando pela vigesima vez a morte da freira benedictina, e as meninas deixavam de costurar para resarem mentalmente um *padre-nosso* por alma da religiosa, que tantos conselhos de santa lhes dera. Aqui teem como os enamorados passavam as horas, e como os seis mezes foram decorrendo, vagarosos para os noivos, e rapidos para os paes de Eulalia.

Todas as semanas vinha á cidade Antonio Pereira, e com elle sempre a mula carregada dos mimos da sua casa. Mimos era o nome gratuito que a snr.ª

Marianna dava ás aves, aos legumes, ás fructas, á carne saborosa dos cevados, ás brôas de mistura, que abriam o appetite, e a tudo que o dadivoso lavrador creava ou colhia nas suas terras. Mas não ficava nos limites da salgadeira, da horticultura e da capoeira, a generosidade do snr. Antonio da Capella, como na freguezia o denominavam. Quando elle acertasse de passar na rua das Flores, seduziam-no as arrecadas, os collares, os broches, e de tudo comprava para brindar a sua futura nóra, tendo apenas a indelicadesa de dizer o custo dos objectos, como em jactancia do seu grande animo e do seu muito dinheiro.

No entanto, a snr.ª Marianna preparava o enxoval da noiva, lastimando-se sempre de não poder imitar a liberalidade de sua mãi, por causa dos francezes, que lhe haviam baldeado pelas janellas os muitos bahus do seu linho. A boa mulher de casa carpia mais a falta do seu bragal que a das joias.

Estava a terminar o prasó dos seis mezes, quando o negociante, a sós com a filha, fallou d'este modo:

— Estás resolvida a casar com o snr. Duarte?

— Sendo vontade de meu pai...

— Pensaste já nos deveres a que te obrigas com a mudança de estado, Eulalia?

A menina fitou os seus bellos olhos nos olhos humidos do pai, e não respondeu.

Joaquim Luiz continuou:

— Foste sempre obediente a teus paes; devo crêr que serás obediente a teu marido; mas é necessario dizer-te que são duas as maneiras de obedecer. A obediencia aos paes traz a sua origem desde o berço, e começa com o respeito. A obediencia ao marido recebe-se como um dever, quando a razão ja está formada, e começa com o amor. Por mais carinhoso que eu fosse para ti, os carinhos não enfraqueciam o respeito que me tinhas; mas os carinhos de um marido diminuem o respeito da esposa, e preparam-na para a desobediencia, se ella não tem muito gravados na alma os dictames dos seus deveres. Quando acontece persuadir-se a mulher que o casamento estabelece igualdade de direitos, é inevitavel a desordem da vida. A submissão é tão precisa á esposa como á filha. Se teu marido, d'aqui a dous annos, te parecer differente em genio e maneiras, has-de tu sustentar a igualdade dos teus desvelos e afagos, mostrando assim que aceitas de teu marido as mudanças boas e más que o tempo fizer no seu caracter. Ainda mesmo que a mudança te magôe, e te pareça enfado ou capricho, não pedirás contas a teu marido das modificações que o tempo fizer no seu genio. Entendes-me tu, Eulalia?

A filha, entre confusa e acanhada, respondeu:

— Eu pensava que o snr. Duarte seria sempre meu amigo.

— Nem eu te disse o contrario, filha. Um bom marido é sempre bom amigo, quando uma boa esposa lhe desculpa as horas más que todos tem, e lhe adoça os azedumes da impaciencia, que ninguem poupam. A mulher imprudente e leviana de sua vaidade, quando observa desacostumada seriedade no semblante do esposo, entende logo que elle a presa menos, ou que o seu amor não basta a preoccupar o espirito do marido. D'isto procedem os juizos falsos, as contendas funestas, e perigos desgraçadamente maiores. Queria eu prevenir-te para a hora em que as minhas reflexões te hão-de ser necessarias. Attende ao que te digo, Eulalia. Teu marido tem dezenove annos, e está apaixonado. Estar apaixonado é crêr que a sua felicidade consiste absolutamente em se unir comtigo. Porém, desde os dezenove até aos quarenta annos, o coração humano é muito mudavel. Dou-te em mim um exemplo, filha. Eu, aos dezenove annos, pensava com ardor em começar a minha felicidade pelos contentamentos do coração. Amei uma menina dos meus annos, e cuidei de morrer, quando, contrariado pela prudencia de meus paes, tive que desistir. Aos vinte e tres annos, a minha paixão era o estudo, ás escondidas de meu pai, que me queria para o commercio. Cedi: tamanhas foram as objecções, que me atalharam o proposito e o desejo. Aos vinte e cinco annos o meu sentido es-

tava todo na riqueza. Madrugava para adiantar mais uma hora ás doze que trabalhava regularmente. Assistia ao mostrador para forrar o ordenado d'um caixeiro; escrevia a maior parte da noite para lançar na receita o ordenado de um guàrda-livros. Aos trinta annos achei-me sem paes e rico. A minha paixão de economia desfigurou-se em paixão de desbaratar. Gastei sem tino nem satisfação de minha consciencia. Estremei-me entre os mais liberaes, no conceito dos falsos amigos, e entre os mais libertinos, no conceito dos amigos verdadeiros. Quando os meus bens de fortuna estavam a pique, vi tua mãi, senti por ella uma sincera amisade, nada semelhante á minha primeira paixão, e tive mão do meu edificio em ruinas, para me não desconceituar ao menos aos olhos d'ella. Casei aos trinta e cinco annos de idade. Tua mãi nunca se arrependeu de ser minha esposa, porque se foi contentando a pouco e pouco com o lento reviramento que a minha indole fez para o amor do trabalho e da boa fama. Muitas vezes me encontrou ella desconsolado, aborrecido, e impertinente no tráfego commercial. Acudia-me com reflexões consoladoras, e trazia aos meus braços fatigados a tua irmã mais velha. Ora, como as ruins tentações não resistem ao sorriso d'uma filha ou á tristeza compadecida d'uma esposa, o meu espirito destoldava-se, e voltava ao seu socego habitual. Está aqui um velho

contando á sua filha as novidades da sua vida. Assim era preciso, Eulalia, para exemplificar o que te eu vinha dizendo das mudanças, que teu futuro marido póde fazer, sem que eu as haja de estranhar, nem tu te devas lastimar do desengano. Convém que estejas preparada para ellas, com paciencia e tolerancia. Se teu marido, passado um anno, se mostrar pouco cuidadoso de ti, não lhe lembres os seus deveres; espera que a reprovação da sociedade lh'os lembre, e elle virá a ti para te estimar em dôbro. Se alguns dias o vires em ira contra os laços, que lhe tolhem a liberdade de ser moço com desculpa do mundo, não apertes tu os laços, a recordar-lhe que são sagrados. Deixa-o, que elle voltará contente da sua escravidão, ou mais livre que nunca, para te bem-querer, e descançar no teu amor das terriveis batalhas, que se dão no espirito do homem. Tens tu força para isto, Eulalia? Se os casos, que te apontei, se derem, has-de recordar os conselhos de teu pai para seguil-os, custem o que custarem ao teu amor de esposa, ou á tua vaidade de mulher? Tens forças?

— Tenho, meu pai! — respondeu com firmeza Eulalia, e continuou: — mas póde ser que Deus me não dê occasião de soffrer tanto.

— Póde ser, póde, minha filha; mas afaz-te a pensar que o teu casamento com um rapaz de deze-

nove annos tem de trazer estes infalliveis resultados. Queres tu, Eulalia, pensar algum dia, antes de me dar a tua final resolução?

— Se meu pai me não contrariar, a minha resolução ja a sabe.

— Pois bem, filha. O ceo abençoe as tuas esperanças. Hoje direi a Duarte que marque o dia dos vossos esposorios.

Foi o dia marcado.

Duarte andava de muito occupado em obras na casa, por lhe parecer indigna da esposa a velha habitação em que sua mãi e avós tinham vivido e morrido venturosos. Esmerou-se na construcção de salas de receber e salas de espera, que não tinha a casa agricola. Antonio Pereira accedia a tudo, folgando de vêr seu filho distrahido em gastar as peças tão innocentemente — as peças, que, segundo o dizer do lavrador, havia muitos annos, que não tinham visto sol. — Da parte nobre do edificio, passou o neto dos condes da Feira a ampliar as cavallariças, e alargar os pateos, e a ladrilhar as paredes circumpostas, que assim tinha elle visto os áditos de todas as casas nobres. Afagara-o tambem o pensamento de levantar as armas da familia materna sobre a cornija do portão; a isto, porém, contradisse o pai, com receios da zombaria dos visinhos, e promessas de arranjar ao filho habito de Christo, e fôro de fidalgo, para de-

pois, sem receio da mofa de invejosos, levantar o brasão d'armas.

Excepto o adorno nobiliarchico do brasão, a casa ostentava as proporções afidalgadas que Duarte debuxára na sua imaginação algum tanto doentia da loucura fidálgueira. Nem a capella esqueceu, e Deus sabe porque preço ficou a Antonio Pereira a licença de ter missa em casa. Com a licença veio a ditosa necessidade do capellão — capellão, que é só de per si uma palavra que rescende a illustrissima prosapia!

Alcançou Duarte tambem licença para que o seu casamento fosse celebrado na capella da casa. Mais um estadio vencido no caminho da grandeza!

Chegado o fausto dia, ja Joaquim Luiz, e sua mulher e filhas estavam desde a vespera hospedadas no palacete do lavrador. Maravilharam-se as meninas da transformação da casa, e o negociante deu mostras de tristeza.

— Maus principios! — disse elle a sua mulher.

— Maus!... não sei porque, Joaquim!

— Porque este rapaz tem muita vaidade, e a vaidade do homem não se contenta com as dimensões de um grande palacio.

E como quer que a snr.ª Marianna, por sua maneira de ouvir e olhar, significasse que era de espirito inferior á linguagem figurada de seu marido, continuou elle d'este modo:

— Este rapaz ha-de querer sustentar a sua vaidade fóra d'esta obscura aldeia. Como é rico, em toda a parte achará quem lh'a alimente; e, como o coração de sua mulher não póde ir com elle a toda a parte, o resultado será ficar ella para aqui esquecida, e talvez saudosa do seu pequeno quarto em casa de seus paes! Marianna, uma menina, por mais formosa que seja, só alimenta a vaidade de seu marido, em quanto a elle lhe parece formosa. O tempo respeita muitas vezes as bellas feições de uma esposa; os olhos de seu marido é que lentamente se vão cegando á luz a que a viram nos primeiros tempos.

Não redarguiu a snr.ª Marianna. Era este o seu louvavel costume, quando não entendia perfeitamente as philosophias do marido; ou então respondia-lhe sómente: « tu lá sabes essas cousas, Joaquim. Quando te dá para lêr, estou sempre a scismar que te dá volta o juizo. A outra gente pensa como eu; tu é que tens lá umas ideias dos livros que não servem cá para o amanho da vida. Valha-te Deus, Joaquim!... »

O marido sorria-se a estas razões da snr.ª Marianna, e as mais das vezes replicava-lhe: « tens razão, mulher; eu sou um maluco. Deixa-me cá com os meus livros, nas horas vagas do trabalho util, e vai-me tu governando com a tua razão, em todas as horas. »

Celebrou-se o casamento.

Estava celestial a esposada, com o seu vestido côr de pombo; e a sua grinalda de laranjeira. Serpenteavam-lhe nos braços as cadeias de ouro e perolas. Do collo á cintura pendia-lhe o collar de diamantes, que Antonio Pereira lhe dera em brinde. Ajoelhada ante o ministro do sacramento, com tanta humildade e rubor de pejo o fez, que bastaria vêl-a assim n'um painel para amal-a.

Antonio, o lavrador, que, pela primeira vez, envergára a casaca de pequenas lapellas e abas ponteagudas, no auge de sua alegria, até de si estava rindo. Todos folgavam. Pessoa triste havia alli só uma: era o negociante.



IV.

MARIA.

Assistira ás bodas o doutor José da Fonseca. No decurso do jantar fizeram-se mutuamente muitas saudes. Uma de Duarte Pereira, mais calorosamente victoriada por todos os padres da freguezia, foi a seguinte: « Bebo á prosperidade de duas pessoas, que se acham presentes a nós, e presentes um ao outro, em toda a parte. Bebo ao breve e ditoso enlace de minha mana Maria e do meu presado amigo o snr. doutor José da Fonseca. » Maria córou, inclinando a face angelica sobre o hombro de Jeronyma. A sensivel mãi chorou. Joaquim Luiz bebeu serenamente. Antonio Pereira, esquecido da sovina etiqueta dos calices, bebeu por uma grande e floreada

caneca da India. Os padres beberam como era de esperar de suas almas sempre abertas a congratularem-se da felicidade do proximo. José da Fonseca, socegado o enthusiasmo, ergueu-se e fallou n'estes breves termos:

« A felicidade do homem não depende sómente dos votos dos homens. Eu antes de vaticinar a prosperidade dos meus amigos, pedirei á Divina Providencia que lh'a conceda. Ás almas ouvidas no céo, e aos corações de boa vontade pedirei eu que suppliquem ao céo os dons, que me faltam, para fazer ditosa a minha esposa. Em galardão d'essas almas é que eu proponho uma saude, com todo o fervor e reconhecimento do meu coração! »

D'esta vez não chorou sómente Marianna; Joaquim Luiz passou o seu lenço pelos olhos; e Maria, com as mãos cruzadas sobre o seio, contemplava o rosto aberto e mavioso do seu destinado marido.

Agora viram que estava para breve o consorcio de Maria.

Que razões teria o negociante para tão longa pratica, em materia de casamento, com a filha Eulalia, e nenhuma com Maria?

E' porque Joaquim Luiz estudára no intimo a indole de ambos os genros, e tambem a d'ellas.

A docilidade natural de Maria assegurava-lhe a submissão ao esposo; a bondade, a modestia, e a

idade do esposo asseguravam-lhe o sereno e quieto viver de Maria. Sabia elle que o advogado faltava ás suspiradas visitas a sua casa, para não faltar ás suas obrigações de escriptorio. Sabia que o amor a súa filha era o pensamento essencial; mas sem lesão de outros deveres essenciaes ás ligações com a sociedade. Sabia que o advogado sustentava sua mãi e irmans com a decencia grangeada pelo muito estudo e incessante trabalho. Sabia, finalmente, que era elle o superior em renome, e o somenos em remuneração entre os letrados do Porto. Todas estas virtudes davam em resultado um homem pobre; mas o negociante estimava-o como a filho, e asseverava a sua mulher que a esposa do pobre seria mais fortunosa que a do opulento.

Maria, assustada pelas delongas nas visitas, occultava as lagrimas, sem poder nem querer occultar a saudade timorata. A esta acudia o pai reanimando-a com poucas palavras: « em José da Fonseca andam ligados o amor e a honra: será teu marido por isso mesmo, filha. »

Ainda assim, Maria invejava a felicidade de Eulalia solteira. Via sempre o noivo ao lado d'ella, entretido em encantadoras frivolidades, umas vezes desfolhando-lhe nos cabellos uma rosa, outras escondendo-lhe o dedal, outras surprehendendo-a com al-

guma symbolica bagatella, que Eulalia encontrava escondida na costura.

E José da Fonseca, na visita semanal que fazia, conversava com o negociante ácerca de negocios, expunha a justiça das causas que patrocinava, contendia em politica approvando algumas doutrinas de liberdade aventadas pela revolução de França, reprovava a má direcção dos negocios publicos, censurava os conselheiros que levaram o timido rei a desamparar Portugal, prophetisava a independencia do Brazil, e as vindouras revoluções do paiz filiadas á grande conspiração dos fracos contra os fortes.

E, n'um intervallo de tudo isto, que adormentavá as meninas, excepto Jeronyma, nem uma flôr, esfolhada nos cabellos, nem a pirraça d'esconder o dedal, nem uma palavra furtiva de meiguice á pobre noiva, que mal rebuçava o seu despeito!

Não importa. José da Fonseca amava deveras Maria, e tinha já dito a seu futuro sogro:

— Minha mãi e minhas duas irmans desejam desde muito entrar n'um convento. Não lhes fiz a vontade por não ter ainda podido segurar-lhes a existencia, sem faltar á decencia da minha posição. N'este ultimo anno, rendeu-me pouco o trabalho; mas começo agora a tirar bastantes recursos para ellas e para mim. Em tempo de algumas semanas, recolhe a minha familia ao convento de Santa Clara. Conse-

guido isto, se fôr sua vontade, casarei com Maria.

Esta era a conjuncção favoravel de Joaquim Luiz fallar ao pretendente de sua filha em assumpto de dote. Principiou dizendo-lhe que recomeçava a tarefa de ganhar o pão de cada dia, e terminou obrigando-se a, mediante os creditos que tinha, levantar de emprestimo alguns centos de mil réis para occorrer ás primeiras necessidades dos casados. O advogado respondeu que fiava de si a satisfação d'essas necessidades, e nunca firmára o futuro no dote de Maria, nem o aceitaria sem a certeza de superabundarem os meios em casa dos paes de sua mulher.

Realisado o ingresso das senhoras no convento, José da Fonseca pediu licença ao commerciante para uma breve conversação em particular com Maria. Concedida com aprazimento do pai e susto da noiva, assim fallaram, pela primeira vez, sosinhos:

— Maria, — disse elle, com voz tremula do respeito, que o honesto amor incute — sua irmã casou ha quinze dias com um cavalheiro muito rico. Hontem a vimos aqui, cheia de alegria, coberta de sedas e plumas, contando-nos a opulencia da sua casa, a extensão das suas terras, os planos das suas novas grandezas. Sua irmã pareceu-me feliz, e a riqueza de sua irmã pareceu-me a base da sua muita felicidade. Nas virtudes do marido não lhe ouvi eu fallar; creio, porém, que ellas existem para ser per-

feita a ventura de Eulalia. Quando ella expunha expansivamente as causas do seu contentamento, relanceei os olhos para Maria, e cuidei que a via triste. Diz-me a causa da sua tristeza?

— É modo meu; bem sabe que eu tenho um genio triste — balbuciou Maria.

— Fiz-lhe injustiça. Pensei que lhe era doloroso lembrar-se que não podia esperar os mesmos contentamentos do marido que seu pai lhe destina.

— Fez-me injustiça de certo. Eu estava gostando de ouvir minha irmã, e, ao mesmo tempo, sentia que ella se mostrasse tão contente, longe da sua verdadeira familia.

— Não devia sentir tal, minha amiga. A primeira familia de sua irmã é seu marido hoje. Quer Deus que no espirito da esposa se desvaneçam as saudades dos paes, ao mesmo tempo que os vinculos, que prendem a esposa á sua futura familia, se vão apertando. Torno ao começo da nossa pratica. Maria, sabe que eu sou pobre?

— Não perguntei nada a tal respeito, disse ella purpureando-se, e talvez magoando-se da apparente offensa ao seu coração.

— Assim o suppunha: dobrada obrigação tinha de lh'o dizer. Sou pobre, e trabalho. Passo muitas horas do dia no meu escriptorio e nos tribunaes. Vélo algumas horas da noite sobre os papeis e sobre

os livros. E á custa de tanto trabalho, não posso ainda prometter a minha esposa as pompas mais secundarias de sua irmã, nem as creadas, que lhe permittem a ella um viver folgado sem occupação nem cuidados. Comprehende bem o que é a pobreza? Responda, Maria.

— Afflige-me... — murmurou ella.

— Crê que possa existir a felicidade com esta mediania? Acha que o coração d'uma boa esposa póde ser muito extremoso debaixo d'um simples vestido de chita? Acredita que o amor do homem laborioso é de todos o mais duravel e folgado nas horas do descanço?

Fonseca tinha tomado a mão de Maria, e levou-a aos labios, quando ella com um gesto affirmativo respondeu áquellas perguntas.

Sahiram ambos da sala. O advogado desceu á loja, e disse ao negociante:

— Aqui estão as minhas certidões: — e entregando-lh'as, proseguiu — póde, quando queira, mandar lêr os proclames. A minha pobre casa está prompta do apparato que lhe empresta o coração, para receber sua filha.

Decorridos tres dias sanctificados, estavam cinco talheres na mesa de José da Fonseca. Sentaram-se em redor d'aquelle banquete nupcial os paes de Maria, Jeronyma e os noivos.

*

Faltou Eulalia, porque seu marido, na antevespera, erguera-se, pensando n'um longo passeio até Coimbra, onde o chamavam saudades de tres annos alli passados. Eulalia lembrou-lhe o casamento de sua irmã. Duarte mostrou-se desgostoso da contrariedade. A esposa lembrou-se logo dos conselhos do pai, e emendou o erro, animando-o ao desejado passeio. Ordenou Duarte, no mesmo ponto, o apparelharem-se cavallos, e vestir o creado a farda que vestira no dia do casamento. E partiram, deixando Eulalia para sua irmã um laconico bilhete em que se mostrava constrangida n'aquella jornada, e lhe pedia desculpa da involuntaria falta.

Este successo magoára o pai; a irmã, porém, de alegre que estava, não tinha espaço no coração onde coubesse leve magoa.

A boa mãi, menos meditada em suas palavras, disse, ao jantar:

— Faz-nos aqui falta a nossa Eulalia...

— Permitta Deus, atalhou o marido, que ella não sinta a nossa.

— Coitadinha! — tornou a mãi — que prazer ella teria em estar comnosco!

— Póde ser — retorquiu o negociante — mas seu marido tinha tencionado leval-a a outros gosos, e a boa esposa acha sempre melhores os que seu marido lhe escolhe.

— Mas ella foi contra vontade — disse Maria.

— Mais louvavel por isso mesmo — respondeu o pai — comprou com um dissabor uma nova affeição de seu marido. Fez bom ganho, e provou que ouviu os meus conselhos, e que, mais cedo do que eu esperava, achou ensejo de os applicar. A rosa da profunda amisade não se colhe sem ferir as mãos em muitos espinhos da contradicção. No abnegar é que está o vencer muitas resistencias invenciveis ao imperio da vontade.

Terminado o breve jantar, foi Fonseca mostrar a sua mulher e á sua familia as miudezas da casa. Era tudo simples, modesto, decente e gracioso. O recinto em que elle pareceu ceder á vangloria, quando abriu as portas, era a sua livraria. Fez sentar seu sogro na cadeira de espaldar, e acommodou as senhoras em volta da mesa. Sentou-se elle n'uma das cadeiras destinadas aos clientes, e fallou d'este theor:

— N'esta cadeira tem-se sentado muitos infelizes. Aqui tenho eu visto correr lagrimas, que envergonham a humanidade, e que a justiça dos homens muitas vezes despresa. Porque ha lagrimas espremidas pela mão da prepotencia, e a lei acobarda-se de levar aos olhos do fraco o lenço que vela os olhos da justiça. Jesus disse ás mulheres de Jerusalem, famintas e sedentas de justiça: « não choreis ».

Os sacerdotes da lei muitas vezes dizem com o despreso do seu silencio. « Chorai, e morrei ».

Susteve-se curto espaço o jurisconsulto, e continuou, sofreada a respiração de todos:

— N'esta cadeira vi eu chorar a esposa de um homem da plebe, assassinado a expensas d'um poderoso. Foi a minha estreia nos tribunaes. Levantou-me o coração a voz; estava alli uma viuva e quatro filhos chorando. Inquiri as testemunhas que na devassa condemnaram o assassino, e no julgamento abafaram o grito do assassinado. O réo ergueu-se absolvido, e a viuva hypothecou os filhos á servidão para pagar as custas do processo. Voltei a essa cadeira onde meu pai se senta. Inclinei a cabeça sobre essa mesa, e... ergui-me louco. Rasguei a toga, e quiz incendiar os livros. Tres mezes não trabalhei; e, ao cabo de tres mezes, minha mãi e minhas irmans tinham fome, — ellas que se haviam desfeito do seu último ceitil do escasso patrimonio para me formarem!

O marido de Maria commovera-se, e, ao tremor da sua voz, choravam todos.

E continuou:

— N'esta cadeira correram as lagrimas d'uma menina de quinze annos, que seu pai sacrificára aos odios d'uma madrasta, e espoliára dos bens de sua mãi, em proveito dos filhos de segundo matrimonio.

Era tão justa a causa da minha cliente, que eu, pobre de mais para lhe valer, fui abonal-a a um usurario para lhe adiantar as despesas da demanda. O pai era rico do patrimonio d'ella. A madrasta estava aparentada com valiosas pessoas. A minha cliente perdeu a causa... e perdeu o juizo. Levaram-na do tribunal a uma enfermaria da misericordia, onde, poucos dias depois, expirou de congestão cerebral. E a madrasta passou ha dias n'um esquife á minha porta, e trezentas tochas acompanhavam o seu cadaver, porque esta mulher deixava na terra um marido rico.

Ergueu-se de golpe o advogado, contrafez o aspecto, e exclamou:

— Que memorias tão improprias d'um dia de noivado! Minha mulher principia a formar de mim um conceito funebre, e acredita que o meu escriptorio é um tablado de tragedias. Ha muitas compensações a estes dissabores, minha querida Maria. Eu já tenho conseguido enxugar as lagrimas, e restituir o contentamento a muitas das desoladas personagens que figuram as scenas das dôres na comedia humana. Alli, d'onde teu bom pai me está olhando com a vista humida, e o compungimento de homem de bem, tenho gosado horas de alegre socego depois que venho da lucta do tribunal, onde consegui salvar um innocente condemnado pelas apparencias, ou

levei á expiação um criminoso protegido pelos grandes. Já vês, Maria, que a minha vida tem as alternativas de todas as condições d'este mundo. Tu me verás alegre ou abatido n'essas horas ; e então tomarás quinhão da minha gloria, e serás, na desanimação, o anjo do meu amparo.

Fonseca beijou sua mulher na fronte, e tomou-lhe da mão o lenço para lhe enxugar as lagrimas.

A tarde declinava. O negociante ia sahir com sua mulher e Jeronyma, quando o advogado, tomando a mantilha de sua esposa para lh'a lançar aos hombros, disse :

— Vamos passar algumas horas da noite com os nossos paes, Maria. Não sejamos egoistas da nossa felicidade.

E sahiram todos.



V.

JERONYMA.

O negociante, cada vez que se assentava á mesa, nas horas da refeição, encarava nos lugares das suas duas filhas, idas para sempre, e o mesmo era passar da tristeza ás lagrimas. Mais forte, ou menos profunda em suas saudades, a esposa cuidava em distrahil-o com vulgares consolações. Jeronyma erguia-se da sua cadeira, ia sentar-se á beira de seu pai, e com razões, mais convincentes que os carinhos, conseguia mitigar-lhe a saudade.

Blandicias e ternuras filiaes seriam contrafeitas no genio de Jeronyma. Nem as dava, nem as aceitava. Já de muito menina, mostrara-se pouco agradecida a caricias, e invencionices das que andam

de uso em todas as mães. Ria dos mimos que as irmans andavam como a pedil-os ao pai; e, se este os queria repartir por as tres, costumava ella dizer: « A Eulalia e a Maria é que estão a morrer por festinhas; a mim dê-me antes um caderno de papel para eu fazer contas e traslados. »

Os brinquedos de Jeronyma eram de todo o ponto avêssos aos ordinarios na infancia feminil. O que ella queria era um chapéo armado com plumas de papel, uma espada de cana, e, mais que tudo, um bote de cortiça com véla de chita, o qual ia marear no rio, quando voltava da mestra, mediante o consenso do rapaz da loja, que lhe era o portador da súspirada barquinha.

Dos doze annos em diante, Jeronyma, habil em escripta e contabilidade, ajudava o pai na escripturação, e lançava os borrões [1] ao livro mestre, para seu pai, desajudado de guarda-livros por economia, não perder horas da noite em vigilias, nocivas á sua debil saude.

Dos quatorze aos quinze annos solicitaram-na em casamento, como se disse, vantajosos partidos...

[1] Para elucidar a phrase ambigua, notem os desentendidos que *borrões*, n'este caso, são os cadernos ordinarios em que o commerciante faz os seus assentos e apontamentos, que depois traslada para livro especial, e principal em seus balanços. O ser necessaria a nota a poucos, não é causa a rirem d'ella os muitos que a dispensam.

Occorre-me agora, que, n'um dos primeiros capitulos, quando toquei de relance os retratos das tres meninas, deixei entrever que Jeronyma devia menos á natureza dadivosa do acaso da formosura. O que eu disse foi: « era a menos bella, » mas a menos bella, em comparação de Maria e Eulalia, podia ser ainda formosa.

E era.

Alta e conformada a primor de fórmas; expressão e geitos de força, e força tambem d'alma manifestàda pelo olhar firme; não alva nem morena; côr de saude, igual, mui levemente purpurina; labio superior escassamente ensombrado de lanugem lustrosa; esmalte purissimo de dentes, raro vistos no abrir do sorriso, que poucas vezes lhe veio da vontade, e menos ainda da condescendencia; na longura e pretidão dos cabellos primava ella entre as irmans; não assim no mimoso e pequenez de mão e pé, que, mais pequenos, desdiriam da sua elevada estatura. Basta o bosquejo.

Tenho observado que, em romances, a parcimonia dos traços nos retratos ajuda mais a imaginação do leitor. Dá-se commigo isso, e cuido que toda a gente que lê farto aranzel de paginas a descrever uma physionomia, não fórma do todo mais aproximada imagem do que o proprio author, que nos dá tratos ao pensamento, não tendo elle algum. Ha

ahi escriptores, que nos pintam homens e senhoras, como os naturalistas descrevem animaes antediluvianos, sem os terem nunca visto.

Eu tambem não vi Jeronyma: ouvi fallar d'ella a um dos muitos que a tinham pedido a seu pai, ha cincoenta annos.

E todos ella rejeitára, sem soberba, sem os ter visto, nem comparado com outros. Consultava-se em relação á vida, e não ao homem. Faltava-lhe o conselheiro do coração. Sentia-o, sobrava-lhe sensibilidade para dedicação e excellencias de filha; mas o instincto do amor, a inclinação á liberdade, symbolisada pelo jugo matrimonial, esse natural que a sciencia phisiologica vos affirma que existe inseparavel do coração da mulher, não o tinha Jeronyma.

Chegou ella a conhecer, antes de suas irmans casarem, um dos seus propostos maridos. Era o cavalheiro, que eu encontrei no cemiterio, e a quem careço dar um nome. Seja Pedro.

A julgar do que foi pelo que é em corpo e espirito, Pedro devia ter uma gentil e graciosa adolescencia. Vêem-se flôres do passado n'aquellas ruinas de setenta annos.

Viu-o ella em casa de seus paes, conversou-o, ouviu d'elle os sentimentos, e dos estranhos a riqueza. Dezoito annos tinha Pedro. Promettia attingir a extrema das almas honradas e cobiçosas de nome

sem desdouro. Tudo venceu, salvo o coração de Jeronyma. Sahia-lhe a boa fortuna ao encontro em todas as paragens difficeis; mas o anjo do amor nunca foi por elle, nunca a empobrecida ou abastada filha do commerciante lhe quiz ennastrar na sua corôa de venturas a mais anhelada, a melhor flôr.

Joaquim Luiz, como já viram, era estranho ás inclinações de suas filhas. Umas ha a que pai nenhum deve ser estranho; essas, porém, não as temia elle. A base de sua segurança e confiança dera-lh'a a educação. Via as filhas no coração da esposa. Já crescidas, já mulheres, a atmosphera da innocencia era a mesma em casa.

Ouviu Jeronyma, e não lhe deu conselhos. Fallou-lhe nas virtudes de Pedro, e ella respondeu com a negativa das suas propensões, humilde na resposta, e submissa ao sacrificio.

— Sacrificio, nunca! dizia o pai.

Casaram Maria e Eulalia. Voltou Pedro a fallar da sua paixão, decorridos dous annos de despeito e de esperança. O negociante, inclinado a crêr nas mudanças do genio, fallou novamente a Jeronyma, e levava o animo confrangido e temeroso de a perder.

— Sempre submissa ao sacrificio, meu pai — disse-lhe ella; — a minha felicidade tem de acabar; se meu pai lhe quer antecipar o fim, seja feita a vontade de Deus e a sua.

O velho abriu os braços á filha amada, e disse-lhe em silencio, disse-lhe em coração e lagrimas, que fosse d'elle, até que o sangue gelasse no seio que a abraçava.

Depois da perda occasionada pela invasão, Jeronyma redobrou de fadigas. Joaquim Luiz era sosinho na loja, e ella, para poupar a mãi e o estipendio d'uma creada, era sosinha no mourejar da casa. A riqueza de Eulalia não melhorou a temperança e mesmo a escassez da casa paterna. Duarte podia ignorar os recursos de seu sogro, que Eulalia tivera ordem de os não dizer a seu marido. José da Fonseca tinha bastante penetração para avalial-os, mas achava-os iguaes aos seus, e por si estimava a superior valia da independencia.

O trabalho e a economia fructeavam muito; porém, as dividas, contrahidas para restabelecer o commercio, absorviam o maximo; e as fallencias, motivadas pelo saque e paralisação do trafico, damnificaram em muito o negociante, mal restaurado da grande perda.

Jeronyma scismava em descobrir alguma outra tentativa mercantil. Joaquim Luiz restringira a cereaes, arroz e café o seu negocio. Jeronyma animou-o a armazenar azeite, obrigando-se ella a tomar a si o encargo de dirigir a labutação. Riu muito o pai, e andou contando aos seus amigos a especulação em

que estava afreimado o espirito da sua Jeronyma. A snr.ª Marianna cada vez descobria mais qualidades de homem na menina.

— A minha filha a governar armazens de azeite! — exclamava ella — Havia de ter graça, quando tua irmã descesse por Villa Nova com o seu vestido de veludo escarlate sobre um cavallo, sahires-lhe tu á porta do armazem a perguntar-lhe se queria comprar um odre de azeite!

Não pôde Jeronyma levar á seriedade a galhofa de seu pai. Desistiu, e voltou o pensamento para outro lavor mais caseiro e adequado. Lembrou-se de fazer dôce, mediante o ensino d'uma creada de freiras Claras, que tinha sido de sua casa. Consentiram na empreza os paes, e Jeronyma deu-se toda áquelle pesado trabalho, nas poucas horas que d'antes reservava ao repouso. O interesse não correspondeu ás fadigas. Joaquim Luiz prohibiu o fabríco do dôce, vendo que a robusta compleição de sua filha se ia quebrantando.

— Não tens tu o pão de cada dia certo, Jeronyma?! — dizia-lhe o pai. — Quem te assim vir abarbada de projectos de ganhar dinheiro, ha-de cuidar que estás devorada de ambição.

— E estou, meu pai.

— Estás? Não te louvo por isso! Quem te deu o exemplo da ambição, filha? Em tua mãi tens visto

o christão despreso das riquezas. Em mim tu sabes, Jeronyma, que os desastres me levaram tudo, menos a paciencia, para soffrer os que vierem. Como é, pois, que tu sahiste ambiciosa?

— Ambiciosa da sua vida, meu pai; ambiciosa do seu descanço, e da sua saude. Cuidei que podia com mais algum trabalho poupar meu pai a cuidados e afflicções. N'esta esperança é que me pareceu preciso e estimavel o dinheiro. Era feliz eu, se conseguisse realisar o meu desejo; mas vejo que uma mulher é sempre mulher. Paciencia. Meu pai continuará a fatigar-se, e eu a ajudal-o como até agora.

— Pois sim, filha, e Deus nos ajudará a ambos, e dará alentos com o exemplo de muitos paes, que não tem uma filha como a minha Jeronyma, e de muitas filhas, que não são tão queridas como tu.

Pedro conhecia a gravidade e juizo do advogado Fonseca. Solicitou-o em advogado do seu coração, fortalecendo o pedido com as conveniencias resultantes do casamento para o commercio de Joaquim Luiz.

— O coração, disse o marido de Maria, é motivo para que eu tome grande parte no bom exito dos seus honestos desejos: mas a conveniencia não é arma azada para vencer a resistencia de minha cunhada, nem induzir meu sogro a persuadil-a.

Reviveu a já repetida ideia do casamento de Je-

ronyma. Fallou-lhe directamente o cunhado, como visse que o sogro se esquivava á terceira tentativa. Jeronyma respondeu que seria esposa de Pedro, se com o sacrificar-se désse a seus velhos paes um resto de vida descançada.

O negociante, sabedor da resposta, pediu a seu genro que não fallasse mais em casamento, nem dissesse a Pedro as condições com que sua filha aceitava a violencia.

Pedro não desistiu ainda: esperou, cego da sua paixão, esperando a luz do tempo, como Tobias a esperava do céo.

Singular creatura! — dirá a leitora, sem todavia lhe repugnar a indole de Jeronyma — Singular creatura, que não ama! Será, pois, certo o que se lê em Balzac: « a natureza, que faz cegos de nascença, póde tambem criar mulheres surdas, mudas e cegas em amor? »

Se é certo o que Balzac diz, não sei: Balzac diz cousas menos exactas que bem ditas, por exemplo, que o amor é a melhor invenção da humanidade. O amor, em quanto a mim, na esphera da sua pureza, é invento divino, é promanação directa de Deus, foco irradiante de todas as paixões abençoadas, que atam o esposo á esposa, o filho aos paes, o amigo ao amigo, o homem ao homem, e a humanidade ao seu Creador.

Jeronyma não era surda, muda, e cega em amor, como o philosopho-romancista a qualificaria. Muito, e muito do coração amava ella seus paes e suas irmans. Amava muito, porque se não repartia aos poucos. Ardia em ternura de filha, porque não respirava senão o ar tepido do sanctuario da familia, e não refrigerava as calmas do coração aos quatro ventos do mundo, como usam fazer creaturas, que se temem de abafar ao ardor de um só affecto.

Não era singular, não: era apenas natural; tinha de mais que o vulgar a virtude da força, e a concentração inexpugnavel da vontade, e talvez o precoce pensamento da independencia do mundo, sem conhecêl-o, nem menospresal-o. Se assim era, havemos julgal-a eleita para alguma estremada heroicidade, das que passam obscuras, como o perfume da violeta humilde.

E que direi eu da sua alegria no trabalho? Jámais uma nuvem de enfado, um tregeito de aborrecimento, um visivel desejo de repouso!

Ficava seu pai de cama por causa de leves enfermidades. Descia ella a armazenar os cereaes, a dirigir as carregações, e a reclamar na alfandega os generos de sua casa. Os negociantes davam-lhe o passo respeitosos, e os funccionarios aduaneiros pospunham todos os serviços para attendêl-a. Ante si ia o respeito do seu nome a pedir consideração para

ella. Em suas costas, ficava a discreta admiração, realçando-lhe tanto a formosura como a energia.

— Que filha tens! — diziam os commerciantes a Joaquim Luiz da Silva — Quantas fortunas encerradas na actividade d'aquella moça, que os nossos filhos respeitam, e todos nós quereriamos para filha!...

Joaquim Luiz, sorrindo, respondia:

— Mas que se ha-de fazer! A rapariga não quer senão um pai!... Dizei a vossos filhos que criem assim os seus no amor de Deus, na humildade da mediania, e na honra do trabalho. Recommendai-o assim a vossos filhos, e tereis netas como Jeronyma, com o coração forte para a pobresa, e docil para a prosperidade.

E Pedro ouvia o conceito em que a tinham seus visinhos, seus amigos e seu mesmo pai. Soffria, e esperava.



VI.

DUARTE.

A grandes espaços, visitava Eulalia seus paes, não á conta de viver indolentemente nos suaves gosos da casa e da familia; mas por causa das longas caminhadas, que seu marido fazia a visitar parentes — os de sua mãi, claro é, vergonteas do preclaro tronco dos Forjazes.

Estas visitas eram demoradas, como é de uso nas terras sertanejas. Hospedagem menor de oito dias era um desgosto para a familia hospedeira, e um direito perdido a reterem os hospedados em sua casa tres semanas os visitantes em divida, chegada a sua vez.

Raros intervallos tinha de socêgo Eulalia. Ora

ia visitar os primos, ora os recebia no seu palacete. Tempo de descanço, meditação e melancolia só lh'o davam as idas de Duarte ás feiras com os seus cavallos. De melancolia, dissemos, e devéras vivia triste a noiva de seis mezes.

Acostumada á quietação e recolhimento da casa paterna, pensava ella, em solteira, que o viver do campo lhe seria grato, não fallando já nos dulcissimos bens da soledade na aldeia, quando duas almas sentem n'uma. Fiava Eulalia na vida a sós com Duarte a sua felicidade; contava em continuar a obscuridade da sua educação; pensava em cultivar flôres; e, sem ser romanesca, antegostava as delicias das noites estivas, com o ambiente perfumado de laranjeira, e ao seu lado o esposo, não amando-a mais em noites lindas, mas amando-a por igual em todas as estações, como a innocencia cuida que é o amor, e como em verdade elle devia ser, se o destino da creatura não fosse mais alto amar.

Quando solteira, dizia Eulalia muitas vezes a suas irmans que iriam amiudo estar com ella ás temporadas, principalmente quando o seu Duarte estivesse nas feiras. Esta mesma perspectiva lhe mentiu, porque Maria casou logo depois, e Jeronyma era necessaria á casa dos paes, e, de si mesma, inseparavel de suas obrigações.

Ao separarem-se, pela primeira vez, disse Eu-

lalia a Duarte, que, durante a sua ausencia, podia, sendo gosto seu, ir ella passar alguns dias com os paes. Mansamente lhe disse o marido que a sua casa era aquella.

— Mas com quem hei-de distrahir as saudades de ti?! — redarguiu Eulalia.

— Com ninguem, meu amor, — disse elle — Eu teria ciumes de quem distrahisse de mim o teu coração.

— Então para que vaes, Duarte? Deixa-te estar commigo. São tão poucos os dias que passamos sosinhos!...

— Um homem não póde nem deve entregar-se ao bem-estar de uma vida inactiva — retorquiu o marido com aspecto de circumspecção. — A mulher para a vida domestica; o homem para a actividade. O espirito tem umas precisões, e o coração outras. A razão manda satisfazel-as todas. Bem sabes que eu tenho este gosto de feirar cavallos, e sem sacrificio não poderia abster-me d'isto.

— Nem eu queria, Duarte. Eu disse-te a brincar que não fosses. Vai, e tem cuidado, que não dês alguma queda. Demora-te o que quizeres; mas não me esqueças.

Eulalia, fallando assim, dizia ella depois que estava vendo e ouvindo a imagem de seu pai.

Mas os conselhos não lhe eram remedio á triste-

za. Tinha entre quinze e dezeseis annos. Doiam-lhe ás vezes no coração uns taes rebates de saudade da sua familia, que a pobre menina chegava a crêr-se infeliz. Constrangiam-na os passeios apparatosos, ou o bulicio das visitas. Tinha horas de lembrar-se da salêta do trabalho em que ella com suas irmans costuravam silenciosas, ao pé de sua mãi, que se pasmava ás vezes a olhal-as por cima dos seus grandes oculos de cobre. Recordava a entrada do pai, ao entardecer, e as conversações que os dous velhos trocavam sobre interessantes futilidades do governo da casa.

E, ao mesmo tempo, o coração amante, chamando tudo ao seu egoismo, dava de mão áquellas saudosas lembranças, e Eulalia já se julgava feliz, e se accusava de injusta com o seu destino.

Duarte era do barro commum. Posto isto, o leitor negaria as maravilhas do homem, se lh'as eu contasse. É já vulgar o proverbio de ser o casamento a sepultura do amor. As vulgaridades não me seduzem, e aquella menos que todas. O casamento póde ser a sepultura das chimeras; mas do amor não. A meu vêr, o amor é o superior quilate da amisade; a amisade é o mais levantado dos humanos sentimentos, e o casamento é a união, entre creatura e creatura, que mais se ajusta e mais resulta em dons e excellencias de amisade. As almas nimiamente am-

biciosas ou inexpertas hão-de embicar n'estas definições. Dirá a mulher cubiçosa de sensações ardentes que a amisade é um sentimento frio. Dirá o mancebo, que fez de sua phantasia uma fabrica de maus romances, que a amisade não dá de si as tragedias amorosas, celebradas pela historia. Digam, embora. A mulher, se, a meio-caminho da vida, tiver consummido o coração em violencias e ardores de sentimento, a ponto de o já ter inerte para a amisade, terá que passar só e atormentada a outra metade do caminho. O homem, que esperdiçou os annos da força e da fé em anhelar os impossiveis do amor, que redundam em desgraças para aquelles que os tentam, ao fraquear-lhe a phantasia, sentirá tédio da vida, e tédio da esperança em melhor mundo. Assim é que a cadeia, que prende o homem á Divindade, é cadeia quebrada, se o elo da amisade lhe falta.

A phantasia de Duarte, ao sexto mez de casado, estava desenfeitada de chimeras; mas o amor, como eu o comprehendo, podia, sem adornos, fazer ainda a bemaventurança de ambos, como ella póde ser na terra, não tomando a serio os melhoramentos que muitos poetas e romancistas lhe requerem.

O marido estimava grandemente sua esposa, por que era bella, e porque realçava na virtude da docilidade e da paciencia. O revelar-se ella, no gesto, contrafeita, sem queixar-se das contradicções, au-

gmentava o motivo a ser amada. A paciencia triumpha de animos rebeldes ao imperio da razão e do dever.

Eulalia, resignando-se, ganharia apiedar o marido, e o tempo lh'o restituiria mais brando para as doçuras da vida intima; reforma que só os annos fazem, quando o genio já está quebrado de forças para resistir á razão.

Para isto, porém, fôra mister que outras paixões não avassallassem o espirito de Duarte.

As idas ás feiras espertaram n'elle o prazer do jogo. Como academico, apenas perdia os escassos sobejos das mezadas, e as quantias, que o pai lhe enviava para pagar a medicos e boticarios as visitas e receitas das inventadas doenças. Senhor de dinheiro, Duarte principiou jogando por comprazer aos fidalgos seus companheiros de feiras, e acabou por obedecer ao jugo do vicio e á necessidade da desforra.

Como o azar era temporario nas feiras, o marido de Eulalia curou de relacionar-se em casas onde o jogo, no Porto, era frequente. Por via de regra, estas casas eram a guarida e muitas vezes o manancial de muitos filhos segundos, que arriscavam os diminutos alimentos; mas, no maior numero de casos, os triplicavam. A banca era regularmente propriedade d'um senhor de casa, associado na empreza

com um hespanhol. Os hespanhoes gosam, desde remotos tempos, creditos de espertos e ambidextros no manusear de cartas, e em tódos os ardis da tavolagem. Graças ao seu professorado em Portugal, hoje não havemos medo que nos levem as lampas em manhas e cavillações, que em boa razão deviam infamar, e dá-se o caso de nem se quer desdourarem. Desdourado é só o inexperto que joga os seus haveres, e confia do capricho da sorte o derradeiro pão da sua familia. O homem que póde ganhar esse pão, denomina-se singelamente... um homem feliz no jogo.

Foram consideraveis as primeiras perdas de Duarte. Eram já assumpto de conversações: não podia ignoral-as Joaquim Luiz. Disse elle a sua mulher:

— O jogo foi a unica paixão, que me não occorreu, quando disse a Eulalia as transformações que seu marido podia experimentar!

Foi o negociante visitar sua filha, e de proposito a fallar com o genro. Encontrou-a quebrada de côres e chorosa.

Contou-lhe Eulalia que Duarte estava no Porto, havia dous dias, sem ir a casa, e que Antonio Pereira, afflicto pela demora, o andava procurando.

— Como te trata Duarte? — perguntou o pai.

— Bem... Conheço que se esmera para me tratar bem; mas ha uma ideia que o tem sempre longe de mim.

Ás vezes, fica meditando com ar tão triste, que me faz immensa pena, e nada lhe digo, temerosa de o affligir.

— Que receias tu, filha? Parece-te que Duarte andará preoccupado n'outra affeição?

— N'outra affeição! exclamou ella, empallidecendo — Isso póde ser, meu pai!?

— Não te assustes, Eulalia, que não é. Teu marido tem uma paixão terrivel, mas o teu coração póde estar tranquillo.

— Que é, meu pai?

— Teu marido joga...

Eulalia tirou do fundo do seio um grande suspiro de desafogo, e disse:

— Que tem isso? Ainda bem que é essa a paixão... Deixal-o jogar; eu já sabia que elle gostava de jogar. Não se me importa que elle se entretenha, meu pai. O que me custa é passar tantas horas aqui sosinha sem o vêr, desde que elle vai para a cidade todos os dias. Foi hontem de manhã, e por lá está ainda.

— A jogar, e a perder, filha — atalhou Joaquim Luiz — E olha que por maior que seja a casa de teu marido, poucos annos bastam para a desbaratar no jogo.

— Paciencia... — murmurou Eulalia — Que hei-de eu fazer?

— Pede-lhe com brandura que não jogue, minha filha. Lembra-lhe que as desgraças provenientes do jogo não inspiram compaixão a ninguem, e ajuntam á pobreza à deshonra. É ainda tempo de o conter, porque os bens de teu sogro estão a salvo das dissipações de Duarte. Mas, se elle se não emenda, por morte de teu sogro, virão os usurarios tomar conta das suas hypothecas, e ficareis pobres.

Eulalia não ouvira as ultimas phrases d'aquellas explicações pouco ajustadas aos seus quinze annos: mal sabia ella as vantagens de ser rica nem as desvantagens de ser pobre. O que ella estava escutando era o tropel de cavallos, em que já se não fiava, por se ter enganado muitas vezes durante a noite passada e a manhã d'aquelle dia.

— Elles ahi vem! exclamou ella, quando os cães correram, a latir de alegres, ao portão.

E Eulalia, deixando o pai, correu tambem em direcção ao patim das escadarias, já com as côres no rosto, e a saltar de jubilo como creança, ou como aquelle amor-creança dos quinze annos.

Joaquim Luiz ficou-se a olhar para a cadeira d'onde ella fugira impetuosamente, e disse entre si:

— Palavras do Evangelho: « deixarás teu pai e tua mãi »... Que bem conhecia Jesus a natureza humana!

— Está lá dentro o pai, meu Duarte! — disse Eulalia.

— Estimo bem, respondeu Antonio Pereira com gesto carregado.

— Que tem? — disse Eulalia ao sogro — Está zangado com Duarte?

— Podéra não! Se assim vamos, d'aqui a pouco havemos de querer um bocado de pão, e não o ter.

— Ora, não ha-de ser assim, meu pai! — tornou Eulalia — Um bocado de pão toda a gente tem.

— Cala-te lá, que não sabes o que dizes — redarguiu o lavrador. Cuidei uma cousa, e sahiu-me outra. Que mulher és tu que não tens mão no genio perdulario de teu homem?

Joaquim Luiz chegou a tempo que Eulalia baixava os olhos de pura estranhesa e assombro de tal pergunta.

— Snr. Antonio Pereira, disse o negociante, o genio da perdição não obedece a mulheres, que mesmo ignoram o valor do dinheiro. A minha filha, por ora, só sabe sentir a perda do amor de seu marido.

— O amor bom é — retorquiu o lavrador — ; mas o dinheiro é o grande caso, snr. Joaquim Luiz! Talvez que vm.ce não saiba que meu filho, ha menos de oito mezes, me tem gasto para cima de quatro mil cruzados?

O negociante voltou o rosto, sorrindo com amargura. Sabia elle ao certo que as dividas de Duarte quadruplicavam a supposição do pai.

— Os quatro mil cruzados perdidos, disse Joaquim Luiz, podem produzir muitos mil cruzados, snr. Pereira. Baratas são as lições de oito mezes, quando aproveitam a muitos annos da vida, e custam sómente quatro mil cruzados. Deixal-os ir; a mocidade do nosso Duarte precisava de rematar-se com o desacerto do jogo. Duarte não joga mais: fico por elle, e Eulalia pede por seu marido, que é digno do fiador e da intercessora.

Acercou-se Eulalia do marido, que estava desafivelando fleumaticamente as esporas, e disse-lhe maviosamente, afagando-lhe o rosto:

— Promettes de não jogar mais, Duarte?

— Prometto, meu amor — disse elle com affavel rosto, — e acrescentou ao ouvido de Eulalia, toda caricias: Mas faz tu com que meu pai suspenda o sermão, que está por um triz a rebentar em formal descompostura.

Correu a esposa a acarinhar tambem o sogro, e a dizer-lhe em tom rogativo:

— Não ralhe mais, não? Elle prometteu, e não faltará.

— Quatro mil cruzados! — exclamou Antonio Pereira cruzando os braços e bamboando a cabeça

meditativa — Quatro mil cruzados! O rendimento de um anno da minha casa! O resto, snr. Joaquim Luiz, o resto d'aquellas peças em que eu lhe tinha fallado, que o outro foi-se todo, levou-o a breca na compostura da casa!

— É ainda riquissimo, snr. Pereira — disse o negociante. Faça vm.ce de conta que os francezes lhe deram no mealheiro, e o deixaram ainda assim duzentas vezes mais rico do que a mim. Não é justo que soffra duas expiações seu filho: basta-lhe a elle o que ha-de soffrer, quando se lembrar do que perdeu tão mal, e com tanto risco de perder tambem a honra.

Proseguiu n'este sentido o discurso do commerciante, e a igual passo a dôr do velho se foi calmando.

N'uma entre-aberta, chamou Joaquim Luiz de parte o genro, e disse-lhe:

— Seu pai sómente sabe que o senhor perdeu quatro mil cruzados. Se lhe présa a vida, faça muito porque elle ignore que a sua casa, ou a palavra de seu filho está hypothecada em doze mil cruzados.

— Quem lhe disse tal? — atalhou Duarte com vehemencia.

— O snr. Duarte Pereira — respondeu serenamente o negociante — deve doze mil cruzados a Pedro da Cunha de Provezende, doze mil cruzados perdidos em quatro mezes em casa dos Mellos, em

casa dos Alcoforados, em casa de outros fidalgos, que jogam e brincam á borda d'um abysmo, em quanto outros, que não são fidalgos, e apenas são portuguezes, se andam lá por fóra a batalhar e a morrer em defeza da patria. Bonita acção! Os authores dos folhetos patriotas, que por ahi se escrevem, quando fallam de Portugal dizem sempre — a patria dos Albuquerques, dos Castros e dos Pachecos —: é preciso honral-a com os appellidos historicos, como se a patria se tivesse por deshonrada de ser a patria do povo! Muito bem! Os fidalgos, os descendentes dos appellidos, que joguem; o povo, que não sabe o nome de seu avô, que morra na defeza do territorio e das ragalias dos fidalgos!

De carregado aspecto estava já Duarte ouvindo a sensata parlenda de Joaquim Luiz. Urgia ao desgostoso moço sahir pela honra dos nobres, feridos em sua pessoa, como neto que era ou podia ser dos condes da Feira. D'onde procedeu que Duarte, alevantando o rosto altivo, respondeu:

— Não folgo de ouvil-o, snr. Joaquim Luiz. Póde ser que a sua censura á fidalguia seja mais ou menos acertada; mas o que ella de certo é, afoitamente lh'o digo, é inconvenientissima, porque bem sabe que me préso de descender d'uma familia, que tem o seu patrimonio vivo e immortal na historia.

— Perdôe! — atalhou o negociante — Longe de

mim querer ferir os seus antepassados, snr. Duarte. Não censurei os mortos por se ficarem na sepultura, quando a defeza da patria requer braços. Reprovo que os seus descendentes se recreiem em dissipações, quando os mechanicos, os trabalhadores, os plebeus, depois de grandes perdas e desastres, por lá andam a defender a patria, patria que não é para elles senão os palmos de terra da igreja onde os enterram.

— Mas — atalhou Duarte — o senhor que queria de mim? Que eu fosse unir-me ao exercito?

— Eu não queria do snr. Duarte se não que se unisse aos preceitos, que seus avós illustres por nascimento ou illustres por virtudes, lhe aconselhariam, e talvez estejam aconselhando da sepultura com o exemplo de suas vidas. Queria que o snr. Duarte não jogasse, porque o jogo é a mais cega e despotica das paixões, e tanto deshonra quem perde dezeseis mil cruzados como quem os ganha. O jogador, snr. Duarte, ha-de ser necessariamente um mau esposo e um mau pai, quando a sua liberdade vacillar entre manter a estabilidade de sua familia e aventural-a ao jogo, em ultimo recurso. Não ha ligações de familia que prevaleçam á perda dos unicos recursos que ella tinha. O jogador perdido odiou a mulher e os filhos, cujas lagrimas lhe pedem contas do seu pão. O jogador, ainda mesmo abastado como o

senhor, a cada golpe que soffre nos seus haveres, sente que uma a uma se vão partindo as cadeias, as obrigações que o prendem ao presente e futuro de seus descendentes. A esposa é um tropeço desde que ella se torna uma censura, embora silenciosa. Os filhos volvem-se em creaturas oppressoras, desde que um pai se accusa de lhe ir devastando o patrimonio. Com o derradeiro sacco de ouro, que um jogador atira á voragem, lá vai o coração, lá vai amor de marido e de pai, tudo, nem se quer fica a saudavel rehabilitação, que o remorso póde trazer. A sociedade não estende o braço valedor ao homem, que se despenhou no jogo. A caridade publica peja-se de valer ao indigente, que lhe estende a mão por onde se escoaram os recursos de seus filhos. Nenhuma transformação reconquistou a confiança para o homem que a não respeitou, quando a sociedade lh'a conferiu, fazendo-o esposo, e respeitando-o pai. Snr. Duarte, eu sei que fallo a um homem, que póde ainda contar de seu algumas dezenas de mil cruzados. Não seja isso razão para que eu me cale. Decorridos seis annos, senhor, se as suas perdas continuarem na proporção das que soffreu nos ultimos seis mezes, o marido de minha filha será bem acolhido á mesa do pobre logista; mas o meu pão, por mais do coração que lhe seja dado, ha-de ser-lhe agro de engulir, snr. Duarte; porque o pão da de-

pendencia, no homem que foi rico, é um supplicio igual ao da fome, se a sua fome é uma deshonra.

— Não chegarei ahi, snr. Joaquim Luiz — atalhou sorrindo o marido de Eulalia — Não se dissipa assim uma casa, como o senhor cuida. O jogo tem alternativas; as perdas andam pelos ganhos; e quando assim não fosse, a reflexão vem sempre a tempo. Não ha duvida que devo doze mil cruzados, cujo pagamento hei-de fazer, quando possa sem desfalque da minha casa. Pedro da Cunha é um fidalgo, que sabe o que são cavalheiros. Doze mil cruzados pagal-os-hei, subtrahindo dos meus rendimentos de tres annos pequenas economias. Não se abala com tão pouco uma casa como a minha — repetiu Duarte, batendo jovialmente com as mãos nos hombros do sogro.

— E não joga mais, snr. Duarte? — disse o velho.

— Seria mentir inutilmente dizer-lhe que sim, meu amigo. Se eu hoje deixasse de jogar, em primeiro lugar renunciava ás muitas probabilidades da desforra; em segundo lugar, daria a suppor que se me acabou o dinheiro e o credito; em terceiro lugar, não saberia qual occupação escolher, porque bem sabe que sou leigo em lavoura, e pouco amigo da aldeia.

— Decide, pois, continuar, não é assim? — redarguiu o negociante com entranhada amargura.

— Continuar de vez em quando e expondo pouco

dinheiro. Não se afflija, snr. Joaquim Luiz! A sua filha ha-de ser sempre rica.

— Ouça isto, snr. Duarte — disse o velho com solemne accentuação — Eu tinha dezesete annos quando conheci Pedro Pedróssem de Villar, ou Pedrocem, como vulgarmente se diz, rico e opulento, senhor de incalculaveis thesouros, caixa geral do contracto do tabaco, possuidor de formosas quintas, e alterosos navios, que lhe traziam as riquezas do novo mundo. Tinha eu vinte annos, snr. Duarte, quando meu pai me enviou com algumas moedas de prata de esmola a Pedro Pedróssem, que estava acabando na indigencia em um dos quartos em que seus creados dormiam, e um seu credor lhe deixou por caridade. Isto não são historias de velho, snr. Duarte. O facto aconteceu hontem; sabem-n'o os homens mais novos vinte annos que eu. E veja, meu amigo, que os seus haveres não valem todos uma só das tres quintas de Pedróssem que se estendiam desde a Torre da Marca até Navogilde e Pasteleiro. Agora, desculpe-me a impertinencia, que eu vou tambem pedir desculpa a minha filha do tempo que roubei a seu marido, tão avaro de tempo para ella.

Joaquim Luiz dissera sorrindo as ultimas palavras, e fôra sentar-se á mesa de jantar para onde Eulalia o encaminhou como á força.

VII.

ANTONIO PEREIRA.

Eram mais de longe a longe as visitas de Duarte ás casas dos cavalheiros, que o denominavam primo. O primo Forjaz continuava a ser o suspirado e o bem-vindo. Eram a primor especialmente agasalhados os seus cavallos na estrebaria, e a elle concedida a cadeira no melhor local da banca verde.

Durante a ausencia d'elle, sentiram-se os prejuizos na confraria; e alguns dos socios prejudicados já começavam a duvidar da legitimidade do seu parentesco com o parceiro arredio.

De dias a dias, reapparecia Duarte, e algumas vezes em hora tão fortunosa para si, que os confrades soffriam graves perdas. Tão infallivel, porém,

era a volta e a desfortuna de Duarte no dia immediato, que a desforra chegava a todos, e com usura.

O marido de Eulalia chegou a sentir a necessidade de dinheiro não só para as grandes paradas, mas até para sustentar moderadamente o vicio. Os parentes não fiavam d'elle. Os usurarios duvidavam da segurança das suas onzenas. O seu principal credor, Francisco da Cunha, amiserava-se-lhe de grandes perdas, que soffrêra na feira de Santo Antonio de Villa Real. O pai escassamente lhe dava em cada mez uma quantia que Duarte n'outro tempo se envergonharia de apostar n'uma carta.

Começaram dias de muita afflicção para Eulalia.

Duarte passára da tristeza á impaciencia, e da impaciencia ao phrenesi. Irritavam-no as caricias, e perguntas da esposa. Fugia ás consolações, como fugiria aos despeitos e arremessos. Dizia-lhe ella que jogasse, que fosse ao Porto, que se não estivesse matando por desobedecer á sua paixão. Respondia Duarte com desesperada sinceridade que não tinha dinheiro; que vendêra os cavallos; que vendêra objectos de seu adorno como relogios, anneis e miudezas, cujo desapparecimento Eulalia vira, sem ousar interrogal-o.

Que podia fazer a consternada senhora? Deu-lhe pouco a pouco todas as joias, que seu sogro lhe déra, em solteira, e no dia do seu noivado. Prendas de

seus paes, apenas tinha um cordão de ouro com uma cruz, que sua mãi tirára do pescoço para lhe dar, dizendo-lhe: « Ahi tens tudo que os francezes nos deixaram, filha! » Tambem tinha o unico annel de diamantes da casa paterna: dera-lh'o sua irmã Jeronyma. Essas mesmas joias do coração e da saudade confiou de seu marido. Lá se foram á voragem com as outras, e, apoz todas, as lagrimas occultas de Eulalia.

Tarde se exhaure a veia productora de um jogador! Lembrou-se Duarte de que seu pai tinha gado vaccum a crear de meias por casas de lavradores e caseiros, a longa distancia de sua casa. Nova fonte de receita! diria elle hoje, n'este tempo de fontes de receita milagrosas como as de Moysés. Andou por casa dos creadores fazendo transacções em nome de seu pai, e apurou grosso cabedal com que alimentou o vicio á farta alguns dias. Em sua consciencia, esperava elle remir-se de algumas dividas sagradas, e reembolsar os lavradores, pedindo-lhes segredo. Sã consciencia era a d'elle; mas consciencia em casa de tavolagem tem impossivel accesso como a esperança no inferno do poeta italiano. O que lá entrava e não sahia era o dinheiro dos bois. A consciencia ficava de fóra esperando novas mordeduras de remorso, ou as da vergonha, que não são menos pungentes, quando o homem se defronta com a sua propria dignidade.

Entretanto, que dôres surdas as d'aquella pobre menina, com quanto ella ignorasse os ultimos expedientes de seu marido! Estava ella ouvindo a cada hora os raivosos soliloquios de Duarte, ou os queixumes do sogro, que parecia enlouquecer de afflicção. Por vezes, era ella a victima do velho, que lhe atirava á cara a sua nenhuma influencia no caracter do marido; e dizia que, a não ser o desgraçado casamento de seu filho, nunca se elle teria enganado com o dissipador genio do libertino. Á pobre menina imputava elle indirectamente as suas desgraças, chegando a dizer que em má hora tinha Eulalia entrado em sua casa.

Era isto o exordio de maiores calamidades; mas, no trance d'estas, nem um gemido fez Eulalia chegar aos ouvidos de seus paes. Duas linhas só escrevêra em desabafo n'uma carta a sua irmã Maria, respondendo a outra em que a esposa do advogado se dizia a mais feliz das creaturas. Escrevia Eulalia: *Eu não sou das mais infelizes, porque me concede Deus poder contentar-me da tua felicidade, minha querida irmã.*

Foi esta carta vista pelo negociante; e d'essa hora em diante nunca mais leve riso assomou aos labios do honrado velho e extremoso pai.

Antonio Pereira, carecendo de dinheiro para obras de muramento de propriedades, ordenou aos

lavradores que vendessem determinadas juntas de bois, nas proximas feiras. Acudiram todos á uma, dizendo que os haviam vendido, com ordem d'elle, e cobrado do filho os competentes recibos. Foi um dia de desolação n'aquella casa! Duarte, como visse os caseiros, fugiu; Antonio Pereira, como não visse Duarte, praguejou contra elle e contra a nora. Quando a ira esfriou de encontro ao glacial silencio de Eulalia, o lavrador recopilou a diatribe n'esta singela phrase: «Ponham-se ambos fóra de minha casa. Ladrões de portas a dentro, não os quero.»

Eulalia não sabia ainda como tomar aquellas palavras, quando teve noticia de que seu sogro ia retirar-se de casa para a d'um visinho, protestando entrar n'ella, quando o filho amaldiçoado e a mulher tivessem sahido.

O destino do marido não o sabia ella para o avisar. Na perplexidade da sua angustia, escreveu ao pai n'estes breves termos:

« Veja por caridade se acha meu marido, e di-
« ga-lhe que meu sogro está para sahir de casa, e
« quer que não fiquemos aqui. Não tenho cabeça
« para lhe contar as desgraças que vão por cá. Não
« sei o que hei-de fazer, nem para onde iremos. Pe-
« ço-lhe que esconda este bilhete da minha pobre
« mãi, e se não afflija, para não augmentar o infor-
« tunio de sua infeliz filha Eulalia.»

Chegou o escripto a tempo que Duarte, afadigado do insolito passeio de duas leguas, estava ainda offegante sentado n'um banco da loja de Joaquim Luiz. Perguntava-lhe este a causa de tal canceira, e o genro promettia contar-lhe tudo mais de espaço. A instancias do negociante, respondia elle que precisava dinheiro para salvar-se do suicidio, quando a portadora do bilhete entrou.

Joaquim Luiz mostrou o escripto ao genro, que passou do escarlate da fadiga á palidez da anciedade. Contou sinceramente a causa do procedimento de seu pai, e terminou chorando nos braços do negociante:

— Aqui me tem sem um ceitil para affrontar a fome de amanhã! — balbuciou elle — Mau filho, e mau marido! Um anjo como Eulalia reduzida a esta situação!

Joaquim Luiz subiu ao primeiro andar da sua casa com Duarte, e disse-lhe:

— Poupemos minha mulher a este desgosto. Jeronyma é moça e forte; não importa que o saiba, e mesmo é preciso que o saiba. Eu vou dizer á minha Marianna que Eulalia vem estar comnosco alguns dias. Jeronyma irá buscal-a, que eu não posso hoje deixar o negocio. O senhor vá dar uma volta; e, quando estiver mais socegado, venha aqui esperar sua mulher. Este primeiro andar é o seu; a mesa é a de todos os meus filhos.

Sahiu Duarte; e o negociante, com rosto alegre, foi dar a fausta nova a sua mulher. Em quanto a boa mãi se atarefava nos aprestos para o alojamento, o pai contou os successos a Jeronyma, e fez que ella pedisse licença para ir esperar a irmã, até onde a encontrasse. Consentiu a mãi na vontade do marido, e Jeronyma partiu para Villa Nova de Gaya, onde a esperavam duas cavalgaduras.

Eulalia, debulhada em lagrimas, lançou-se aos braços da irmã, e foi esta a sua primeira pergunta:

— Viste o meu Duarte? Está lá em casa?

— Está, Eulalia, está, e estará.

— O pai recebe-o em casa?

— Como filho, como teu pai... Pódes tu recear que não, minha irmã? Lá em casa ainda hoje se chora, quando vemos a tua cadeira. Duarte irá para o lugar de Maria, e tornaremos a ser a mesma familia. Tu dirás a teu marido que nos aceite do coração o pouco que a nossa vontade poder fazer em favor d'elle. O que fizermos em teu bem, é por amor e por dever.

Eulalia encontrou o marido a conversar com sua mãi. Ia prevenida por Jeronyma, fallou de modo que o prazer da virtuosa senhora não fosse convertido logo em lagrimas.

— Não trazes a cruz! Tanto te pedi que nunca

a tirasses do teu pescoço!... — disse a snr.ª Marianna, quando estreitava ao seio Eulalia.

— Esqueceu-me, mãisinha!

— Que esquecimento!... Não t'o perdôo!...

Duarte voltou o rosto, com o coração alanceado.

— Tirei-a para lavar o pescoço — tartamudeou Eulalia — e esqueceu-me de a tornar a pôr.

— Tirou-a para... — balbuciou Duarte, e susteve-se por um gesto de Eulalia.

Presenciou Marianna que seu genro, depois d'aquella subita interrupção, encostára ao seio a face da esposa com ancioso estremecimento; mas não comprehendeu senão que os dous casados se amavam muito, e que sua filha deixára a cruz e o cordão por esquecimento.

No entanto, Antonio Pereira, como recebesse a nova da sahida de Eulalia, voltou da casa do lavrador para a sua, e despediu os creados de Duarte, a creada grave, a cozinheira, o capellão, e despediria os proprios Santos da capella, se elles lhe fizessem despeza. No funccionalismo da cozinha reintegrou uma velha caseira, que, em mais felizes tempos, lhe adivinhava o paladar, e regalava o coração com umas rabanadas em mel, manjar de anjos que a cozinheira de seu filho não sabia fazer. Uma, e a não menor, angustia do lavrador eram os fricassés da culinaria

de Duarte, que o proprio capellão, vesado a todos os cozinhados, desadorava.

Aquelle homem dos bons tempos tinha alguma cousa mais sensivel do que o estomago: era o sacco do dinheiro, vasio dos centenares de peças, o sacco do dinheiro, que lhe fôra na sua economia animal a mais importante viscera. Sacrificára-o, amputára-o da sua essencia, cuidando que assim reduzia o filho aos prazeres da familia, e assegurava na sua descendencia a conservação dos bens, em que elle se estava revendo, decorridos seculos. Além de que, o lavrador era pai affectuosissimo: — doia-lhe em dôbro a perda do filho e do dinheiro.

Por isso, adoeceu, ao vêr-se só n'aquelle casarão, servido pela caseira, que se mostrava contente da rehabilitação da cozinha. Teve saudades do filho, e da angelica Eulalia, que tão pacientemente lhe ouvira os descomedimentos e aggravos immerecidos. Pensava já em mandal-os procurar a casa de Joaquim Luiz, e deixára para o dia seguinte o resolver-se.

No dia seguinte, porém, foi Antonio Pereira procurado por um cavalheiro, que disse ser o abbade de S. Verissimo, e se mostrou credor de doze mil cruzados, confessados em titulo legal por Duarte Pereira Forjaz, por si, e com procuração de sua mulher.

O lavrador via, mas não lia o titulo, que o ab-

bade lhe offerecêra. Fincou os cotovelos tremulos no travesseiro para sentar-se; esfregou os olhos lnubados e espasmodicos; abriu a bocca para arejar o peito que lhe estourava; lançou mão do titulo, e desfêl-o em pedaços.

— Ladrões! — exclamou — ladrões!

E recahiu offegante para o espaldar do catre.

O abbade estava attonito do que via, e algum tanto pensativo na sua segurança pessoal. O brado do lavrador chamára a attenção da cozinheira, e esta pedira soccorro aos lavradores visinhos, que se julgaram em apertos de nova invasão franceza. Como, porém, vissem que era menos grave o perigo, sahiram todos armados, e romperam bramindo até ao quarto do lavrador. O mais possante dos visinhos, antes de averiguar a natureza do roubo, assenhoreou-se do pescoço do abbade, a ponto de lhe estrangular na garganta a defeza.

— Deixa o homem! — disse Antonio Pereira ao caseiro.

O abbade de S. Verissimo, desatado da gonilha, fallou d'esta maneira:

— Eu de certo perderia de boa vontade o dinheiro que seu filho me deve, se soubesse que, emprestando o meu cabedal, ganhava nome de ladrão, e perdia não só o direito ao que tanto me custou a ganhar, mas até á vida. Saibam vm.ces — continuou

voltado ao auditorio conspirado — saibam vm.ces que eu vim aqui pedir a este homem doze mil cruzados, que emprestei ao snr. Duarte Pereira Forjaz, em boa moeda de ouro e prata, sem mais caução que um titulo, que apresentei a seu pai, bem longe de suppôr que elle o rasgaria, rasgando ao mesmo tempo a honra de seu filho. Não contente com isto, chamou-me ladrão, e sujeitou-me a morrer entre as mãos de vm.ces, que de certo não costumam pagar d'este modo as suas dividas, creio eu. Muito bem. Considero perdido o meu dinheiro. Agora o que pergunto é se poderei retirar-me sem algum braço quebrado. Se é preciso declarar, para não ser espancado, que recebi o meu dinheiro, estou prompto a assignar a quitação. Faz favor de decidir, snr. Antonio Pereira.

O lavrador, quando pôde desembargar a lingua apertada por soluços de verdadeira dôr, disse ao abbade:

— Será o senhor embolsado do seu dinheiro. Vá com Deus. Se eu morrer, o herdeiro lh'o pagará. Se viver, eu é que sou o fiador do meu desgraçado filho. Não tenho em casa nem doze moedas. Espere o senhor que eu venda algumas propriedades. Meu filho virá depois pedir um bocado de pão a quem lh'as comprar.

Sahiu o abbade, contente da sua mensagem.

Em duas palavras diremos que na manhã d'aquelle dia procurára Duarte o padre, instigando-o a pedir ao pai o embolso de doze mil cruzados, divida fraudulenta, que o desvariado moço legitimou com o titulo, estipulada a convenção de receber elle dous terços, vingando o ardil. Já se vê que o lavrador adivinhára um ladrão no apresentante do titulo; e o caseiro, que pensou em esganar o abbade, se executasse o programma, teria praticado um acto, se não justo, menos odioso de certo que o do celebre jogador.

Recordam-se ainda alguns velhos do Porto do abbade de S. Verissimo. Tinha elle casa de jogo á entrada da rua de Santo Antonio, e teve de arrendamento o salão do theatro de S. João para alli dar banca-portugueza nas noites de récita, annos antes da época que vamos historiando. Francisco de Almada, o regedor das justiças, fôra o arrendador. O producto d'esta veniaga era applicado ás obras do theatro, bem como os ganhos de um jantar hebdomadario para o qual cada conviva dava novecentos e sessenta réis. Alli foi que o abbade, emparceirado com o relojoeiro Vergara e outros sujeitos, que viveram mais tarde com honra, e morreram nobilitados, ganhou basto dinheiro, e menos credito de bom sacerdote, cousas que elle certamente conciliaria, se podesse.

Duarte deu o negocio por mallogrado: atormentavam-no, porém, as instantes necessidades. Aceitar alimentos de seu sogro era-lhe dolorosa humilhação, por mais benevola e delicada que recebesse a dadiva. A miseria era real. Só as ficções saudaveis, que a virtude inventa na adversidade, poderiam mitigar-lh'a. Virtudes n'aquelle homem perdido uma havia apenas: era reconhecer em Eulalia um coração do céo, um coração aberto em balsamos e confortos, que ora sahiam á face em risos de esperança, ora em lagrimas de religiosa paciencia.

Antonio Pereira, na ausencia do abbade de S. Verissimo, engolfára-se em meditações, que deviam leval-o á febre, e febre de maus symptomas. Em intervallos de juizo turvado, chamava a si Eulalia, e pedia-lhe perdão das offensas; mas ao aclarar-lhe o entendimento irrompia em apostrophes iracundas contra o filho, e contra a nora que subscrevêra á ruina da sua casa.

Constou a Joaquim Luiz, pelo medico assistente, que o lavrador estava em perigo, e desamparado de quem lhe ministrasse um remedio ou um caldo. Revelou o negociante a Duarte o estado de seu pai. Riram os olhos do infeliz... Infeliz é o nome que bem ajusta ao homem, cujos piedosos e filiaes sentimentos estavam já obliterados pelo vicio. Não condemnemos, sem attenuação, os reprobos, que não sou-

beram reservar da mortal peçonha da alma, um derradeiro sentir dos que brotam lagrimas em refrigerio de infernaes remorsos. Não os condemnemos, em vista do que lá vai de agonias surdas n'aquelle viver. Sejamos por elles com a bandeira de Jesus Christo, quando tudo lhes é contra, e elles proprios se laceram a si, como a ave, que se espedaça o seio, para alimentarem o vicio com desvergonhas e affrontamentos ao mundo, os quaes Deus sabe que supplicio lhes são!

Duarte, pois, sorriu á ideia de ficar sem pai, senhor da sua casa, mais rico do que nunca, e desembaraçado de credores e de protecções pesadas ao seu orgulho. Eulalia ouvira tambem a noticia, e dissera:

— Desamparado!... pobre homem! Queres tu que eu vá assistir-lhe na doença, Duarte? Deixa-me ir.

— Sujeitas-te a ser repellida e maltratada, disse o marido.

— Quem sabe! Se elle me ralhar, eu não lhe respondo, e vou cuidando n'elle; se me repellir, irei teimando até que elle me receba com indifferença.

— Vai minha filha, vai — disse o negociante — que eu vou acompanhar-te, se teu marido não fôr.

— Eu de certo não vou, atalhou Duarte.

— E porque não ha-de ir? — disse o negocian-

te, que não sabia o acontecimento do abbade de S. Verissimo — Vá que seu pai ha-de recebêl-o como pai; e, quando o censurasse, não será isso razão forte para que o snr. Duarte deixe de ir pedir perdão a seu pai enfermo, e póde ser que moribundo.

— A Eulalia que vá; e, se vir que elle me recebe sem algazarra, mande-m'o dizer, que eu vou immediatamente.

N'essa mesma hora, partiram o negociante e a filha. Foram direitos ao quarto de Antonio Pereira, na feliz conjuncção em que elle se estava confessando a um bom frade de Grijó. Lá entre a consciencia do velho e o ministro de Deus se estava preparando uma branda recepção a Eulalia. Duarte, se tambem viesse, encontraria abertos os braços de seu pai.

Aberta a porta do quarto, entrou Eulalia. Reconheceu-a o frade, e levou-a pela mão ao leito do moribundo.

— Meu filho onde está? — disse Antonio Pereira.

— Logo vem, não tarda aqui, disse ella, relanceando os olhos para o pai.

Joaquim Luiz mandou chamar a toda a pressa o genro, e sentou-se á cabeceira do enfermo, fallando a linguagem da esperança na continuação da vida da alma na eterna patria dos que a tem ganhado com suas virtudes. Ouvia-o com anciada attenção o alque-

brado velho, e a revezes desabafava em gemidos, levando ao peito estertoroso a mão de Eulalia. A custo lhe dizia palavras entrecortadas, e mal entendidas; mas algumas reteve na memoria a lagrimosa menina, que alli se estava estarrecida n'aquelle espectaculo de dissolução. Dissera-lhe elle: « Se um dia tiveres fome, minha filha, não te queixes de mim, que fui causa do teu desgraçado casamento, nem de teu pai, que foi contra a minha opinião. Perdôa-me, Eulalia, perdôa-me, que eu devia conhecer meu filho, e adivinhar que serias infeliz. »

Aplacavam-lhe o anceio as meigas expressões de Eulalia, e as religiosas confortações do negociante.

Seguiu-se o ser sacramentado o agonisante, já com pouquissimos alentos. Duarte fôra chamado por seu pai repetidas vezes.

— Não torno a vêl-o, — dizia elle — E não queria morrer sem vêl-o!...

Á meia noite, chegou Duarte, e ouviu o chorar alto de sua mulher, antes de entrar no quarto. O negociante sahiu fóra, e disse ao genro:

— Devia vêr como morre um justo, snr. Duarte.

— Já morreu? — disse o filho do justo.

— Morreu agora: está nos braços de Eulalia.

Duarte entrou no quarto, e sentiu coar-lhe no sangue um frio de terror religioso. Tomou a mão do

pai, fitando-o no semblante. Então viram todos o levantarem-se as palpebras do supposto cadaver, encararem os olhos no rosto do filho, e assim ficarem, expedido o ultimo alento.

Insensivelmente Duarte curvou o joelho, e lembrou-se de sua mãi, porque sua mãi lhe ensinára a oração pelos mortos.



VIII.

O ADVOGADO.

Dizia, n'uma hora de folga, José da Fonseca a sua mulher, passado um anno de casado:

— Olha, Maria não estou contente commigo, nem comtigo.

— Porque, filho!?

— Começo a sentir uns impetos de ambição, que me incommodam! Penso ás vezes na riqueza, e acredito que é bom ser rico. Eis aqui o que me traz em odio de mim mesmo. Agora vou dizer-te porque não estou contente de ti.

— Ora diz, José — atalhou Maria, sentando-se aos pés do marido, e encostando a face á mão d'elle — Porque estás descontente commigo?

— Porque me desanimas a ambição. Vejo-te sempre alegre na mediania. Mediania queres tu que eu chame ao que é realmente pobreza; pois seja mediania. Quando eu te fallo em comprar para o teu quarto uma banqueta, um adôrno, uma jarra, pedes-me o dinheiro para escolheres e comprares o objecto, e vaes comprar vestidos para minha mãi e irmans. Os amigos, que nos visitam, já dizem que nós aferrolhamos o dinheiro ou o damos a juro; outros, vendo a modestia e o descuido da nossa mobilia, divulgam que eu sou jogador. Outros pedem-me dinheiro de emprestimo; e, como eu a custo posso dar-lhes uma parte do que me pedem, vão dizer que eu sou sovina, avarento, e incapaz de ter amigos que me custem favores. Diz-se geralmente que eu apuro quatro a cinco mil cruzados por anno. Pedem-me contas d'este dinheiro, e escarnecem-me quando eu digo que teria precisões de um jantar depois de muitas horas de trabalho, se não fossem o teu governo e os milagres de economia que tu fazes, Maria. A culpa d'isto és tu.

— Eu! olha que mau homem tu és! — interrompeu ella, sorrindo como elle sorria.

— És tu, porque me dás grandes louvores e abraços, quando eu te conto o meu proceder como advogado. Devias dizer-me: « não sejas criança; faz como fazem os outros; olha para fulano e cicrano,

que tem a quarta parte dos teus clientes, e vivem com aceio, dão assembleas, vão com as suas familias á opera, sahem para o campo a divertirem-se em jantares, e compram propriedades, em quanto tu, se assim fores, estás em risco de vender o pobre predio que teu pai deixou a ti e a tuas irmans. » Se me tu dissesses isto muitas e repetidas vezes, eu havia de cahir na razão, e aproveitar o perdido. Os meus amigos não andariam a esta hora por ahi a chamarem-me sovina, avarento, desmazellado, e até jogador. Ora ahi tens a razão porque me vaes sahindo uma mulher mal ageitada, e uma metade que não serve para bem guiar a outra metade. Lá porque as Sagradas Escripturas dizem que tu és o osso do meu osso, não cuides que nos devemos reduzir a ossos, e dar a ossada. E' tempo de nos fazermos gente á semelhança dos que sabem ser gente. Façamos de conta que a virtude precisa de ser alterada com um pouquinho de maldade, e vamos cuidar em ser ricos.

— Vamos a isso — disse Maria com ar jovial, enclavinhando os seus dedos nos das mãos do esposo.

José da Fonseca estava pensando como principiar o prospecto do seu enriquecimento, quando lhe bateram á porta do escriptorio, onde o dialogo se passava.

Era uma adeleira, que trazia ao pescoço cordões d'ouro com grandes corações pendentes, e nos braços alguns fatos usados.

Disse a adeleira:

— Snr. doutor, uma lavradeira de S. Cosme deu-me a vender dous cordões, e disse-me que os vendesse pelo que elles dessem. Fui pesal-os ao contraste e elles tinham dezoito moedas. Outra lavradeira, que tinha gana á dona dos cordões, deu-me trinta moedas por elles, só para os pôr á vista da outra.

Eu dei dezoito moedas á dona, e mais o feitio que me pareceu. Não tinha obrigação de lhe dar mais nada; mas a malvada, sabendo que a visinha me deu trinta moedas, manda-me agora citar para que eu lhe pague mais onze, que uma lhe dei eu de feitio. Que lhe parece esta pouca vergonha, snr. doutor? Doze moedas sou eu capaz de as dar a v. s.ª se fizer com que ella pague as custas da demanda.

— Ora diga-me — perguntou o jurisconsulto — porque preço lhe disse a dona dos cordões que os vendesse?

— Pelo que elles dessem.

— E quanto deram?

— Trinta moedas.

— Deve vm.ce dar trinta moedas á dona dos cordões, menos a commissão do seu trabalho.

— Isso é o que ella quer.

— E quer o que vm.ce lhe deve.

— Mas eu dei-lhe o peso do seu ouro.

— Mas a dona dos cordões não lhe disse que os vendesse segundo o peso; e sim que os vendesse pelo que elles dessem. Deram trinta moedas; tem vm.ce de restituir doze, fóra a percentagem.

— Mas é que v. s.a póde dizer que ella m'os mandou vender pelo peso, e, se vencer, eu dou-lhe as onze moedas.

— Eu não posso dizer senão a verdade como vm.ce m'a contou, mulhersinha.

— Então não temos nada feito, snr. doutor.

— Alguma cousa fizemos: vm.ce confessou o furto diante de duas testemunhas, que se offerecem á authora para jurar na justiça da sua causa, e vm.ce ha-de restituir o que não é seu.

— Essa agora! — exclamou a adeleira — com que então o snr. doutor vai jurar contra mim?

— E minha mulher tambem vai jurar a favor da creatura, que pede o que é seu. Ora escute lá, mulher. A lavradeira, cujos cordões vm.ce vendeu, veio antes de hontem aqui consultar-me, e offerecer-me procuração contra vm.ce Contou-me ella exactamente a mesma historia; eu, porém, como não tivesse documento algum, que provasse a recommendação, que lhe ella fez da venda, disse-lhe que

não intentasse acção, que a perdia. A mulher achou quem lhe aceitasse a procuração, visto que vm.ce foi citada. Vamos a remediar isto do melhor modo: vm.ce dá-lhe seis moedas; e ella perdôa-lhe o restante. Se assim quer, eu farei que ella venha a este accôrdo.

— Mas eu venço — replicou a adeleira — se a demanda fôr ao cabo.

— Vence, se a authora não tiver testemunhas da confissão, que vm.ce me fez: mas se, ella as tem... Ora, olhe, mulhersinha, a sua consciencia não lhe diz ás vezes que fez um furto?

— Ágora diz! isto é negocio, e, como o outro que diz, quem pilhou pilhou, quem não pilhou pilhasse.

— Essa doutrina, snr.a adeleira, aprendeu-a vm.ce dos francezes?

— Dos francezes? Credo! Olha os ladrões! raios os fundam!

— Pois então não queira que hajam portuguezes tambem ladrões. Deixe lá satanaz entretido com elles, e vá vm.ce limpando a sua consciencia para não ter de se encontrar com os malditos francezes no inferno. Olhe que essas moedas hão-de fazer um grande peso na balança da justiça divina. Verá vm.ce que leve sente a sua consciencia em tirando de cima d'ella esse peso de ouro, que lhe não faz nada á

sua felicidade, e póde fazer muita falta á necessitada mulher, que vendeu os cordões.

Esteve pensativa a adeleira, e disse a final:

— O snr. doutor parece um missionario, assim me Deus ajude! Está dito! Leve o diabo o dinheiro! Mande dizer á mulher que o vá buscar onde ella sabe que eu moro. Fique com Deus! Parece que já vou mais alliviada. Não, o senhor, se andasse a prégar por esses mundos de Christo, restituições não cançavam! Adeusinho, snr. doutor.

Maria estava reparando no seio da adeleira, quando ella se retirava, e disse-lhe com sobresalto:

— Espere ahi, mulher!... Deixe-me vêr um cordão com uma cruz, que vm.ce aqui traz.

— Ai! minha senhora, disse a adeleira, agora pouco trago á venda; mas sempre tenho trazido cousas mais lindas... Aqui tem o cordão.

— A quem comprou isto?! — exclamou Maria, descórando.

— Que tens tu? disse José da Fonseca — Pareces-me extraordinariamente agitada com a vista do cordão!...

— Este cordão — respondeu francamente a vendedeira — comprei-o a um sujeito a quem já tenho comprado outras cousas muito melhores.

— Sabe como se chama o sujeito? — disse Maria.

— A fallar a verdade, minha senhora, só sei que

elle é um figurão que mora ahi p'ralém da ponte, e que andava d'antes a cavallo com lacaio.

Maria chegou-se ao ouvido do esposo, e disse-lhe:

— É o cordão que minha mãi deu a Eulalia.

O espasmo de José da Fonseca igualou o de Maria. A situação de Duarte Pereira era nova para ambos. Sabiam escassamente que Eulalia era pouco feliz; mas, no tocante a riqueza, cuidavam que o jogador podia, apesar das conhecidas perdas, sustental-a sem abater-se á desgraça de vender as joias de sua mulher.

— Estás bem certa?—disse o advogado á esposa—Olha que não te enganes!...

— Vê estas letras—tornou Maria, mostrando na haste da cruz as iniciaes de sua mãi.

— Quanto vale este objecto?—disse Fonseca á adeleira.

— Eu paguei-o pelo peso que são seis moedas, e dei mais quatro cruzados novos de feitio.

— Por quanto m'o vende vm.ce?

— Por ser para v. s.a, dou-lh'o pelo custo.

O advogado foi á gaveta, e ajuntou dinheiro insufficiente para pagar o cordão. Chamou de parte sua mulher, e disse-lhe rindo:

— O primeiro advogado dos auditorios do Porto não tem seis moedas para comprar o cordão.

— Tens! — disse Maria, e sahiu do escriptorio, voltando com um punhado de miudezas de ouro, como anneis, alfinetes e trancelins.

— Olhe, mulher — disse Maria — vm.ce quer aceitar este ouro como penhor da importancia do cordão?

— O cordão, respondeu a adeleira, já lá o tem o snr. doutor para m'o pagar quando poder. D'um homem como elle fiava eu alqueires d'ouro em pó, quanto mais esse nada que ahi fica.

— Pois então — disse o advogado — leve vm.ce o dinheiro, que tenho, e virá buscar o resto passados dias.

— Não levo nada; — redarguiu a mulher, — tomára eu cá muito. Cuida que o seu conselho não havia de ser pago? E' o que faltava fazer-me v. s.a um sermão tamanho de graça! Assim me Deus salve, que vou melhor do que vim. Ha bocado estava cá por dentro de fel e vinagre contra a lavradeira dos cordões, e agora estou, como o outro que diz, com dôr d'ella, e tomára eu já dar-lhe o dinheiro, que me está cá dentro a fazer peso. Se quizerem alguma cousa de mim, não tem mais que mandar chamar a Custodia de Cima de Villa, rua do Captivo, sou bem conhecida.

Sahiu a snr.a Custodia em paz com a sua consciencia, como se me offerece cuidar que pouca gente

sahe do tremendo tribunal da confissão. Maria, contemplando lagrimosa o cordão, dizia:

— Minha pobre irmã, que soffrido tens sem ninguem saber! Vê tu, José, que miserias occultas vão na casa opulenta de Duarte, do Duarte que atirava ouro a mãos cheias! Com que afflicção minha irmã tiraria do pescoço esta cruz que todas beijamos, quando nossa mãi lh'a lançou ao pescoço!... E' preciso restituir-lh'a; deixa-me ir levar-lh'a a casa do pai, se o Duarte não estiver lá.

— Pensa primeiramente — reflectiu o marido. — Convém talvez respeitar o segredo de tua irmã. Se ella não confessa as suas dôres, é mau irm'ol-a obrigar a confessál-as, restituindo-lhe o cordão. Sabe primeiro se ella disse a tua mãi que o marido o vendeu. Desmentil-a, se ella enganou a mãi, é levar-lhe um soffrimento, que a posse do cordão não compensa, Maria.

N'esse relance, foi a casa de seus paes Maria, e soube que a irmã fôra assistir á perigosa enfermidade do sôgro. A mãi, já conhecedora das desventuras secretas de Eulalia, chorava, contando-as a Maria.

— Até o cordão lhe deu! — dizia ella em alto ponto de consternação — até isso, filha, foi vendido para o jogo! O cordão com que minha mãi morreu! aquella cruz que eu beijei de sua mão no dia em que me casei! Dei-lh'a como quem dá um grande

dote, e até lhe disse: « Eulalia, se tiveres filhas, dá á primeira que casar esta cruz, que leva felicidade e salvação. » Seja pelo divino amor de Deus! Não lhe quero mal á desgraçada menina por isso... Disse-me ella que, antes de dar o cordão a Duarte, estivera de joelhos a pedir ao Senhor crucificado, que o collar tinha, permittisse ganhar o marido o dinheiro perdido para pagar as dividas e não dar a saber ao pai as suas extravagancias. Em tão má hora foi, que perdeu tudo quanto levava! Seja o Senhor louvado! Deus é que sabe a razão das cousas que acontecem. Seria assim melhor...

— E a mãi não fez algumas diligencias para encontrar o cordão? — disse Maria.

— Se fiz, filha! Mandei a todos os ourives, e nenhum deu noticia de o ter comprado. Pedi a Eulalia que por bons modos perguntasse ao marido a quem o vendeu; mas teu pai ouviu isto, e disse-nos que não fallassemos mais em tal cordão.

— E a mãi, se o achasse, dava-lh'o outra vez a Eulalia?

— Dava, dava, Maria!... Parece-me que a pobresinha estava livre de maiores desgraças, se trouxesse ao peito aquelle Senhor crucificado!

— Pois então, mãi, aqui tem o cordão de Eulalia.

— Ó filha! — exclamou Marianna — é este mes-

mo! Ó meu divino Senhor, tornastes ás minhas mãos! Isto é bom agouro, minhas filhas! Foi um milagre! Se aqui estivesse vosso pai, elle é que vos sabia dizer palavras que todas haviamos de chorar. Conta-me como foi isto, Maria, como te veio ás mãos esta reliquia de nossa casa...

Maria principiava a contar o caso de si tão simples como a singelesa com que o leitor m'o ouviu, em testemunho da sua muita paciencia, ou amor ás descripções singelas. A chegada de Duarte interrompêra o conto, que Maria depois proseguiu, partindo o cunhado ao chamamento do pai moribundo.

Para nos avisinharmos da epigraphe d'este capitulo, iremos dizendo o que a reminiscencia nos der das noticias que houvemos do advogado José da Fonseca. Não seguimos o curso dos annos, porque nos deram em traços desligados a sua biographia obscura.

Sabemos que José da Fonseca, depois de quatro annos de casado, sobre gosar creditos de muito saber e probidade igual, possuia de suas economias cabedal sufficiente para comprar uma quinta nos arredores do Porto. Maria já então era mãi, e pensava muito em segurar o futuro de seu filho em propriedades rusticas. N'este pensamento ambos tinham trabalhado incansavelmente tres annos: elle no escriptorio, ella no amanho da casa, privando-se de criada

para forrar o que podia supprir com as suas dôces canceiras. O dinheiro para a quinta estava vencido, quando o advogado perdeu uma causa que elle julgava evidentemente vencida, e por involuntario descuido seu se perdêra. Consistira o descuido em deixar elle nas suas gavetas uma certidão de um praso, em que fundava a justiça do processo, já em julgamento no tribunal da supplicação. Perdida a demanda, Fonseca, indignado da injustiça, folheou os autos em busca do documento não mencionado no accordão. Como o não visse, nem o auto de ajuntamento d'elle aos feitos, culpou-se a si da perda do litigio, procurou o documento, e encontrou-o baralhado entre papeis.

Nada disse a Maria. Sahiu para esconder dos olhos extremosos e prescrutadores da esposa a sua amargura. Voltou ás horas do trabalho, e debalde se esforçou em forçar o espirito ao lavor, que tão caro lhe era. Ouviu com semblante risonho fallar-lhe Maria da quinta apalavrada, e contou com ella os dias que faltavam para irem tomar posse, ou lá passar umas ferias.

Ao dia seguinte, o cliente de José da Fonseca, esmagado na sua justiça, veio, carpindo-se, pedir ao seu patrono que lhe esperasse alguns mezes pelos seus salarios, visto que elle, perdendo a causa que tão vencida e justamente vencida julgava, ficava po-

bre, e carregado de dividas. Terminou com lagrimas o cliente o seu discurso, sem proferir palavra que onerasse o advogado da responsabilidade da perda.

José da Fonseca ouviu-o em silencio, silencio que o cliente interpretára como desagrado do pedido.

— O meu constituinte nada me deve — disse o advogado.

— Nada lhe devo! — atalhou o confuso litigante.

— Em quanto reputava o senhor o valor dos bens que queria reveindicar?

— Os bens tinham lá nos autos a sua avaliação. Sommavam seis mil cruzados.

— O senhor dava-os por esse valor?

— Dava, snr. doutor. Até já os tinha contractado por esse preço, e por me ter dito v. s.ª que eu não podia perder a demanda.

— O senhor não podia realmente perder a demanda: quem a perdeu fui eu: o condemnado a pagar-lhe o valor dos seus bens, sou eu. Espere.

Sahiu do escriptorio Fonseca, e foi ao seu quarto onde tinha em saccos o dinheiro designado para a compra da quinta. Contou-o para deixar o pequeno excesso que tinha em moeda. Maria, ouvindo o tinir da prata, correu alegre a perguntar-lhe se ia pagar a quinta.

— Vou pagar a honra; — disse o marido — a

quinta com a deshonra não era quinta, era um inferno para nós, Maria. Quando o nosso filho tiver uso de razão, e ambições de bens, tu lhe dirás que seu pai podia deixar-lhe quintas sem probidade, mas antes quiz deixar-lhe exemplos de probidade sem quintas.

Ficou estupefacta, mas sem magoa, Maria. Aquellas duas almas estavam como alumiadas pelo mesmo raio de graça, ou, para assim dizer, suspensas da mão do mesmo anjo.

O jurisconsulto contou seis mil cruzados ao seu cliente, o qual, com o rosto desfigurado pelo espanto, se estava beliscando para bem se convencer de que não sonhava.

— O valor dos seus bens, segundo o senhor me disse, são seis mil cruzados — rematou o advogado, indicando-lhe os castellos das moedas — Levante isso que é seu, excepto os meus salarios, cuja conta lhe vou dar.

O cliente tanto ria como chorava. A virtude do doutor parecia-lhe bella; mas o dinheiro disputava a belleza á virtude.

— Isto nunca se viu, snr. doutor! — disse elle para dizer alguma cousa — Ao menos fique v. s.ª com metade.

— Aqui tem o preço do meu trabalho — atalhou Fonseca.

O cliente reparou na somma, e viu uma pequena quantia.

— Ora essa! — exclamou elle — Eu dava-lhe cá só essa bagatella!... V. s.ª ha-de ficar com vinte ou quarenta moedas.

— Os meus salarios são trinta e seis mil réis, replicou o advogado. — Peço-lhe que se não demore, porque tenho muitas occupações.

O cliente, forçado pela solemnidade d'aquelle pedido, deixou na banca de seu advogado trinta e seis mil réis, e sahiu a contar o successo.

Muitos collegas de José da Fonseca, ouvindo sem admiração a historia, diziam:

— Não fez nada de mais: cumpriu o seu dever. Se perdeu a causa por descuido ou ignorancia, era em consciencia obrigado a indemnisar o cliente dos damnos do seu descuido ou ignorancia.

Estes eram os que tinham quintas;

E iam á opera com as suas familias;

E aos jantares campestres;

E ostentavam os ornamentos das suas casas;

E tratavam de mano a mano com os grandes;

E cobravam judicialmente os salarios dos pleitos que perdiam;

E mercadejavam com as partes os vencimentos dos pleitos;

E diziam que José da Fonseca era avaro ou jogador;

E ficaram depois dizendo:

QUE ERA DESCUIDADO OU IGNORANTE.

José da Fonseca sabia o juizo que os seus collegas formavam do seu procedimento, e dizia á esposa:

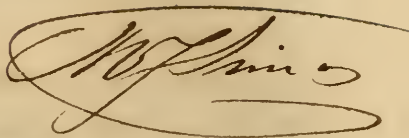
— A nossa quinta, Maria, vai produzindo fructos bem amargos!

E sorria-se aos gestos da criancinha, que a esposa lhe passava aos braços.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

SEGUNDA PARTE.





I.

DESPENHADEIRO.

Senhor de seus grandes haveres, Duarte Pereira deliberou residir no Porto, e passar somente na aldeia a estação em que os homens da sua estôfa se retiram aos seus solares. Eulalia gostoú da resolução, posto que seu pai a qualificasse de mau agouro.

Tomou Duarte um palacete no Porto, adornou-o primorosamente, vestiu de novo os seus servos com a libré dos Forjazes, e fez pintar o brazão genealogico na carruagem, a melhor entre todas as dos seus parentes.

Feito isto, é que Duarte calculou os rendimentos dos seus bens, e achou que podia, quando muito, apurar quatro mil cruzados escassos em annos

ferteis de cereaes. Disse-lhe o seu mordomo que a despeza, segundo o programma recebido, excedia o rendimento. Duarte foi superior ao computo, e manteve, na sua integridade, as ordens dadas e as regalias projectadas.

Como quer, porém, que, alguma hora, lhe désse para scismar n'uma subvenção ás despezas que necessariamente deviam damnificar o capital, occorreu-lhe uma ideia, cuja estulticia corre parelhas com as ideias de muitos economistas: resolveu jogar! Esta maxima trouxera elle já de Coimbra: « O muito dinheiro attrahe o pouco, á maneira do oceano que bebe os humildes regatos; o pouco dinheiro, em mão de jogador, some-se-lhe por entre os dedos, como os humildes regatos em terra sequiosa. » Tinha ao menos linguagem puxada a maxima! — o que não acontece ás maximas de muitos economistas. A conclusão de Duarte é obvia: ganhar com o seu muito o pouco dinheiro dos outros. Logica impeccavel, consequencia rigorosa dos principios, que fartas vezes parecem zombar das consequencias.

Ora, como elle estava, dias depois da morte de seu pai, mal provido de dinheiro para assentar o polo de attracção diante das migalhas pecuniarias dos parceiros, e já tivesse consummido o prompto dinheiro que liquidára de dividas ao defunto, entendeu que lhe era mister vender uma de suas quintas

em Santa Maria da Feira para assentar a base das suas operações. Tudo isto é racional.

Liquidou da quinta alguns mil cruzados, desquitou-se do restante das dividas, e deu execução ao gisado plano.

N'aquelle tempo, estanceavam no Porto alguns inglezes da companhia de Wellington, pertencentes á guarda real do rei da Gran-Bretanha. Eram todos officiaes de superior patente, filhos de grandes casas, *lords* alguns d'elles, todos jogadores de temoroso vulto, e coragem de quem tem quarenta mil, cincoenta mil, cem mil carneiros na sua terra.

As mais distinctas familias do Porto abriram os seus salões aos guardas reaes, e cada familia estabeleceu uma banca portugueza para lhes minorar os tédios d'uma conversação por acênos. Dizia um d'estes officiaes que jogava a medo porque tinha apenas trezentas mil libras esterlinas de renda; mas que o seu coronel podia jogar com desafogo, porque tinha de sua casa um milhão de libras de rendimento, e outro milhão da casa de sua mulher, tudo em carneiros. Com estes *humildes regatos* é que o oceano de Duarte Pereira tinha de as haver. Quatro mil cruzados de renda não podiam deixar de absorver os carneiros do coronel e os carneiros da esposa do coronel.

Este infeliz (o coronel é o infeliz) quando sahia

de sua casa para a de D. Antonio de Amorim, na praça que hoje dizem de D. Pedro, levava de poz si um soldado com um sacco oblongo de couro. Este sacco ia cheio de guinéos, e os guinéos despejava-os o coronel na profunda barretina, e d'ahi os tirava aos punhados, e lançava sobre o pano verde da banca.

Duarte Pereira, quando isto viu, reformou a maxima coimbran, e disse de si para o seu dinheiro:

« Os humildes regatos podem beber o oceano. O pouco dinheiro em mãos de um habil jogador, é como o pequeno iman que puxa a si grandes pesos de ferro. » Coxeava a maxima na natureza dos metaes.

Jogou Duarte, e ganhou na primeira noite o contheudo da barretina do coronel. Gostou elle tanto de ganhar o dinheiro, como de inventar a reforma da maxima. Comparou o ganho de uma noite com as perdas de anno e meio, e viu que estava desforrado com vantagem. « Agora posso jogar com desabafo! O peior é — acrescentou elle — se não continúa a vigorar a maxima reformada; porque o oceano agora sou eu! »

N'esta perplexidade, foi á noite seguinte procurar o salão dos Fonsecas, onde iam os guardas reaes. Lá estava o coronel, esperando o banqueiro que era Duarte, e diante do coronel o sacco de couro, tumido de libras, e o profundo chapéo já de copa abaixo para receber o despejo.

N'esta noite, vigorou a maxima sem reforma, ou não vigorou maxima nenhuma. O oceano de Inglaterra recolheu ao seu bojo o braço de mar, que tinha ido refrigerar, vinte e quatro horas, as ardencias imaginativas do nosso La-Rochefoucauld de tavolagem.

Ás noites seguintes, Duarte deixou o senhorio da banca, e passou á condição secundaria e ruinosa de ponto. As perdas succederam-se de mais a mais; e uma noite notou-se a falta do assiduo cavalheiro. É que tinha ido á Rechousa vender segunda quinta, a mais productora de todas, e desejada de muitos compradores.

Não nos deteremos em demonstrar a verdade d'aquellas palavras do Evangelho, tão de molde e geito applicadas a variados incidentes da vida humana: « o abysmo chama o abysmo. » Duarte resvalava vertiginosamente, sem accôrdo de si, por todos os despenhadeiros que param em indigencia, e no absoluto impossivel da rehabilitação.

Eulalia adivinhava os trances d'aquella alma, que se contrahia em suas afflicções, como se houvesse vilipendio de mostrar-se qual era. O negociante estava sempre dizendo a Marianna que esperasse, cedo ou tarde, á sua mesa a filha a quem devia o pão, e o genro a quem devia caridade. José da Fonseca alguma vez ousou sentar-se nas estofadas cadeiras

de Duarte Pereira Forjaz para lhe pedir, em nome de sua mulher e de sua honra, não se reduzisse ao extremo de pedir a seus pobres sogros que lhe sustentassem a esposa.

Duarte ouvia com menospreço e offensa do seu orgulho reflexões d'estas, dictadas, segundo elle, pela mesquinharia d'um homem, que não pensava senão em segurar o pão do dia seguinte.

Eulalia acudia pela virtude de seu cunhado, e exemplificava a felicidade de sua irmã.

Enfastiado de ouvil-a, disse-lhe, uma vez, Duarte:

— Que me andas tu aqui a fallar na felicidade de tua irmã? Quem conhece tua irmã!?

— Conheço-a eu, Duarte, e tambem tu a conheces. Duvídas que ella seja feliz por isso mesmo que ninguem a conhece?

— Feliz, pois não! Recebe-te com o abano da cozinha na mão, quando a visitas; e vem a tua casa com um vestido de guingau e uma mantilha de durante.

— E que tem isso, Duarte? — redarguiu Eulalia em tom de muita brandura, receiosa de molestal-o — Acredita que é feliz minha irmã; e eu creio devéras que ella o é, porque tambem eu era capaz de o ser com um vestido de guingau e uma mantilha de durante.

— Instinctos baixos, é o que tenho a concluir de ti e d'ella.

Eulalia não replicou: sahiu com disfarce, e fez confidencia das lagrimas ao recinto do seu quarto.

D'outra vez, perguntava-lhe Duarte o que fazia o seu cunhado doutor ao dinheiro que apurava na rabulice.

— Meu cunhado — respondeu Eulalia — ganha pouco, Duarte. A' gente pobre não leva dinheiro, e ás vezes até lhes dá dinheiro para costearam as despezas das demandas. Se as perdem injustamente, perde o trabalho e o emprestimo; se as ganham, dam-lhe o que querem pelo seu trabalho.

— Então é tolo o teu doutor!

— Não é tolo, é bom, meu Duarte. Se soubesses as virtudes d'aquelle homem, acreditavas na felicidade de minha irmã, e desejavas poder ser o que é meu cunhado, para eu ser tão feliz como ella.

— Forte teima! — acudiu Duarte exasperado — Que são virtudes!? As virtudes de teu cunhado! E' virtude ter alli a mulher na cozinha como uma rodilha? E' virtude fazêl-a crear o filho? E' virtude não lhe dar uma criada nem uma ama de leite? E' virtude trazêl-a vestida como tu trazes as tuas criadas? E' virtude repartir-se em generosidades com os de fóra, e deixar sua mulher rodeada de privações? Responde a isto!

— Eu só respondo que minha irmã é feliz — disse timidamente Eulalia — Se ella não aceitasse a vida, que tem de apparentes faltas, olha tu que minha irmã não poderia praticar certas liberalidades, que eu, apesar de rica, nunca pratiquei.

— Liberalidades, quaes? Deu algum subsidio para a guerra? dotou algum convento de freiras? fundou algum lausperenne, ou hospital?

— Não, isso não poderia ella fazer.

— Então que fez?

Eulalia ia a responder, mas hesitou.

Duarte insistiu com azeda pertinacia:

— Vamos, responde, que fez ella?

— Eu te digo, Duarte. Vês este cordão com esta cruz?

E tirou do bolso o objecto que mostrava, continuando:

— Lembras-te que vendeste ha mezes este cordão?

— Lembro — disse elle com enfado — Como tornou isso á tua mão?

— Comprou-o minha irmã á adeleira a quem o tu vendeste, e deu-o a minha mãi para que ella m'o restituisse. Não te zangues, meu amigo. N'isto não ha cousa que te deva magoar.

— Mas eu dispenso os favores de tua irmã. Já te comprei dobradas joias das que tinhas, e daria

muito dinheiro por achar esse cordão, que pouco vale. Quanto deu tua irmã por elle?

— Não sei, Duarte; e porque me perguntas tu isso?

— Para lh'o pagar.

— Pagar-lhe a boa acção com uma desfeita, meu amigo?! Não faças isso!

— Não é desfeita, é dinheiro. Ahi está — disse elle, atirando com um punhado de guinéos sobre uma banca — Manda, ou vai pagar-lh'o immediatamente, senão eu me encarrego de o fazer.

Eulalia supplicou-lhe que não fosse desgostar sem precisão sua pobre irmã. Elle, porém, cego de sua soberba, embrulhou dez guinéos, e mandou-os ao advogado, com estas simples palavras, escriptas a lapis na pagina tirada de uma carteira:

« Por pagamento de um cordão, que tem minha mulher, resgatado por sua irmã. »

José da Fonseca recebeu o dinheiro e o bilhete da mão de um criado agaloado. Lêu, e disse-lhe:

— Póde ir, que fica entregue.

Depois chamou Maria, e disse-lhe:

— Teu cunhado mandou este bilhete e este dinheiro por um lacaio. Põe tu a tua mantilha, e procura teu cunhado. Entrega-lhe o dinheiro, e diz-lhe a verdade.

Foi Maria ao palacete de Duarte Pereira Forjaz.

Encontrou-o no pateo, examinando a limpeza dos cavallos. Chamou-o de parte, e disse-lhe:

— Venho restituir-lhe o seu dinheiro. — Meu marido de certo o aceitaria, se o tivesse desembolsado, porque somos pobres, mas foi o caso que a mulher a quem compramos o cordão, ficou de ir buscar o dinheiro, e nunca foi. Chegamos a mandar-lh'o, e ella não quiz aceital-o. Aqui tem o snr. Duarte a razão porque este dinheiro não é nosso.

— Pois n'esse caso guarde-o para um vestido —disse com altivez Duarte.

— Deus sabe que não rejeito o favor por vaidade — tornou Maria — mas em todas as minhas acções é preciso que domine a vontade de meu marido, e eu não posso aceitar sem sua licença favores de meu proprio pai.

— Faça o que quizer. Se vai para cima, dê lá o dinheiro a Eulalia.

Maria foi encontrar a irmã debulhada em lagrimas. Consolou-a, mostrando-se illesa da supposta offensa; reanimou-a para esperar, depois de todas as desgraças, dias de serena paz no seio da pobreza. Era esta uma prophecia que á propria Eulalia parecia muito longe de realisar-se.

Nas horas de grande afflicção vem de seu o desafogo da pena que o proposito e o estudo tivera em

segredo. Eulalia expandiu-se nos braços de Maria, e fallou assim:

— Soffro o que ninguem sabe, Maria! Não me queixo ao pai, porque, ainda antes de me perguntar se soffro, diz-me que tenha paciencia. Aconselhou-me, pintou-me os infortunios, que eu podia experimentar. Resisti a tudo com o meu pobre coração que tanto me mentia! Que hei-de eu agora dizer-lhe? Que remedeio eu com os queixumes, Maria?! Iria angustiar nossa boa mãi, e abreviar os dias de ambos... Duarte era carinhoso para mim nas poucas horas que estava commigo há seis mezes; mas, desde que veio para o Porto, o seu viver em casa é um continuo desespêro. Tudo o impacienta. Não me quer ouvir; foge de me vêr; acha em tudo contrariedades; aborrece-lhe quanto eu faço para o distrahir d'aquella especie de loucura. É o jogo, Maria, o maldito jogo, que me roubou o coração de Duarte, e nos ha-de deixar pobres. Tu verás que eu tenho ainda de ir pedir segunda vez a nossos pobres paes um quarto para dormir e um vestido para me cobrir. Não fazes ideia das escripturas de venda de bens, que eu tenho assignado. Os que temos rendem menos de um terço das nossas despezas. Tem-me contado o mordomo o estado da nossa casa. Ainda hontem Duarte me fez assignar uma paga dos rendimentos de tres annos. E não ha uma só noite

em que elle venha satisfeito para casa. Perde sempre, e passa o resto da noite a dar ais, ou torna a sahir, sem mesmo me dizer que soffre. Não o accuso quando volta, porque seria deshumanidade queixar-me de elle ser infeliz. Quero consolal-o, e elle até com as consolações se agonia! Aqui tens a minha vida, Maria. Compara as nossas situações. Tu tão socegada, tão amada, e tão feliz com teu marido e teu filhinho. Eu sempre em sobresaltos, repellida, sósinha, sem uma alma que me ouça as accusações ao meu triste destino!

E, fallando assim, lançou-se a chorar aos braços da irmã, que lhe não respondia, abafada pela compaixão.

N'este enlace mudo as encontrou Duarte, que viera de mansinho sobre tapetes para escutar a conversação.

As duas senhoras desderam o angustioso abraço, ouvindo abrir a porta. Duarte contemplou-as por instantes, e disse com ar festivo, mas ironico:

— Quem foi que prégou o sermão de lagrimas?! Ambas a chorar!... A snr.ª D. Maria, chorando em sua casa, faria melhor. Minha mulher, essa, como é minha, tem obrigação de me dizer porque chora.

Eulalia não respondeu, e Duarte proseguiu com inexoravel frieza:

— Porque choras, Eulalia? Queres outra car-

ruagem? Queres maior palacio? Queres um damasco mais lindo nas tuas poltronas? Queres mais criados para te servirem? responde.

Eulalia fitou os olhos na irmã, que tremia de susto, e ergueu os hombros, sorrindo amargamente.

— Isso não é resposta. Responde, Eulalia! Que queres tu?

— Queria morrer, Duarte — respondeu ella, levando á fronte as mãos, e pendendo a face para o seio.

O marido franziu a testa, olhou d'alto o espectaculo aborrecido da dôr, e passou á sala immediata, cerrando os punhos no phrenesi da sua angustia.

Esta é a vida dos perdidos, que tomam para si o maior quinhão do fel que fazem tragar. Irrita-os o aspecto do soffrimento, e em si proprios recurvam as garras do abutre da maldade, que nutriram em si. Se os consolaes com dôces admoestações de paciencia, cuidarão que zombaes da sua afflicção; se os recriminaes com querellas e reprehensões, sahirão contra vós em injuriosas invectivas; se o sangue do coração golpeado vos vem em lagrimas aos olhos, desarmareis a ira, que rompe em palavras ultrajantes, mas incutireis o exaspêro, a furia surda, que deixa na alma sedimentos de peçonha, mais funesta ao amor, que a vibora do odio.

Ai! linda e dôce Eulalia, tu nada és já no cora-

ção de teu marido! Na vida d'elle sei eu que eras unicamente uma testemunha de suas calamidades, silenciosa sim, mas enfadonha e oppressora.

Ha destinos infelizes que mais se exacerbam, quando, no atirarem-se ao seu termo fatal, encontram obstaculos, que apenas podem retardar-lhes uma hora a extrema queda.



II.

O NEGOCIANTE.

Maria, cuidando que remediava o soffrimento de Eulalia, foi contar ao pai os successos do anterior capitulo. Ouviu-a Joaquim Luiz, com as mãos cruzadas sobre o peito, e a alma alanceada de penas, cujo pungimento só podem os que forem paes dizêl-o a si por intuscepção; mas não a estranhos por palavras.

— Do que me contaste, Maria — disse o negociante, com apparente socego, ouvida a narrativa — concluo que a nossa Eulalia tem no presente a desgraça, e no futuro a indigencia. Para a desgraça actual podiam dar-se remedios, mas violentos, como o divorcio, tirar-se a administração dos bens a seu

marido, ou receber eu em minha companhia sua mulher. Desapprovo qualquer dos tres expedientes. O acabar-se o amor de Duarte a sua mulher não é motivo para divorcio. Os sagrados vinculos do matrimonio são vinculos suaves, mas tambem são como élos de corrente que prendem a mulher ao sacrificio: soffrer seu marido é mais que um dever, é uma santificação. Rejeito o ruim pensamento de tirar a Duarte o governo do que é seu. Eulalia foi pobre, e não tem filhos que legitimem a prova de incapacidade de seu marido, que ella terá de arrastar aos tribunaes. O pessimo resultado da dissipação é a penuria: quando minha filha chegar a essa extremidade, cá está seu pai. Trazel-a para mim já, não. A sociedade ignora a desordem e a desgraça, que vai n'aquella casa. Teria eu de ir dizer ao mundo porque tirei a esposa a seu marido. Ergueria o véo, e faria patente o escandalo, a deshonra do homem, e talvez a fraqueza de Eulalia.

— A fraqueza! — atalhou Maria — De que serviria ser ella forte, meu pai?

— Bem dizes, filha: de que serviria? Mas a sociedade, se lhe disserem que tal mulher fugiu a seu marido, porque elle desbaratava o casal no jogo, dirá que essa mulher amava somente o casal de seu marido, e era portanto indigna de que seu marido conservasse o casal em prosperidade para lhe agra-

dar. Se eu désse tal passo, o mesmo seria abrir o recinto sempre sagrado da familia, e dizer: « vêde o vilipendio d'este homem! não lhe fieis um pão, que elle ámanhã não poderá pagar-vol-o. » E a sociedade diria: « pai e filha deram-se as mãos para acabar de perder Duarte, cuja deshonrada pobresa nós escassamente suspeitavamos. Pai e filha foram criminosos, se não infames. » Maria, diz a tua irmã que, chegada a occasião de dar outra vez a seu marido a cruz de ouro, que traz ao peito, para elle a vender, que venha para a casa d'onde sahiu, perdido parte do seu dote, que era a cruz, e aproveitada a outra, a melhor parte do seu dote, que era a virtude.

Dito isto, Joaquim Luiz desceu á loja, onde Jeronyma o estava revesando. Sentou-se no mais sombrio do recinto, e debalde tentou suster as lagrimas. Jeronyma ajoelhou diante d'elle, afastou-lhe as mãos dos olhos, e disse-lhe:

— Meu pai, tanto faz trabalhar para tres como para cinco. A nossa Eulalia voltará sem saudades da opulencia perdida; virá como foi, e achará o que deixou. Alegre-se, meu pai! Olhe que fui feliz no meu negocio. As duas pipas de azeite antes de entrarem no armazem deram-me dez moedas de ganho. Logo recebo quarenta moedas. Se o pai deixar, emprégo maior quantia, se a partida do café

se vender toda. Quer Deus que eu já possa dar de presente á nossa Eulalia duas cadeiras como aquellas muito ricas, em que falla Maria, que ella tem lá.

Jeronyma nunca tinha ido ao palacio de Duarte Pereira. Razão de muitas occupações é que ella dava. Certa vaidade, mas não feia vaidade de sua mediania, era a verdadeira razão.

Ouvira o negociante um longo plano de commercio explicado, deduzido, e elogiado por Jeronyma. Ouvira, dissemos; mas a verdade é que o atribulado velho não ouvira senão o gemer interno de seu coração. Festejou sobre-posse as alègrias da filha, e despediu-a brandamente, pedindo-lhe que afastasse Maria de fallar á mãi nas desventuras de Eulalia.

O negociante começou de reconcentrar-se n'aquelle scismar em que os sentidos exteriores parecem, a revezes, parados, suspensos n'um espasmo cadaveroso. Se o chamavam, ou agitavam, denotava o sahir de um lethargo, e tremia como de mêdo ante a realidade da vida. Isto era motivo a chorarem mãi e filha; e elle então fugia, por não poder consolal-as, nem consolar-se.

E a religião? A religião, perguntam as boas almas, e ainda as almas de duvidosa bondade, que julgam efficassima a religião principalmente nas dôres alheias. A religião, respondo, era muito, era

tudo na mansidão, no aspeito moderado, na mudez dos soffrimentos do velho. Tinha incessantemente o espirito em fervor de orações á Divina Providencia, não a pedir a morte que os fracos exoram; mas o remedio, que não fiam de si os fortes na fé. Não desfallecia em duvidas, vindo o mal em augmento: antes, se accendia em devoção a cada má nova que as cem trombetas da desgraça lhe levavam.

As cem trombetas da desgraça! Hão-de achar nova a ideia. Não é. O exprimil-a assim é que é novidade. Pois quantas vezes ao meu leitor terá occorrido aquella ideia, vendo o afôgo, a celeridade, o relampago com que a noticia de uma desgraça se derrama? Não observam que ha um infernal prazer em divulgar uma catastrophe, em atirar á publicidade a deshonra de um homem, em chamar a attenção de todos para verem uma mulher despenhada, um abysmo aberto, um opprobrio perpetuado? Não se lhes afigura então que a desgraça tem cem trombetas?

A fabula concedeu-as á fama; e eu, que tantos mimos devo á fama, ingrato sou, se a esbulho da sua prerogativa. Mas quer-me parecer que as cem trombetas da boa fama são muitissimo mais tardias no soar, ou lançam de si uns sons, que tarde ferem os ouvidos das multidões aturdidas e como ebrias do estrondear de outras cem trombetas da má fa-

ma. Pensem n'isto, e venham á atadura do fio quebrado, quando tiverem pensado.

A fallar verdade, não houve desvio, e queria eu dizer que aos ouvidos do commerciante chegavam todas as más noticias concernentes a Duarte e Eulalia. Um visinho vinha dizer-lhe que o seu amigo fulano fôra testemunha da ultima venda da penultima quinta. Outro visinho, benzendo-se, contava ter ouvido dizer a um fidalgo, seu freguez, que Duarte perdêra na vespera cem, duzentas moedas, e apostára os cavallos da carruagem, e o grilhão do relogio. Outro visinho, com grande exordio de lamurias, contava que um seu caixeiro, fallando com o escudeiro de Duarte, soubera que as joias da senhora já não existiam. Uma visinha, que tinha uma criada conhecida de outra de Eulalia, dizia á esposa do negociante que tinha a certeza de que Duarte espancára sua mulher, por a ter encontrado a chorar. Ora estes visinhos, reunidos entre si, alternavam-se n'esta piedosa compunção das magoas de Joaquim Luiz.

— É bem feito! Por casar a filha com um fidalgote, andava impando como se trouxesse o rei na barriga — dizia um.

Outro:

— Casasse-a com um caixeiro, ou fizesse-a trabalhar como as minhas! Isto foi bom para exemplo.

É o que faltava, andar aquella menina de carruagem, e não vêr na rua as minhas raparigas, que iam com ella á mestra, e bem mais aceiadas que ella!

O terceiro visinho:

— Regalou-me! O Joaquim Luiz tem lá uns palavriados, e umas ideias dos livros, que haviam de rematar em asneira!

A visinha, como senhora, limitava-se a dizer:

— Tenho pena do homem que é um pateta; mas a Marianna, que toda se lambia, quando fallava nos vélludos e plumas da filha, foi bom que levasse nas ventas da vaidade para traz.

Vê-se que todos expressavam sentimentos honestos. O primeiro censurava o sahir cada qual da sua classe. O segundo, o uso da carruagem em quem andára a pé com suas filhas, e podia continuar a fazer uso das suas pernas. O terceiro imputava o desvario do visinho ao uso dos livros, sapiencia de ideias e palavriados, que redundam em asneira. A visinha articulava contra a vaidade da mulher, e indultava o pateta do homem. A sociedade tem sempre razão, porque não fulmina a censura sem ter inventado o vicio. A sem-razão do invento essa é que estava nas mãos de Deus desterral-a do mundo; mas Deus quer que o mundo seja assim, e é mister que seja, para podermos crer e esperar um outro melhor.

Tudo escutava em silencio Joaquim Luiz. Nem a sua mulher communicava, nem Marianna a elle, o que sabiam e ouviam. Andavam-se reciprocamente mentindo. Ella, dizia-lhe que Eulalia estava mais resignada. Elle, que Duarte resolvêra abjurar o jogo.

Quatro mezes se encadearam, dia a dia, de angustia para ambos. Um dia, porém, José da Fonseca procurou seu sogro, e disse-lhe:

— Acho de necessidade e até de religião que o senhor acuda aos restos da casa de Duarte, privando-o da administração do casal.

— Não faço tal, respondeu o commerciante.

O advogado não insistiu n'este ponto. Reflectiu por algum tempo, e continuou:

— Parece-me que é humanidade sahir minha cunhada de casa de seu marido.

— Com que razão?

— Com a razão de estar em principio de uma hectica, e de afastar os maiores desgostos que lhe apres sam a morte.

— E minha filha está assim? — exclamou o negociante, erguendo-se de golpe, com as lagrimas em fio.

— Está, e está como abandonada, e como pobre n'aquelle simulacro de riqueza. Eulalia deseja morrer, e não toma um remedio. O medico, que a visitou, levou-lh'o um criado de seu moto proprio. Duar-

te não tem diante dos olhos senão as visões terriveis dos seus vicios, e já não vê o semblante cadaverico da mulher.

— Vá buscar minha filha! — bradou o negociante — Vá buscar a minha desgraçada filha!

Não pôde continuar. Dissereis que o coração lhe subira com os brados, e lhe abafára na garganta as vozes. Depois, cahiu prostrado na cadeira, d'onde o levaram em braços para a cama.

O advogado foi d'alli ao palacete de sua cunhada. Procurou Duarte Pereira, e foi recebido com gesto enfadado.

— A minha missão é grave — disse Fonseca.

— Ouvirei. Presumo o que seja. Já me disseram que o snr. doutor fallára em me tirar o governo da minha casa.

— Fallei.

— É a isso que vem?

— Não, senhor.

— Queira explicar-se.

— Venho dizer a v. s.ª que sua mulher está tisica.

— Vejo que sabe mais do que vai em minha casa do que eu!

— Eu não sei o que vai em sua casa; sei por informação do medico Salamanca que sua senhora está tisica.

— O medico Salamanca não vem a minha casa.

— Um criado de v. s.ª condoeu-se de sua ama, e chamou o medico.

— Pois bem: fico informado. Darei as providencias para que continuem os medicamentos.

— Sua senhora rejeita os medicamentos, e cuida em deixar-se morrer.

— Se ella fizer tal loucura, não recahirá sobre mim a responsabilidade.

— Nem lh'a eu imputo, snr. Duarte. Agora, a minha missão, singela e breve, para não perdermos tempo. Convem que a snr.ª D. Eulalia vá passar algum tempo a casa de seus paes.

— Isso importa a minha licença.

— É o que eu venho solicitar.

— Nego-a, porque não julgo necessaria a mudança. Os ares da rua dos Inglezes não são mais sadios que os d'esta casa.

— Convenho; mas não se trata dos climas, snr. Duarte. Sem embargo da súa negativa, a snr.ª D. Eulalia ha-de ir, querendo ella ir, para casa de seus paes. Se me impozer a violencia da formal negação, d'aqui lhe digo que o vou incommodar judicialmente.

— E minha mulher quer ir? — disse Duarte, depois de alguns passeios meditativos na sala.

— É o fecho da minha missão. Queira mandal-a chamar.

Entrou Eulalia.

José da Fonseca não a vira de alguns mezes antes. Empallideceu ao comprimental-a. Raros vestigios vira da formosura dos quinze annos. E tinha apenas dezoito!

— Seus paes — disse Fonseca — desejam-na em sua companhia algum tempo. Quer ir, mana?

— Vou.

— E, se a minha vontade quizer que não vás? — disse Duarte.

— Não irei.

— Mas é sua vontade ir? — replicou o advogado.

— Eu já não tenho vontades; apenas sinto o desejo de morrer entre a minha familia.

— É um desejo sagrado. O snr. Duarte contesta-o?

— Não, senhor, respeito-o, posto que não creio minha mulher no estado em que a julgam. Consinto que vá estar com sua familia, e, quando se restabeleça, voltará a sua casa.

— Se tiver casa onde voltar — disse José da Fonseca.

— Que quer isso dizer?! — acudiu Duarte.

— Que o credor do restante dos seus bens fez hoje despachar o requerimento para executal-o.

— Asseveram'o? — disse com arrebatamento o infeliz.

— Com a minha honra.

— E como posso eu sustar a execução?

— Sustando o executante.

Duarte sahiu de impeto.

— Vamos, minha irmã — disse o advogado. — Tem uma cadeirinha para transportar-se. Que lagrimas são essas?

— Adivinho que não torno a vêr meu marido.

— Mas vai vêr seu pai. Seu marido estava morto para si; e seu pai brevemente o estará para a sua familia. Vamos vêr se lhe damos alguma luz de alegria antes da eterna luz dos justos.

Ergueu-se grande grita de chôro, quando Eulalia assomou ao patamar da primeira escada em que a mãi e irmans a estavam esperando.

Subiu a doente nos braços d'ellas ao segundo andar, onde estava o pai de cama. Esperava-a o velho, sentado no leito. Viu-lhe o vulto, cerrou as palpebras para aproximar os raios de luz, e reconheceu-a. Estendeu-lhe a mão, tirou-a para o seio, abraçou-a em convulsões, e disse:

— Vens morta. Iremos juntos.

Eulalia abafava de soluços.

Fez-se um silencio sepulcral na respiração de todos.

N'aquelle contemplarem-se, pai e filha, dissereis que se estavam um a outro fallando no myste-

rioso modo como a morte desatava as almas das gramalheiras do soffrimento.

— Vai repousar, filha — disse o negociante. — Recolhe-te á tua antiga cama. Não a desampareis; — continuou voltado para a esposa e Jeronyma — salvai essa vida que principia, se poderdes. Eu cá estou no meu occidente, esperando a minha mortalha de trevas. Meu Fonseca, meu bom filho, cuide em dar medicos a sua irmã.

Vieram os medicos. Inquiriram miudamente os anteriores padecimentos da enferma, e examinaram os symptomas. Concertaram-se n'um parecer que promettia a restauração da saude, se as causas moraes, que a levaram ao pé da sepultura, cessassem. Houve grande jubilo em todos, logo transformado em lastimas e prantos.

Viram os medicos o negociante, e disseram ao advogado que Eulalia, por muito cedo que morresse, veria primeiro morrer seu pai. José da Fonseca disse a sua sogra que a doença do marido requeria muitos cuidados; disse-lh'o, chorando, sem reflectir no alcance de tal aviso: d'ahi, um anciado carpir, cuja causa o velho adivinhou, porque tinha ouvido o parecer dos medicos ácerca de Eulalia.

Sorriu-se o justo, e chamou a si todos os seus.

— Fallemos em quanto é tempo — disse elle com retardadas vozes, mas serenas — Se Deus nos-

so Senhor me chamar a contas, sabei que eu não devo nada, e Jeronyma sabe o que devem á nossa casa. A ti, Jeronyma, encarrego eu de continuar a obra de teu pai e a tua. Trabalhaste para mim e para todos os teus: prosegue na tua virtuosa tarefa, que eu vou pedir a Deus que te ajude a vencel-a. Se, á morte de tua mãi, tiveres que repartir, reparte por tuas irmans, e as duas que olhem sempre por aquella desgraçadinha, que felizmente me não escuta. Fonseca, eu sei que deixo em si um filho de minha santa mulher. A sua virtude é como os poucos peixes e pães do Divino Mestre: chega a todos... Não choreis, que eu não vejo ainda a morte. Disse-vos isto agora, e com tempo, por causa de ser tão incerta para mim como para vós a vida. Fallaremos ainda muito, e depois, na eternidade, lá ireis ter commigo, hoje um, ámanhã outro, por fim todos. Se Eulalia poder levantar-se, haveis de trazer-m'a, que quero vêr bem os estragos, que a desgraça fez n'aquelle rosto angelico. Quero dizer-lhe que se julgue assim mais formosa, mais namorada dos anjos... Falta o legado unico que ainda posso fazer. Meu filho, meu querido Fonseca, deixo-lhe os meus livros. Estão por lá amontoados n'um desvão das lojas. O senhor não precisa de saber como se fortalece a alma; mas lá verá de seu vagar como eu aprendi a pensar... a pensar que se apren-

de mais n'um bom coração que nos melhores livros. Não cuidei mais nos livros, quando folheei o coração ignorante e ingenuo d'esta minha companheira de vinte e dous annos. Marianna, que tres anjos tu creaste para me fazerem a morte suave, como o fim d'um dia de canceiras ao operario cuidadoso do seu dever! Preencheste a tua augusta missão, minha esposa... Pódes descançar d'aqui a pouco ao meu lado, que jámais a caridade terá de lembrar por ti aos maldizentes o *perdoai aos mortos* do Evangelho.

Calou-se de prostrado e já afflicto o velho. Eulalia veio ao pé do leito; mas ignorava o estado de seu pai. Por preceito dos medicos lh'o tinham occultado. Suspeitou-o o enfermo, e não proferiu palavra que a compungisse. A familia cobrou esperanças da mudança de linguagem, cuidando que o espirito se lhe ia desanuviando das sombras da morte.

Progredia, no entanto, a doença. A medicina já aprasava o termo. O enfermo pediu os sacramentos, e recommendou que se abstivessem de apparato, no ministerio d'elles, para não aterrar Eulalia, que, por ardil dos medicos, estava prohibida de erguer-se.

Morrem os justos como cahe a flôr secca da grinalda da virgem sobre o supedaneo. E' um breve e surdo rumor. No alar-se a alma a Deus é que o céo se abre em cantares; e os virtuosos, que a es-

guem com santa inveja, esses ousariam dizer como foi aquelle trespasse. Do santo dos santos dizia o Evangelista: « inclinou a fronte, e expirou. » Os que se finam na graça do Calvario, os que tomaram da cruz redemptora, e seguiram Jesus, até ouvirem voz do céo, que os mandou parar, esses, ao expedirem o ultimo atomo do ar dos vivos, inclinam a fronte ao seio da esposa amada, e expiram.

Assim morrera Joaquim Luiz.

III.

ULTIMA PRANCHA.

Conseguiu Duarte, mediante o patrocinio de raros amigos leaes á desgraça, suspender a começada execução, com promessas de embolsar o credor em praso fixo.

Os haveres de Duarte, como se disse, valeriam o decimo da herança paterna. Tres annos incompletos bastaram ao desbarate de propriedades superiores ao valor de cento e cincoenta mil cruzados, os quaes, ha cincoenta annos, constituiam o que hoje se diz em mau portuguez : uma grande fortuna — fortuna que nunca tiveram os que muito se dão a esmerilhar imperfeições da lingua, porque roubam o tempo a occupações mais lucrativas e uteis á humanidade.

Conseguida a suspensão, fez Duarte saber aos seus numerosos amigos que resolvêra retirar-se para a sua casa campestre, e vender a mobilia e utensilios da casa alugada no Porto. Este proceder foi muito louvado, como proposito de regeneração pela economia, e reforma de costumes. Até o proprio credor tirou da ida para a aldeia conjecturas favoraveis ao seu embolso.

Despejado o palacete, foi Duarte para a sua quinta de Grijó.

Algumas vezes veio ao Porto visitar Eulalia, protestando mudar de vida, e cuidar na conservação de uma parte da casa, cujo producto chegaria para o trato com muita decencia fóra das grandes e ruinosas povoações.

Para tão saudaveis e louvaveis intentos, disse elle, que precisava de ampla procuração de sua mulher. Eulalia, sem ouvir um instante a sua razão, assignou quantos escriptos o marido lhe offereceu. Dizia-lhe depois José da Fonseca a ella que assignasse tudo, já porque não era cumplice em qualquer contracto ignominioso, já porque de todos os modos estava perdida a casa.

Algum estratagema engenhoso andava ideando o degenerado neto dos condes da Feira! Andava certamente; mas de engenhoso só tinha a simplicidade. Tratou acauteladamente da venda dos bens, já hy-

pothecados. A boa fé do comprador absteve-se de indagar de anteriores contractos. Lavraram-se as escripturas em Aveiro, que era d'ahi perto o comprador. Recebeu Duarte alguns mil cruzados, e abandonou a casa de seu pai, onde já não tinha uma toboa. Foi dar a Lisboa, e d'ahi embarcou para o Rio de Janeiro, onde então estava a côrte.

Eulalia soubera do desapparecimento de seu marido, quando José da Fonseca deu noticia do pleito em que andavam os dous pretendentes aos bens duas vezes vendidos. Então comprehendeu a infeliz senhora a baixeza a que o vicio arrastára Duarte, reconheceu a desvalia em que a elle tinha nas traças da sua má vida; padeceu as dôres do ultimo desengano; quiz, porém, a Providencia, ou a natureza sempre rasoavel, que essas dôres nem fossem grandes nem duradouras.

Não se illudiram os medicos. As melhoras, depois de algumas passageiras recahidas, vieram continuadas e esperançosas de completa convalescença. O salvarem a filha e a irmã, foi para Marianna e Jeronyma diversão de angustia, mas não de saudade do esposo e pai. Maria vinha a miudo, com o seu filho de um anno, a vêr se a criancinha, aquelle botão da vida a abrir, conseguiria espairecer a avó das saudades de outra existencia quebrada, como arvore

bemdita, que primeiro fructeou na sua sazão, e completou o seu destino.

Jeronyma cumpria os mandamentos de seu pai: era o amparo de todos. Ninguem curava de saber dos negocios da casa: ella só punha e dispunha, recordando-se sempre, nos casos embaraçosos, dos expedientes que Joaquim Luiz usava.

Seis mezes tinham decorrido depois da ida de Duarte para o Brazil, quando voltou de lá aquelle mancebo de pertinaz coração, que amára, e tres vezes pedira Jeronyma para esposa.

A ida d'elle ao Rio fôra um pretexto para esquecêl-a: baldados recursos do juizo, quando está no coração a emenda. Foi, demorou-se, esperou as casuaes impressões que subitamente desfiguram as visões da alma: tudo inutil, que a ausencia refinava o amor ao fogo da saudade.

Voltou, quando do Porto lhe disseram que morrêra Joaquim Luiz, e morrêra pobre. Ajuizou elle vulgarmente de Jeronyma, cuidando que a orphandade lhe abrandaria a indole, aconselhando-a a segurar pelo casamento a subsistencia de sua mãi, e o seu futuro.

Andava Pedro em arranjos de viagem, quando encontrou no Rio de Janeiro o marido de Eulalia. De modo o víra que não ousára aproximar-se d'elle. Passeava entre os principaes magnates da côrte, e

ostentava ares de grande valimento. Averiguou quem fosse aquelle cavalheiro, receiando ter-se enganado. Disseram-lhe que era um portuguez de alto nascimento, em quem o snr. D. João VI revalidára a nobresa de seus avós, intitulando-o grande do reino. Claro é, pois, que a ultima prancha levára Duarte a porto de humanissima hospitalidade. Se as auras da ventura continuarem a bafejal-o assim, não será de todo immoral dizer que a virtude nem sempre é iman para attrahir os prazeres, as honras e a reverencia publica. Veremos se é de aceitar a maxima.

Veio Pedro para o Porto com estas novas, e foi em pessoa contal-as a Eulalia. A esposa abandonada folgou com ellas, com quanto renunciasse ao que poderia tocar-lhe da felicidade de seu marido. Mais que elle feliz era ella, em seu coração o pensava. Já vigorosa da força, que dão a desgraça e a experiencia, dizia Eulalia que a posição brilhante de seu marido era razão de mais para ella se julgar dobradamente feliz na sua pobreza.

Pedro, com Eulalia por medianeira, sondou de novo o animo de Jeronyma. Agora era já a mãi, e irmans, e cunhado a conspirarem em favor do mancebo rico e estimado por suas virtudes e constancia. Jeronyma, assediada por todos, encontrada em quantas razões fundava a indisposição para o casamento, salvou-se, quando jogou as armas fortissimas da fra-

queza: venceu chorando. Ao verem-lhe as lagrimas, deixaram-a; Pedro, porém, esperava ainda.

Não vá esquecer-nos Duarte Pereira Forjaz, grande do reino, e procere na côrte do rei fugitivo.

Sabida em Portugal a fortuna do aventureiro, maquinaram-lhe os inimigos a perda, ajudada a urdir por distinctos personagens do Porto, que haviam hypothecado a sua honra em abono da honra d'elle.

Recebeu D. João VI das mãos de um seu ministro a exposição da fama ignominiosa que Duarte deixára na patria. D. João era homem honesto, de severos principios, embora de natural debil para castigar as infracções do dever, ou melhor diriamos, embora constrangido á fraqueza pelas especiaes circumstancias do seu revolto reinado. O que o rei sobre tudo acatava em si e nos outros era a religião, que o fazia bom, posto que o vulgo, e talvez a historia, lhe chamem inepto.

A denuncia, affirmada por caracteres respeitaveis a aulicos da affeição do monarcha, mórmente ao conde da Barca, narrava, como aggravante episodio de maiores crimes, o abandono da esposa, depois da libertinagem que levára o pai á sepultura. Havia, talvez, encarecimento na accusação; porém, as bases, a essencia do libello, eram verdadeiras, e dignas de castigo.

D. João VI exautorou Duarte das honras con-

cedidas, e fêl-o intimar para no praso de vinte e quatro horas sahir da capital, e no praso de quinze dias desalojar das possessões portuguezas, sob pena de ser preso e processado por ladroeiras feitas em Portugal.

A intimação surprehendeu-o em angustias de quem tinha na vespera despejado sobre o fatal pano verde os ultimos punhados de ouro do seu patrimonio, ou da sua fraudulencia.

Falleceu-lhe a coragem para entrar em dialogo com a desgraça, e pensou em aniquilar-se. Um homem, tenente de infanteria, que devia a Duarte a sua patente intempestiva, soube da desgraça do seu protector, procurou-o n'essa hora de horrivel soffrimento, e deu-lhe recursos para se transportar para Pernambuco, no navio que levantava ferro n'aquelle mesmo dia. Em Pernambuco, Duarte mudou de nome, de trajos e de figura. Assoldadou-se como escrevente de um cartorio de advogado, e comeu o pão do trabalho menos amargo que as reprehensões merecidas pela incorrecção da sua orthographia. Como é certo que a riqueza e a ociosidade dão uns ares e geitos particulares, que denominamos boas maneiras, Duarte conservou sempre attitudes cortezãs, e posturas galhardas, que ás pessoas imaginativas se impunham mysteriosas. Dizia alguem que Leonardo Sarmento — nome adoptivo — naturalmen-

te devia de ser algum fidalgo que tomára armas contra a patria, á maneira de outros muitos traidores alistados no exercito de Napoleão. Duarte não confirmava nem combatia estes juizos. Temia que o dar-lhes assentimento lhe fosse caro; e o não lh'o dar o reduzisse ás plebeas condições de amanuense de advogado.

O jurisconsulto, em cujo escriptorio trabalhava o heroe, confirmava a supposição da fidalguia d'elle, tirando a confirmação da ignorancia da orthographia, e d'outras ignorancias, n'aquella época, peculiares a grande parte dos mancebos nobres. D'onde se ha-de inferir que a ignorancia póde inculcar grandes meritos escondidos, e recommendar pessoas que achariam, talvez, na sua sciencia um perigoso inimigo.

Passava as noites em casa do jurisconsulto um negociante, que tinha filhas, e filhas que sentiam particular predilecção por entes mysteriosos. A mais romanesca de todas vestira de formosas illusões o desconhecido, e tendia a amal-o. O pai, porém, que só via no homem o supposto traidor á patria, considerava-o menos do que se elle fosse um bom portuguez, sem nome de avós infamados em sua pessoa, nem mais esperanças de riqueza que o proveito do trabalho de cada dia.

Conheceu Duarte o animo da pernambucana, e

meditou um desvario, que não era novo, nem reprovado em todos os codigos e religiões, que regem a humanidade. Tendo-se elle desfigurado em Leonardo Sarmento, e estando a milhares de leguas da patria, cuidou que não era obrigatorio considerar-se casado com Eulalia, nem prejudicava os interesses d'esta, casando com outra, guardadas as conveniencias do incognito.

Convicto da moralidade do projecto, foi ao encontro do coração da dama, e achou que farte sympathia onde lançar o arpéo da sua estolida cupidez. É, pois, bem certo que Deus ensandece aquelles que se vão á perdição. Aqui alterei o texto por deferencia á Divindade. Diz o texto: aquelles que *Deus quer perder*. Creio que Deus não quer perder alguem. É blasphemia imputar á Providencia caprichos que empecem ao livre arbitrio. Se não é, qual deve ser a responsabilidade do criminoso? A meu vêr, nenhuma. O Creador então que se glorie na sua obra, e varram-se da terra os codigos penaes, que exprimem barbara violencia aos designios de Deus ou ás impulsões do temperamento.

O temperamento do negociante pernambucano é que era nada azado para transigir com as aspirações ao mysterioso da filha. Mal soube elle da intelligencia dos dous namorados, cortou á menina as liberdades, tomadas em abuso. Vedou-lhe janellas, e vi-

sitas ao jurisconsulto. Espiou-lhe os passos e as intenções. Assumiu a tyrannia da prudencia, e mostrou que se apparelhava para a lucta.

Duarte, conscio de que a legitima materna da dama era mais que a sua independencia, deu os primeiros passos para tentar o casamento judicialmente. Apenas o negociante farejou o intento, por aviso do jurisconsulto, escreveu ao ministro da policia na côrte, denunciando-lhe em Pernambuco a existencia d'um homem suspeito de fidalgo traidor ao rei, á religião e á patria. Dava o nome, os signaes, as occupações e a residencia do supposto criminoso; e por outro lado escrevia a amigos do Rio pedindo-lhe que instigassem a policia a capturar o homem.

Frisou-lhe tudo ao sabor dos seus desejos. Duarte, um mez depois, era preso, interrogado, e remettido para a capital, onde a identidade da pessoa foi de muitos reconhecida.

Pesava já sobre elle o crime de rebellião ás ordens regias, aggravado pelas tentativas de segundo matrimonio, falsificação do nome — mais do que era necessario para perpetuas galés, se lhe quizessem deixar a cabeça entre os hombros — o que não era certo, nem provavel.

Achou-se Duarte sosinho em extrema miseria. Viu ante si o negro horisonte de irremediaveis desventuras. Não via um claro no céo d'onde lhe bri-

lhasse uma esperança. O desamparo e a fome, escoltados de mil ultrajes, estavam-lhe dizendo que lhe era melhor fechar-se n'uma sepultura, que ouvir em cada escurecer dos seus dias o estridor dos ferros que o separavam para sempre da communhão dos homens. Cerrou ainda os ouvidos ao desamparo e á fome. Escreveu supplicante a muitos poderosos, que um anno antes se honravam de lhe apertar a mão. Ninguem lhe respondeu, ou a resposta era o desprezo de uma esmola, que nem se quer levava ao preso a unção da caridade.

Um dia, quando o chaveiro abria a porta do cubiculo de Duarte, sentiu no olfacto um cheiro acre de sangue. Chamou, e o preso não respondia. Afez os olhos á escuridade do quarto, e tacteou o chão onde pousava estreme a enxerga. O pavimento estava molhado: era sangue que coava através da palha da enxerga.

Duarte Pereira estava morto, com uma veia rompida em cada braço.

Os amigos fugitivos do desgraçado, quando, em jantar de regosijo pelas victorias alcançadas sobre as armas francezas, souberam do triste fim de Duarte, disseram :

— Pobre rapaz !

Como, porém, n'esta occasião se propozesse um brinde a Beresford, todos acudiram expansivos ao brinde, e ninguem mais fallou de Duarte.

*

IV.

PROVAÇÕES.

Não prosperava, mas tambem não mingoava o negocio de Marianna, depois da morte de seu marido. A solicitude de Jeronyma, e o governo economico de sua mãi, competiam em canceira e bons resultados.

Aventurára-se Jeronyma a mandar vir do Brazil uma carregação de café e assucar, como seu pai costumava fazer prosperamente antes da invasão franceza e da guerra europêa, que tornára arriscada a navegação mercantil.

Oppunha-se Marianna com a sua natural timidez. Animava-se Jeronyma com o exemplo de negociantes abastados, e o seu atrevido instincto commercial.

José da Fonseca, consultado pela sogra, achou mui apropositada a tentativa, visto que no mercado escasseavam aquelles generos, e alguns negociantes mais ousados tinham prosperado á sombra do mêdo dos outros.

Esta razão era a fortissima razão de Jeronyma: « Sejamos ousados para sahirmos d'esta tarefa do pão de cada dia. Os perigos não hão-de estar reservados só para nós. O pai está no céo, e elle guiará a nossa fortuna a porto de salvamento. »

Ajuntou Jeronyma quanto dinheiro pôde apurar, as economias de sua mãi, e os seus ganhos do negocio do azeite. Trocou o dinheiro por letras, e enviou-as para o Brazil, encommendando a remessa á casa relacionada com seu pai.

— O que seria de nós, se se perdesse o navio, filha? Tu bem sabes que o seguro não paga o que levam os piratas francezes — dizia a snr.ª Marianna.

— Se se perdesse o navio, ficavamos nós, minha mãi.

— Pobres como Job.

— E que tem isso? Job tornou a ser rico... A nossa Eulalia perdeu o valor de uns poucos de navios, e não se lastima. Em quanto eu tiver saude, minha mãi, não tema que lhe falte o que tem hoje.

— Mas é qne eu esperava, ajudando-nos Deus, deixar-vos alguma cousinha.

—Deixa-nos a sua paciencia e o habito de viver com pouco...

—Os malditos francezes!—dizia a snr.ª Marianna em doloroso recolhimento.

—Deixe lá os francezes, minha mãi. Não se remedeia nada a imaginar o que levaram os francezes. Muito devemos nós a Deus. Temos aqui a nossa Eulalia, bonita como era, e que só á sua parte resa por todas nós. Temos o nosso doutor, que é um nosso irmão, e ha-de continual-o a ser em quanto fôr pobre como nós...

—E, se fosse rico, não era?—dizia Marianna.

—Se fosse rico... parece-me que não, minha mãi... A riqueza é boa; mas não se dá bem com os pobres... quero dizer, que os ricos não se entendem bem com os pobres. Acho eu que a gente rica tem lá um modo de pensar, que os arreda do modo de pensar da pobreza. A mãi não reparava que o snr. Duarte, quando cá vinha, parece que não entendia a gente? Sentava-se um instante, e fallava em cousas que eu tambem não entendia. Eu, ás vezes, dizia isto ao pai,—Deus veja a sua alma—e elle dava-me razão, e explicava lá pelo seu modo de fallar a causa porque os ricos andam em desavença com os pobres. Lembra-me dizer-me o pai que o muito dinheiro podia dar a um gallego

alma de principe, e a miseria podia dar a um principe alma de gallego.

— As almas são todas umas, filha! O gallego tambem é christão! — atalhou a snr.ª Marianna, mirando-a solemnemente por cima dos oculos.

— Pois, sim; mas queria dizer n'isto o pai que a gente não vem feita das mãos de Deus, e que é o dinheiro que nos faz depois.

— Credo! teu pai não podia dizer essa heresia! — acudiu a mãi com sincero temor de Deus — Pois quem é que faz a gente se não Deus?! O dinheiro é que é o peccado, Jeronyma. Se não fosse o dinheiro, talvez que Eulalia fosse bem feliz. Duarte seria trabalhador, e honrado, como é o nosso Fonseca.

— Pois sim; mas, se o nosso Fonseca fosse rico como o snr. Duarte, talvez não fosse honrado nem trabalhador, e a nossa Maria estivesse aqui sem nada como está Eulalia.

A snr.ª Marianna não respondeu de prompto. Só passados instantes de meditação, disse:

— Esta rapariga parece que aprendeu a fallar com o pai! Onde vaes tu buscar esses dizeres, que parecem mesmo de homem, e que me deixam ás vezes ficar entalada? Eu já sei que tu estás a lêr aos bocados na loja, e que o Fonseca te deixou ficar livros... Olha, filha, deixa-te d'isso; quando tive-

res folga, cuida mas é em resar as tuas contas, e pedir á alma de teu pai que nos dê saude e graça para servir a Deus.

—E que nos deixe cá chegar o café e o assucar tambem—atalhou, sorrindo, Jeronyma.

Saude e graça para servir a Deus de presumir é que as preces de Marianna alcançassem bastantes; mas a carregação do café e assucar essa é que não veio.

A gazeta de Lisboa de 15 de Setembro de 1814 trouxe ao Porto a noticia de que um navio portuguez, carregado de assurar e café, tinha sido mettido a pique por um dos brigues francezes que infestavam as costas maritimas. O capitão conseguiu salvar-se com parte da tripulação, e fôra baldeado a um navio hespanhol, com procedencia de Monte-Videu, e chegára a Lisboa no dia 13. Acrescentava a gazeta que a carregação vinha consignada a Marianna da Silva, moradora na rua dos Inglezes, no Porto.

Quem primeiro soube a noticia foi o advogado. Correu pressurosamente a prevenir Jeronyma para que sua mãi a não soubesse. A varonil moça escassamente se quebrou de côres, quando leu a gazeta.

— Não ha duvida — disse ella — estamos mais pobres do que eramos... pouco mais pobres... O peor é se este golpe nos rouba a mãi... Hei-de pen-

sar no modo de a enganar. Escreva o meu cunhado uma carta com letra fingida, em que o commerciante do Brazil diga a minha mãi que reserva a remessa para melhor occasião, e dê as razões que achar acertadas.

Combinaram n'isto. Escreveu a carta José da Fonseca. Jeronyma, com rosto inalterado, mostrou-a á mãi, que ficou louvando muito a prudencia do seu correspondente.

Começaram a desanimar os esforços de Jeronyma, com quanto se não poupasse ao trabalho. Tremia, pensando que seriam infructuosas as suas lides, e condemnadas á desfortuna todas as especulações.

A loja estava mingoada de generos, e a freguezia ia-se mudando para onde a abundancia convidava a escolha. Credores não os tinha a pobre casa, mas o nenhum concurso ameaçava já as necessidades diarias. José da Fonseca estava no segredo da desanimação de Jeronyma, e convidou-a à repartir com elle o quinhão do seu trabalho e da sua virtude. Semanalmente dava o advogado metade dos seus ganhos a Jeronyma, e esta juntando á quantia do cunhado os pequenissimos interesses da loja, dava aos sabbados contas a sua mãi.

A credula senhora fallava todos os dias na sua carregação, e sonhava muitas noites que a via perder-se.

Jeronyma dizia-lhe sempre:

— Se se perder, Deus nos recompensará por outro lado. A nossa mãi é tão soffredora e resignada com a vontade do Senhor, que, se a carga se perder, ha-de dizer-nos a todas que é peccado chorar por cousas que nada valem para a virtude nem para a salvação.

— Dizes bem, Jeronyma; mas a fallar verdade, se isso acontece, teremos de ir pedir um bocado de pão ao nosso Fonseca.

— E elle ficará tão contente de nos ter, que até havemos de achar agradavel a nossa pobreza.

— Pois, sim, sim, filha; mas melhor é deixar a maus que pedir a bons.

O que a religião não póde é destruir a philosophia dos anexins. Alli se vê que a snr.ª Marianna estava com o parecer de muita gente, que acha a pobreza encantadora nos romances; mas gosta de se edificar nos evangelicos quadros, lendo o romance com os pés ao fogão, e as costas bem enterradas no fôfo respaldo d'uma poltrona. O que faz isto não é a natureza, são os anexins, que preoccupam muito mais o meu espirito — não ouso dizer o espirito do leitor — que as pacientissimas prisões de Silvio Pellico, e heroico desprendimento de Socrates, e a despresadora mofa das riquezas por Diogenes.

Que bellos livros, que divinos romances o meu

leitor tem lido, em panegyrico da pobreza! As novellas de Emilio Souvestre, que deviam incutir na gente a mania da pobreza, se não fossem os anexins que a snr.ª Marianna herdára de seus avós, e nós legaremos aos nossos netos!... Que romances aquelles tão balsamicos, tão gisados pela providencia dos infelizes, para quem não é rico! Como a gente se sente bem na pobreza dos personagens do moralissimo romancista, e como a gente se sente mal entre aquelles millionarios de Balsac, idolos do seculo, em putrefacção d'alma e corpo!...

E, todavia, mui mal pintada nos apparece a pobreza no mundo material! A inquietação, os tedios e as quedas subitas dos ricos, ainda ás vezes vestem de gala, aos nossos olhos, o socego, alegria e a segurança da pobreza; mas a visão é de relampago; as galas eram emprestadas, e cahiram; o que ficou foi a pobreza nua e deforme, a querida de Jesus, a querida dos discipulos de Jesus, a querida de quantos sobem ao Calvario a vestil-a das flôres da paciencia, e descem com ella ao meio das turbas, apresentando-a como trophéo de trabalho honrado, de independencia sem orgulho, de missão cumprida de cada homem.

Desculpe-me o leitor a divagação. Em summa, queria eu dizer que a snr.ª Marianna não desejava ser pobre, nem aceitar o bem-fazer de seu genro,

por causa do anexim, que diz: « antes deixar a maus que pedir a bons. »

Decorridos seis mezes, soube a viuva que o navio se tinha perdido. Dissera-lh'o, ao sahir da missa, uma pobre a quem ella não dera a esmola n'aquelle dia. « Coitadinha! — dizia a pobre. — Deus sabe como ella vive, desde que se lhe foi ao fundo do mar toda a sua riqueza! » Marianna chamou a mendiga a explicar-lhe o que dissera. Jeronyma não podia suster a revelação. O que fez foi voltar com sua mãi á igreja, e pedir-lhe que ajoelhasse a pedir a Deus que a fizesse digna da riqueza do céo, dando-lhe animo para supportar a pobreza de alguns dias.

Sentiu-se consolada a virtuosa senhora: teria pejo de carpir-se em presença de suas filhas alegres, de seu genro, cada dia mais desvelado.

Então soube ella o estado do seu negocio, as dadivas do marido de Maria, e as occultas angustias de Jeronyma. Julgou-se da mão de Deus entre almas tão devotadas. Abençoou a desgraça que a fez dominar mais no coração de seus filhos; e sentiu, além dos prazeres da resignação, aquella dôce alegria, que infunde na alma a gloria de ter humilhado a pobreza, esse formidavel inimigo que traz em terror tantos potentados!

Viu Marianna o vasio da sua loja, e mandou-a fechar. Deixou a casa, onde vivera desde menina, e

alugou uma casinha de pouco porte, contigua á de seu genro. Tudo isto foi feito com um sorriso de comprazimento. Eulalia dizia a sua mãi que ainda tinha o cordão e a cruz para uma necessidade. A boa senhora dizia que seria desgraça certa na familia a venda d'aquella cruz! Já até se julgava tão feliz, que receiava desgraças a pobre mãi!

Chegadas as cousas a este extremo, entrou novamente Pedro com as immortaes esperanças do seu coração. O capitulo seguinte é elle que o dicta.

V.

OUTRO PAI.

« Quando se deu na praça a noticia da perda do navio em que vinha o futuro da pobre familia, fui ter com José da Fonseca, e encarecidamente lhe pedi que offerecesse a Marianna o dinheiro que ella julgasse necessario para restaurar o seu negocio. O doutor respondeu-me que Marianna ignorava o desastre, e Jeronyma não aceitaria o emprestimo, nem a mãi, sem annuencia da filha, o aceitaria.

— As suas repetidas pretenções a minha cunhada — acrescentou Fonseca — tornam extremamente melindrosa a posição d'ella. Eu não louvo o altivo genio de Jeronyma; porém, se bem penso nos actos de humildade em que a tenho visto, custa-me a crêr

que seja altivez o seu modo de vêr o casamento. Seja o que fôr, é natural que Jeronyma se julgue mais feliz na pobreza que na abundancia preparada pelos favores do homem, cuja mão de marido ella não aceitou. O seu emprestimo, snr. Pedro, poderia tomar a côr commercial que o senhor lhe quer dar. Jeronyma, porém, não o tomaria sob essa côr, e entraria em lucta dolorosa comsigo mesma, vendo o bem-estar da mãi e da irmã sacrificado aos caprichos do coração d'ella.

« Não me desanimaram as razões de José da Fonseca. Encarreguei terceira pessoa, um antigo socio de Joaquim Luiz, de fallar com a viuva, e offerecer-lhe dinheiro. O enviado encontrou Jeronyma na loja, e disse-lhe o fim para que desejava entender-se com a mãi.

« Jeronyma agradeceu-lhe a generosidade: mas pediu-lhe que poupasse a mãi á noticia, que ella ainda ignorava. Voltou lá o meu amigo offerecendo o mesmo auxilio á filha, e independente de ouvir a vontade de sua mãi. Absteve-se Jeronyma do emprestimo, dizendo que não deliberava em cousas de tanta responsabilidade, nem já podia entrar com satisfação em negocio algum.

« O antigo socio de Joaquim Luiz, sem minha ordem, adiantou-se a esclarecer Jeronyma, cuidando que assim a movia a ser minha mulher. Disse-lhe

que era eu a pessoa, que dava o dinheiro, e daria tudo para melhorar a sorte d'uma familia que me era tão estimada, como a minha propria. Reprehendeu brandamente Jeronyma por ter repellido a fortuna e o coração d'um moço digno d'ella. Rematou dizendo que na mão d'ella estava ainda ser minha, ser ditosa, e fazer a felicidade da sua familia.

« Jeronyma respondeu que a desventura não lhe modificára o genio ; que a felicidade da sua familia não podia ser o sacrificio d'ella ; que a sua mesma dignidade lhe impunha conservar-se, como pobre, nos sentimentos em que eu a achava, quando ella era menos pobre, e o mundo a julgava rica.

« Passaram alguns mezes, e fechou-se a loja de Marianna. Mudou a familia para uma pequena casa, e tive a certeza de que a sua mesquinha subsistencia lhe era ministrada pelo honrado jurisconsulto, que cerceára ás suas limitadas despezas o sustento da sogra e das cunhadas.

« Ao mesmo tempo, pude saber que Jeronyma se applicava afanosamente a cultivar prendas de costura, como marcar e bordar, cousas que não aprendêra a preceito, por que desde menina as suas applicações tendiam todas a auxiliar o pai no expediente do commercio. Inquirindo eu de Fonseca os intentos de Jeronyma, por me elle dizer que sua cunhada era incansavel n'aquelle novo genero de trabalho, sou-

be que o seu plano era habilitar-se para mestra de meninas.

« Entristeceu-me esta noticia. Cuidei vêr n'isto baixeza de sentimentos, incapacidade para sentir que a nobreza da mulher depende muito do lugar em que a sociedade a vê. Questionei com o advogado, que me ennobrecia chamando-me amigo. Expuz-lhe o juizo injusto que eu estava formando de Jeronyma ; elle, porém, pensava tão ao envez dos meus falsos principios, que me convenceu da requintada nobreza de sua cunhada.

« Se vossê entende muito do coração humano, esclareça-me. Que forte amor era aquelle meu, que se alimentava e inflammava com os desdens e menospreço de Jeronyma ! ? Devéras a amava eu, e respeitava tanto como amava. A minha familia, que, n'outro tempo, achava digna e racional a minha affeição, vendo que os annos m'a não desvaneciam, conspirára contra mim, taxando-me de pobre de brios, e incapaz de responder com o desprêso ás repetidas offensas de uma mulher, que me não valia. Minha mãi era a mais irritada contra a fraqueza do meu pobre coração. Parece que as mulheres são as mais implacaveis inimigas das mulheres, e d'estas, as mais motejadas, são as que se singularisam por qualquer motivo, o qual nem sempre se faz mister que seja indecoroso. A inimisade nem mesmo poupa mulhe-

res, que dão o insólito exemplo de abnegarem esposos ricos, para ficarem solteiras pobres.

« Desculpo minha mãi. Tinha-me ella em conta de grandes merecimentos. Julgava impossivel o rejeitarem-me ricas herdeiras, e muito ménos a obscura e pobre filha de um logista. Logista era tambem meu pai; todavia, cuidava minha mãi que alguns centos de mil cruzados interpunham entre negociante e negociante uma raia de jerarchia.

« Meu pai mandára-me fazer a viagem ao Rio de Janeiro, esperando curar-me pela ausencia e distracção. Voltei mais enfermo de saudades, e esperançoso na orphandade de Jeronyma. Fui ainda repellido; e desde essa derrota, mais do coração que do amor-proprio, meu pai conceituou-me de tolo, e minha mãi de homem sem nobreza de sentimentos.

« Era esta a minha posição na familia, quando Jeronyma se preparava para abrir aula de meninas.

« Um dia me disse uma minha tia que se fallava no casamento de Jeronyma com um pianista italiano. Ora, imagine que punhalada soffreu o meu amor-proprio! E que risos ultrajantes minhas irmans trocavam com a mãi, e as allusões ingenerosas que se faziam em casa, com palavras e gestos, sendo, umas vezes, minha irmã, que trauteava cançonetas, em quanto a outra simulava dedilhar o teclado d'um piano!

« Procurei azo de fallar com Fonseca, e soube que, por conselho d'elle, Jeronyma estava aprendendo piano, para, passados annos, ir dar lições a casas particulares, se o ensino de primeiras letras e costura viesse a ser-lhe penoso, por desdizer do seu genio e actividade a que estava afeita.

« Então conheceu Fonseca a sincera paixão que eu tinha por Jeronyma: creio que me viu chorar de alegria, com a certeza de que não tinha um rival! Um rival, digo eu! Se ella me não amava, com que direito me julgava eu em competencia!

« Sei que José da Fonseca, commovido e talvez apiedado do que elle mesmo chamava fraqueza, fallou de novo á cunhada na crueldade da sua repulsa. Acalorado pela natural bondade que o enternecia em defeza de todos os infelizes, chorou Fonseca, expondo as provas constantes de dedicação, que eu tinha dado áquella familia, por amor d'uma mulher, que se desquitava da obrigação, repellindo-me.

« Marianna ouvira enternecida a minha historia de seis annos, e Jeronyma tudo ouvia em silencio, sem levantar os olhos do bastidor.

« — Não tem uma palavra que me diga, depois de tudo isto, Jeronyma? — perguntou Fonseca — em conclusão do meu elogio.

« — Tenho uma palavra que lhe diga: casarei — respondeu ella, e continuou a bordar.

« Fonseca felicitou Marianna, abraçou a cunhada, e chamou-me a sua casa. No dia seguinte, fui com elle a casa de Jeronyma, e sentei-me ao lado do bastidor, em que ella serenamente continuava a bordar, depois dos comprimentos.

« Estou vendo tudo, e já lá vão quarenta e seis annos. Eulalia costurava ao pé de sua mãi. Marianna, em uma cadeirinha baixa, com os braços cruzados sobre a regaço, recordava-se de seu marido, e contava a chorar as alegrias do seu amor de solteira, e as da santa amisade de casada. Jeronyma, a espaços, suspendia o braço, e sorria ingenuamente ás saudades de sua mãi. Por entre nós, andava, um menino de quatro annos, filho de Maria, que fazia rir muito a avó, quando montava sobre o nariz os oculos d'ella, ou rufava tambor ruidosamente no teclado do cravo. Não sei o que havia n'aquelle ar, meu amigo. Parece-me que alli, melhor que entre a minha familia, respirava eu as suavidades da vida intima. Com duas horas de convivencia, conhecia todos aquelles corações. Sentia precisão de chamar mãi a Marianna, e de acariciar Eulalia e Maria com o affecto dôce de irmão. Em quanto a Jeronyma, essa incutia-me respeito e não sei que embaraços de gestos e de expressões. Fallava-lhe a mêdo: e, a cada resposta sua, ficava-me o coração scismando se alguma de minhas palavras a impressionaria des-

agradavelmente. Recordações de amor sublimado e santo não tenho outras. Não tenho outras duas horas semelhantes na minha existencia de setenta annos!

« Na manhã do dia seguinte, fallei a sós com meu, pai e contei-lhe o que se havia passado, e a resolução de Jeronyma. Notei o espasmo com que meu pai me ouviu, e fiquei de pedra, estupido de dôr, ao ouvir-lhe esta sentença:

« — Nego o meu consentimento para tal asneira.

« E proseguiu: Resolveu-se finalmente a princeza a casar comtigo. Vou mandar cantar um *Te-Deum*, e tocar os sinos. Desce do throno a excelsa rainha a receber as humilhações do seu despresado e despresivel vassallo. Foi preciso que apparecesse um pianista italiano para lhe acordar o appetite do matrimonio. Fez a menina a comparação entre o pianista e meu filho, e achou que meu filho valia um pouco mais que o pianista. Muito bem. Se a ti te serve, não me serve a mim. Se não tens dignidade, tenho-a eu. Se achas pouca a tua miseria, continúa a ser miseravel lá por tua conta e risco. De mim não esperes senão a maldição. Dinheiro não o dou para sustentar vilipendios. Tenho dito.

« Meu pai deixou-me coberto de lagrimas, e foi contar a minha mãi o succedido. Ouvi gargalhadas de minhas irmans, e imprecações de minha mãi.

Sahi de casa, e fui desafogar a dôr mortal nos braços de José da Fonseca.

« — Reanime-se e siga-me — disse-me elle.

« Segui-o na perplexidade do nosso destino. Maravilhei-me quando o vi encaminhar-se á minha rua, e entrar em minha casa.

« A nossa entrada no escriptorio foi de assombro para meu pai. Ergueu-se, apoiou as mãos sobre a escrivaninha, e disse seccamente:

« — Que é?

« — Uns momentos de attenção que lhe peço — disse Fonseca — Eu sou cunhado de Jeronyma.

« — Sei; — a talhou meu pai — e d'ahi?

« — Noto que o senhor é amigo da concisão — disse o doutor com pacifico sorriso — mas convinha-me não precipitar a causa que me traz aqui.

« — Não posso perder tempo. Se é do meu consentimento que se trata para meu filho casar com sua cunhada, nego tal consentimento. Case-se, quando queira. A lei dispensa a vontade dos paes. Arranjem-se lá. Dote não dou.

« — A lei dispensa a vontade dos paes — replicou Fonseca — mas a vontade dos paes é respeitavel, e eu, como homem de lei, tenho aconselhado muitos filhos, na posição do seu, a que respeitem a vontade de seus paes, sendo ella fundada em razões

respeitaveis. Essas razões de recusa é que eu venho perguntar ao senhor quaes ellas sejam.

« — Eu podia responder-lhe — disse meu pai — que não dou satisfações; mas estou de maré para aturar impertinencias. Meu filho teve consentimento para casar com a filha de Joaquim Luiz ha sete annos. Joaquim Luiz era um homem honrado, com cuja alliança eu me não envergonhava. A menina rejeitou meu filho, como se esperasse que algum dos infantes viesse casar com ella. Um anno depois, o parvo de meu filho pediu-a de novo, e foi ainda rejeitado. Tive dó e vergonha da tolice d'esse basbaque; mandei-o viajar. Voltou peior do que fôra, e soffreu novas e bem merecidas desfeitas. Ultimamente, com grande espanto meu, constou-me que elle andava a choramigar atraz de sua alteza a serenissima senhora Dona Jeronyma, e voltava de novo á carga, vendo que ella preferia um troca-tintas italiano. Tenho dado as minhas razões: não consinto em tal casamento. O senhor doutor escusa de perder o seu tempo, se tem que fazer; eu cá de mim tenho muita cousa séria em que me occupar na minha vida, e não ando por casas alheias a perguntar aos chefes de familia a razão das suas determinações.

« — Apesar da desabrida recepção que o senhor me dá — redarguiu Fonseca — não me arrependi ainda de ter vindo aqui. É bom sempre vêr a calum-

nia em primeira mão. O snr. Monteiro calumniou minha cunhada, e é unico na diffamação. Admiro com tristesa o calumniador porque é velho e porque tem filhas.

« — Vem insultar-me a minha casa?! — bradou meu pai.

« — Não vim a insultal-o, senhor, vim a dizer-lhe que as razões, dadas para a negação do consentimento, não são respeitaveis. Se o fossem, o primeiro respeitador d'ellas, e conselheiro de seu filho, seria eu. Não o são, e, portanto, o casamento de seu filho com Jeronyma ha-de realisar-se.

« — Como quizerem; mas vintem não o esperem de mim, em quanto eu fôr vivo; e, depois de morto, veremos.

« — Depois de morto, — disse o advogado — ha-de o snr. Monteiro ser um extremoso pai, como todos os paes que morrem.

« E voltando-se para mim, proseguiu:

« — Quer, pois, o snr. Pedro Monteiro casar com Jeronyma, pobrissima, sem o dote de uma cadeira, sem mais patrimonio que a sua virtude?

« — Quero, porque sei que o trabalho me dará o que meu pai me nega — respondi eu.

« — Has-de fazêl-as boas com o teu trabalho — acudiu meu pai em cólera — Olha quem! tu, que nunca soubeste o que é negocio, que estragavas as

mais simples tarefas de escripta commercial, que eu te incumbi!... Estás bem aviado! Casa, que d'aqui a dous mezes has-de entrar por aqui dentro a pedir uma tigela de caldo.

« — E o snr. Monteiro negar-lhe-ia? — perguntou José da Fonseca.

« — A elle talvez lh'a désse; mas a elle só; mulheres de portas a dentro não quero mais nenhuma.

« Fonseca sorriu, e sahimos, depois que elle me acenou com a cabeça para o seguir.

« — Parece-me duro de coração! — foram as unicas palavras que ouvi ao advogado.

« Chegamos á rua das Flores, e entramos n'uma casa commercial. Fonseca chamou o negociante ao escriptorio, e levou-me comsigo.

« — Este senhor é, como sabe, filho de Joaquim Monteiro. Quer casar com minha cunhada, filha de Joaquim Luiz.

« — A virtude em pessoa! — atalhou o negociante — Tomára eu que ella quizesse algum dos meus filhos, e viesse para minha casa. Dou-lhe os parabens, snr. Monteiro! Seu pai deve estar contentissimo.

« — Pelo contrario, disse Fonseca — nega-lhe consentimento, e já se vê, os menores recursos. O snr. Pedro está pobre, e quer estabelecer-se. Venho eu solicitar do meu amigo alguns contos de réis para começarem vida os noivos.

« — O snr. doutor José da Fonseca — disse o negociante — tem a minha casa e o valimento dos meus amigos ás suas ordens. Diga o que quer e quando o quer.

« — Eu direi e marcarei o dia.

« Sahimos.

« — Attenda ao que vou reflectir-lhe — disse José da Fonseca — o senhor póde dizer a Jeronyma que seu pai lhe nega dote e alimentos; mas não lhe diga que negou consentimento para casar com ella. A noticia da sua pobreza é recommendação para que ella o estime muito; a outra juro-lh'o eu que seria um formal quebrantamento da palavra dada. »

VI.

CALVARIOS OBSCUROS.

« Com quanto a paixão me não deixasse sentir os dissabores d'este mau começo em comparação da muita felicidade, que eu antevia, confesso-lhe que entrei abatido e tristonho em casa de Jeronyma. Já lá encontrei o doutor: já lá sabiam que eu ia casar sem recursos paternos, mas que me sobravam meios de emprestimo para estabelecer algum negocio. Divisei grande contentamento em Jeronyma: tinham mais meiguice aquelles bellos olhos, e mais affectuosa suavidade as expressões. Conversou commigo sosinha, em quanto a mãi se entretinha com as outras filhas e com o genro. Animou-me a deixar fallar o coração, e não sei que estranha linguagem eu lhe

dizia, que Jeronyma, a intervallos, ficava como suspensa ouvindo o intimo, e novo, e estranho fallar do seu coração.

« — A nossa vida vai ser laboriosa — dizia-lhe eu.

« — E sem a condição do trabalho parece-me que não póde haver perfeita felicidade — respondia Jeronyma.

« De subito, me fez ella esta pergunta:

« — Seu pai e sua mãi são contentes da nossa união?

« Ficou-me largo espaço a mentira entalada na garganta. Tremia do terror que incutem as cousas divinas: não podia mentir-lhe; lembrou-me, porém, a observação do cunhado, e balbuciei extemporaneamente:

« — São contentes da nossa união.

« Jeronyma demonstrou simulada indifferença pela delongada resposta, e declinou a conversação para outro assumpto. Fallou-me das virtudes de Fonseca, e do desastrado fim de Duarte Pereira. Encaminhei novamente o dialogo para as delicias do nosso futuro. Jeronyma ouvia-me não já enlevada na estranhesa da phrase, mas em abstrahimento para não sei que devanear de magoada expressão no semblante d'ella. Interroguei-a com amorosa vehemencia, invoquei a alma de seu pai para me dizer ella o que a

entrestecia. Respondeu-me: « eu lh'o direi; não me afflija agora. »

« Revelei estas miudezas, que eram tudo e o mais valioso da minha vida, a José da Fonseca. Scismou elle, e alanceou-me o coração dizendo-me que Jeronyma devia suspeitar da formal negação de meu pai.

« — E que monta isso? — perguntei-lhe eu — Se me ella ama, que lhe importa meu pai.

« — O senhor ignora os melindres da virtude — respondeu o doutor — Jeronyma crê que o mais sagrado dever n'este mundo é a submissão de filha. Está n'aquella alma juvenil a sabedoria, a razão, a prudencia e a idade de Joaquim Luiz. O coração de Jeronyma não se alumia senão da luz da razão e da consciencia, luz que esclarece e não incendeia. Se Jeronyma suspeitar que Pedro desobedece a seus paes, por amor d'ella, não o desestima, mas deixa de o amar, e sua esposa não o será jámais. Já agora esperemos o que resulta dos seus devaneios. Ella lhe dirá o que é. No entanto, o senhor tem de esperar os vinte e cinco annos da lei, para evitar pleitos, a que Jeronyma não podia ser estranha; e, a sabêl-os ella, perdido estava tudo do mesmo modo.

« Continuei a viver na companhia de meus paes. Não me tratavam bem nem mal. Notei, porém, grande reviramento na confiança que meu pai depo-

sitava em mim. N'outro tempo era-me franqueado o dinheiro; passavam por minhas mãos as quantias, que entravam em caixa; era eu o recebedor das letras mais avultadas; todo o commercio com os portos estrangeiros me fôra incumbido. Depois do ultimo incidente, retirou-me meu pai a confiança, vedando-me entrada no escriptorio, e afastando-me de si asperamente quando me eu humildemente offerecia a auxilial-o nos trabalhos de contabilidade e assentos.

« E' que meu pai julgára-me capaz de um roubo. Sem o amparo de Jeronyma, sem a imagem d'ella, que me estava sempre dando alentos, ter-me-ia suicidado, depois d'aquella affronta.

« Soffria, na esperança de resgatar, um dia, o perdido conceito, provando a meu pai que o homem trabalhador não podia ter-se deshonrado por um roubo.

« Comprehendeu meu pai que eu estava esperando a idade para me emancipar do seu consentimento. Isto azedou-lhe mais a ira, a ponto de me dizer um dia: — Essa gente, que ha-de ser a tua familia, não é capaz de te sustentar nos tres mezes, que te faltam para os vinte e cinco annos?

« Doeu-me este ultraje feito á virtuosa familia de Jeronyma; não pude reprimir as lagrimas, nem estas expressões irreflectidas: — Na familia pobre,

que meu pai despresa, ha lá uma mulher que ha-de ter por mim coração de mãi; e será ella a unica, a verdadeira mãi de entranhas, que eu conheci n'esta vida.

« Lançou-se meu pai a mim, e espancou-me, levando-me a pontapés para fóra do escriptorio, onde me chamára. Cuidei vêr Jeronyma n'este lance, a dizer-me: — eu teria soffrido mais que tu com mais resignação e docilidade.

« N'esse mesmo dia, recebeu meu pai uma carta, que eu vi chegar, nas mãos de uma servente, que tinha visto em casa de Jeronyma. Desde já lhe mostro o contheudo da carta, que encontrei dez annos depois, entre os papeis de meu pai.

« Era de Jeronyma; aqui a tem; — disse Pedro, tirando-a da carteira — Vim munido de documentos, para que vossê não cuide que eu dei em romancista oral depois dos setenta annos. » Li a carta, que resava assim:

« Snr. Joaquim Monteiro.

« Tomei a liberdade de me dirigir a vm.ce, (1)

(1) Não lhes destôe nos ouvidos ceremoniosos este tratamento. Era assim no primeiro quartel d'este seculo, que os mais abastados commerciantes se entendiam e se respeitavam. Jeronyma, vesada ao estylo epistolar de seu pai, julgaria offensiva por ironica a senhoria ao negociante. O mais certo é que ella nem pensou n'isso.

« por meio d'esta carta, da resposta da qual de-
« pende a mais importante deliberação da vida hu-
« mana. Annui á vontade de minha familia, acei-
« tando para marido o snr. Pedro Monteiro. Depois,
« no pouco tempo que fallei com elle, reconheci-lhe
« boas qualidades, e entendi que o casar-me já não
« era um sacrificio á minha familia. Tive depois mo-
« tivos para suspeitar que vm.ce não é contente com
« este casamento: poderei ter-me enganado; mas é
« forçoso que eu me desengane, e o desengano só
« vm.ce m'o póde dar. Escuso dizer-lhe que eu sou
« incapaz de casar com o snr. Pedro Monteiro, não
« sendo essa a vontade de seu pai. Creio que todos
« os paes são como era o meu; e, assim como eu
« seria incapaz de desobedecer-lhe, penso que todos
« os filhos devem ser iguaes na obediencia. Vm.ce
« terá a bondade de responder o que fôr servido.
« Deus guarde muitos annos a vm.ce Porto 20 de
« Abril de 1816. Criada humilde, *Jeronyma Luiza*
« *da Silva.* »

« Não pude saber que respondeu meu pai; porém facil é presumil-o do seguimento das cousas. José da Fonseca, a cuja casa eu ia todos os dias, disse-me no seguinte ao d'esta carta, que as suspeitas d'elle se tinham verificado, e mostrou-me um bilhete de Jeronyma, com poucas palavras; se bem

me recordo, eram estas: « Peço-lhe que aconselhe o « snr. Pedro Monteiro a ser bom filho, para que a « mulher que Deus lhe der, possa vir a ser uma « feliz esposa. Eu de certo não o serei nunca, e elle « virá a conhecer que é melhor perder uma affeição « de noivo, onde ha tantas, que perder a amisade « de pai, que é só uma. »

« Lembra-me que me lancei de joelhos aos pés de José da Fonseca, supplicando-lhe que me livrasse da morte. Era um anjo de bondade aquelle homem, e tambem era profundo conhecedor do coração humano. Tinha elle já como impossivel demover o animo de Jeronyma, e mesmo não contava com o auxilio da mãi, cujos principios sobre a obediencia, devida aos paes, não podiam ser senão os de sua filha. Cuidou em me salvar José da Fonseca, ferindo-me o amor proprio no mais sensivel. — Snr. Pedro, disse-me elle; convençamo-nos de uma verdade, que eu tenho de ha muito escondido do justo resentimento do seu coração. Jeronyma não o amou nunca, nem o ama agora. Poderia vir a amal-o; mas o nosso caso está no presente e no passado. Se o amasse, era sua esposa ha seis annos, e era-o agora e sempre, a despeito da vontade de seu pai. Rigor tal de sentimentos, não é proprio de mulher de vinte e dous annos, se ella sente algum affecto, não direi já paixão! Alli o que ha é uma prudencia

glacial, uma madureza extemporanea de juizo, que, a meu vêr, significa, simples e meramente, absoluta ausencia de amor. Quereria o meu amigo ligar a sua vida a uma mulher que antepõe as razões do mundo ás propensões da sua alma!? Crê o senhor que seria feliz uma alliança em que da sua parte está o ardor de sentimentos seis annos acrisolados na ancia e na saudade, e da parte d'ella um coração sem actividade, um espirito inflexivel, que está sempre pautando pela norma dos deveres o que lhe vem ou devia vir espontaneo do amor? Jeronyma não lhe servia, snr. Pedro. Minha cunhada tem defeito; é um coração aleijado, ou degenerado pela influencia dos costumes varonis em que se fez, e rapidamente consummiu a sua mocidade. Algumas vezes sua familia teria razão, censurando-lhe a sua fraqueza. Fraco é o homem que se julga inferior ao imperio das paixões. Não ha paixão alguma que possa mais que o homem. Nós é que somos os fracos; e muitas vezes chegamos a fingir que o somos, para que o mundo encareça a omnipotencia da nossa paixão. Snr. Pedro, ha em toda a parte uma mulher que nos ame, e nos indemnise das ingratidões das outras. E' ordinario pensar o homem, quebrantado de um amor sem esperança, que o Creador fez uma só mulher para o molde dos seus desejos; e que as outras todas são apenas esboços do typo de uma só.

Creia o meu amigo que as virtudes de Jeronyma são um desconcerto da natureza feminil, e que eu sei de muitas mulheres possuidoras de melhores condições para a felicidade de um marido. Em summa, chegamos ao ponto de eu, por minha vez, lhe pedir que tenha dignidade, que esqueça Jeronyma, que volte á estima e confiança de seus paes, e, finalmente, que seja homem.

« Não dei pelo artificio d'este arrasoado. Acreditei sinceramente que Jeronyma me não amára nunca. »

Aqui atalhei eu o meu velho narrador:

— E eu penso que outra crença seria irracional. Para mim tenho que Jeronyma não amou nunca v. exc.ª

— Amou vinte e quatro horas, e eu lh'o provarei depois; amou, quando me viu dependente do trabalho de ambos; ficou amando-me, depois que me rejeitou por amor aos deveres.

— E proseguiu:

« Dei fé da subita mudança de meu pai, operada pela carta de Jeronyma. Fallava-me com brandura; chamava-me a coadjuval-o; restituiu-me a confiança; e, decorridos dias, disse-me que fosse dar um passeio até Lisboa, e que me deixasse por lá estar alguns mezes. Abracei a proposta; mas cahi de cama na vespera da partida, e entre-lembro-me que estive a cahir á sepultura.

« Não ouvi fallar de Jeronyma por espaço de dous mezes. Dei os meus primeiros passeios, ainda desejoso de encontrar José da Fonseca. Vi um dia Eulalia á porta de uma igreja, com o sobrinho pela mão. Vestiam ambos de lucto rigoroso. Que ideia eu tive! Como o coração do homem é atrevido em suas apprehensões vaidosas! Cuidei que Jeronyma teria morrido! Aproximei-me de Eulalia; e ella, vendo-me, rompeu em pranto desfeito. Isto mais confirmou o meu panico. — Que é, minha senhora? quem morreu? — exclamei. Eulalia desafogou-se dos soluços, e balbuciou: — Morreu minha santa mãi.

« A dôr foi menor para mim; mas saltaram-me as lagrimas dos olhos. Santa devéras era aquella senhora! Vêl-a entre suas filhas, com um ar de austeridade e ternura, ao mesmo tempo, ora sorrindo ás meninices do neto, ora relembrando as maximas do marido; simples e ingenua como a virtude; lhana e coração no rosto como se estivesse de continuo confessando-se a Deus de acções, palavras e pensamentos!... oh! como eu recordo ainda os menores traços d'aquella veneranda mãi!... »

Esteve-se o meu amigo em dorido silencio por algum tempo; depois proseguiu commovido:

« Pedi a Eulalia que me contasse miudamente a morte de sua mãi.

« — Pouco posso dizer-lhe, respondeu ella, querendo em vão sustar o chôro. Minha irmã Jeronyma adoeceu...

« — Quando adoeceu? — interrompi.

« — Depois que recebeu a carta de seu pai.

« — Sabe o que meu pai lhe diria?

« — Penso que reprovava o casamento.

« — Mas sua irmã adoeceu n'essa occasião, logo depois que recebeu a carta de meu pai?

« — Logo depois; e dizia-me ás vezes que levaria a Deus muitas acções de graças, se lhe mandasse a morte.

« — Fallava-lhe em mim sua irmã?

« — Nunca fallou... só uma vez, quando lhe disse a mana Maria que o snr. Pedro estava a morrer.

« — E que lhe disse?

« — Que as mais felizes uniões se faziam no céo... Depois, continuou Eulalia, minha mãi, vendo assim Jeronyma, começou a adoentar-se, e a dizer que não ia longe. Foi confessar-se e commungar por seu pé, e durante quinze dias foi sempre a S. Nicolau resar sobre a sepultura de meu pai. Um dia voltou do caminho, n'uma cadeirinha para casa, com um ataque apopletico. Apenas nos conheceu para nos abençoar, e expirou nos braços de meu cunhado pedindo-lhe que fosse o pai de nós todos.

Dous dias depois, mudamos para casa da mana Maria, e lá estamos. Cada vez que se falla em nossa mãi, ou encontramos um farrapinho que fosse d'ella, abraçamo-nos todas a chorar. Agora estava eu aqui á espera de um padre que vem dizer uma missa por alma de nossa mãi. Lá dentro na igreja estão minhas irmans, e meu cunhado vem além com o padre.

« José da Fonseca deu-me um abraço, e poucas, mas affectuosas expressões me disse.

« Entrei no templo, e assisti com fervor á missa por alma da virtuosa Marianna.

« Finda a missa, escondi-me no escuro da nave para vêr Jeronyma. Era formosa ainda como a corôa de flôres resequidas. Os olhos marejados de lagrimas reluziam-lhe á luz dos cirios dos altares. Pendia-lhe das mãos sobre-postas na cintura o rozario que eu conhecia do açafate de costura da sua mãi.

« Passou e não me viu. Eulalia disse-lhe ao ouvido que eu estava alli; e Jeronyma olhou para as sepulturas, e sahiu da igreja sem relancear a vista a algum dos lados.

« Foi a derradeira vez que a vi!... A derradeira vez!... »

Era uma vibração de gemidos estas ultimas palavras do ancião.

VII.

ADEUS!

A muita gente ha-de parecer absurda falsidade uma triste verdade que eu lhe vou contar.

E essa muita gente será a de melhor coração, e mais firmes crenças nos bons resultados da virtude.

Para me não enredar em devaneios philosophicos, vou já direito ao assumpto, como aprendiz de anatomia, que, para perder o asco ao cadaver, põe as mãos nas chagas tábidas, fechando os olhos.

A probidade de José da Fonseca déra-lhe em resultado a pobreza. A par e passo que a probidade crescia nas acclamações da fama, ia-lhe a clientela fugindo.

Agora vejamos quanto era natural isto, que orça pelo absurdo.

Um cliente abastado, procurava o jurisconsulto, e propunha-lhe os *seus direitos* á propriedade de outrem, que a possuia tambem com os seus direitos. O jurisconsulto cotejava as razões de ambos, e dizia ao seu cliente que era injusto de sua parte o litigio. Replicava o cliente que as suas razões não eram, bem o sabia elle consulente, inteiramente infalliveis; porém, confiado no talento do seu insigne patrono, esperava vencer a causa, e promettia ser na paga liberalissimo. José da Fonseca redarguia que não aceitava procuração para patrocinar um roubo. O consulente sahia e não voltava mais, nem aconselhava seus amigos a voltarem ao escriptorio de José da Fonseca.

Outro cliente, um abastado, por exemplo, que encerrára nos carceres um criado que lhe roubára cinco pintos, offerecia ao advogado cincoenta moedas para lhe aggravar a culpa de modo que o criminoso fosse degradado por dez annos. Dizia o jurisconsulto: « O criminoso está ha seis mezes na enxovia. A fome e o frio e a nudez de seis mezes, afóra a privação do ar e da luz, parecem-me sobeja expiação. Eu não teria alma de ir arrancar esse desgraçado a uma enxovia para o atirar á Africa. » O cliente replicava que não vinha pedir sermões de humanidade, e retirava-se, divulgando que o advogado Fonseca era capa de ladrões.

Uma dama de illustre nascimento procurava o

famigerado letrado para o encarregar de levar pelos cabellos á cadeia e ao tribunal uma sua criada que estava vivendo senhorilmente a expensas de seu marido. O advogado, com quanta delicadeza e urbanidade sabia, lembrava á ciosa senhora que o nome de seu illustre marido seria enxovalhado com o da sua criada nos tribunaes. Acrescentava que bem podia ser que a sua criada, mulher, fraca e serva, se deixasse arrastar do predominio, e mesmo da violencia. Terminava pedindo á nobre dama que respeitasse seu marido, e evitasse confrontos de coração com a criada. A dama dizia que não viera a pedir conselhos, e sahia para divulgar que a moral do advogado indultava a libertinagem dos maridos.

Apparecia depois a criada pedindo ao advogado que a defendesse da accusação de sua ama. Allegava em seu favor as razões, que José da Fonseca adivinhára, e outras muito aggravantes para a nobre dama. O advogado aconselhava-a a que fosse ajoelhar-se aos pés da sua ama, e, depois de perdoada, abandonasse a terra, e fosse ser honesta e laboriosa n'outra parte. A criada sahia dizendo que o famoso advogado só defendia criminosos ricos.

Ora pouquissimos eram os clientes que levavam comsigo ao escriptorio de José da Fonseca a recommendação da justiça. Esses poucos eram os pobres, porque os ricos raras vezes são incommodados com

pleitos injustos. D'esses, uns pagavam, vencida a causa; outros perdiam-na, e queixavam-se do patrono para lhe não pagarem, outros ganhavam, e não pagavam.

Conforme os creditos de honradez se foram acrisolando, iam os interesses deperecendo. Conhecia elle a causa da sua ruina. Algumas vezes o demonio da tentação lhe assalteou a virtude, lembrando-lhe o futuro do filho, e as urgencias multiplicadas da sua casa. O mau proposito desvanecia-se logo que o demonio tentador entrasse no corpo de um rico constituinte, carecido do talento do advogado para cohonestar uma usurpação ou arbitrariedade.

D'este theor se dá razão ao apparente absurdo, e está contada a triste verdade da pobreza de José da Fonseca.

Estava em auge a sua má posição, quando a sogra e suas cunhadas empobreceram, e as elle tomou a seu encargo. As escassas economias de Maria, sempre esperançosa de comprar a quinta lá para o fim da vida, deu-as do mealheiro para o grande augmento das despezas, e pouco tempo suppriram a mingoa de trabalho de seu marido. Este não queria que suas cunhadas e sogra desconfiassem da lucta em que elle andava a peito com invenciveis difficuldades.

Soube o doutor que morrêra um mestre de linguas latina e grega (sabia-se grego e latim n'aquelle

tempo), e que os alumnos das casas particulares estavam sem mestre. Foi offerecer-se para leccionar á noite. Os paes aceitaram-o como mestre de latim, de grego, e de virtude. Pagavam-lhe generosamente as lições, e ajudaram-no a superar os obstaculos. De sua familia adoptiva, só Maria tinha o segredo.

A este tempo, tinha morrido a mãi e suas irmans, as quaes, por meritos dignos d'elle, tinham vivido sob o amparo de religiosas, conseguindo depois professar, com o dote de organistas e cantoras.

Com o fallecimento da sogra, minoraram em pouco as despezas, mas continuaram os trabalhos da advocacia e das lições.

Então foi que Jeronyma, depois de muito instar, soube a passada e presente pobreza de seu cunhado.

Chorou sósinha com Eulalia, e disse-lhe:

— É nosso dever alliviarmos nosso cunhado de tamanho peso. Pensemos no modo de sermos dignas do sacrificio, que elle tem feito por nós: sacrifiquemo-nos.

— Que hei-de eu fazer? — disse Eulalia.

— Hei-de pensar, minha irmã; hei-de consultar as almas de nossos paes. Ámanhã t'o direi.

No dia seguinte, Jeronyma sahiu sósinha, e procurou um homem de annos adiantados, rico, e celebrado no Porto por sua bizarria de animo e condição fidalga.

Entrou Jeronyma no esplendoroso gabinete do fidalgo, e disse-lhe com voz tremida:

— Eu sou irmã da viuva de Duarte Pereira Forjaz. V. s.ª sabe o desgraçado fim que elle teve nas cadeias do Brazil, e a pobreza em que ficou a viuva. A melhor parte dos bens, que foram de meu cunhado, é v. s.ª quem a possue.

— Não ha duvida; — atalhou o fidalgo — mas comprei-os por seu justo valor, e estive em risco de perder trinta mil cruzados por causa da traficancia que Duarte fez, quando fugiu para o Brazil.

— Não contradigo v. s.ª Sei que diz a verdade.

— Então que quer a senhora?

— Venho expôr a v. s.ª o desamparo em que minha irmã ficaria, se nos não valesse a ambas um cunhado que tenho...

— Bem sei; o honrado doutor José da Fonseca, mestre de latim dos meus netos.

— Mas a situação de meu cunhado é muito infeliz. Trabalha noite e dia para nos alimentar; e nós, pobres mulheres, não podemos auxilial-o em nada. Venho pedir para minha irmã a caridade de quem póde exercital-a sem custo, e já tem o costume de ser compassivo...

— Diga o que quer, menina — atalhou o fidalgo, vendo que a voz se embargava na garganta soluçante de Jeronyma.

— V. s.ª póde consentir que minha irmã resida e se alimente de uma das quintas que foram de seu marido.

— Conseguiu o que deseja, minha senhora, e mais do que me pede. Sua irmã não ha-de ir encerrar-se n'uma casa de aldeia. Póde a snr.ª D. Eulalia escolher uma das casas que eu tenho na cidade, e julgar seus os rendimentos da quinta de Grijó, e passar na quinta o tempo que lhe aprouver.

Jeronyma não cuidou humilhar-se fazendo menção de ajoelhar. Acudiu o velho a reter-lhe a acção, e continuou:

— Penso que o rendimento da quinta chegará para ambas. A menina póde acompanhar sua irmã.

— Beijo as mãos de v. s.ª, mas eu tenho outro destino. É para minha irmã que peço, porque é doente, porque sahiu quebrantada de forças d'aquella miseravel opulencia em que v. s.ª a viu.

— Coitadinha! — disse commovido o fidalgo — Quantas vezes eu lhe prophetisei que a pobreza estava escondida nos damascos das suas cadeiras!... Vá, vá; diga-lhe que a melhor casa que posso offerecer-lhe no Porto é esta em que vivo; mas, se antes quer a solidão, que ámanhã achará mobilada a minha casa da rua Chã, d'onde vou mandar sahir o meu mordomo.

Sahiu Jeronyma contente da sua resolução, e

*

contou á sua familia o successo. José da Fonseca teve um instante de pesar; depois alegrou-se na melhoria de Eulalia, e no contentamento de Jeronyma.

— E tu vaes commigo? disse-lhe Eulalia.

— Não, minha querida irmã. Eu não pedi nada para mim.

— Pois deixas-me, Jeronyma? Foste pedir para a tua pobre Eulalia a solidão, onde me ha-de acabar a saudade?

— Has-de viver, minha irmã. Diz-me Deus que nos vamos apartar cada uma por seu caminho; iremos peregrinando, até nos encontrarmos de modo que nunca mais nos separemos... Isto é o que me disse a alma de nossa mãi. Sabes quanto eu amo o trabalho. Só poderei ser feliz, considerando-me util, e recompensada de minha utilidade. O ocio, em que vivo, ia-me aniquilando pouco e pouco. As amarguras respeitam o espirito occupado em qualquer trabalho. Parece-me que a ociosidade até aos ricos deve ser um flagello em muitas horas. Isto não é viver, para mim, que tenho saude, forças e inclinação para trabalhar. Se eu conseguir ganhar o meu sustento com os meus esforços, hei-de ter vaidade de mim mesma. Tu é que não pódes nada, Eulalia. És muito mais desgraçada que eu; sêl-o-ias mesmo, se hoje tivesse toda a riqueza, que Duarte

desbaratou. Terias momentos, e mesmo dias de tanto aborrecimento, que invejarias a alegria das tuas criadas. Entretem-te, seja no que fôr, no mais delicado ou no mais humilde lavor. Olha que até o fazer meias entretem. Toma uma tarefa para cada dia, de modo que o fim do trabalho comece as tuas horas de descanço. Leva muitas vezes para ti o nosso sobrinho, e dá-lhe lições de primeiras letras. Trata da roupa de nosso bom cunhado, para alliviares as canceiras da Maria. Isto são occupações com que póde a tua fraqueza. Ociosa não estejas se não o tempo da folga, para sentires o prazer da inacção.

Ia Jeronyma proseguindo, quando Eulalia a interrompeu d'este modo:

— E tu para onde vaes?

— Amanhã t'o direi, ou quando o souber. Vou sahir outra vez. Agora começo a tratar de mim.

Tinha ouvido Jeronyma casualmente uma senhora da visinhança conversando com outra da casa fronteira. Uma d'ellas dizia que tivera carta de suas primas no Douro, com grande empenho de procurar uma mestra para as meninas, que soubesse lêr e escrever, além das prendas usuaes em senhoras bem educadas. Acrescentava a visinha que apenas descobrira uma, que pedia cincoenta moedas; e que suas primas tinham offerecido quarenta; mas a mestra rejeitára o salario.

A casa d'esta senhora é que foi Jeronyma. Annunciou-se como visinha e cunhada do doutor Fonseca. Disse modestamente as suas prendas, e pediu o lugar de mestra, que se offerecia no Douro. Não vacillou um instante a contente senhora; receiou, porém, que Jeronyma, educada com limpeza e independencia, não se sujeitasse ás obrigações e impertinencias de mestra.

— Póde v. s.ª ficar pela minha pontualidade e sujeição — disse Jeronyma.

Mais jubilosa voltou para casa; mas sentiu-se fraquear ao avisinhar-se a occasião de dizer a seu cunhado o destino que ia ter. Como Eulalia devia no seguinte dia recolher-se á casa da rua Chã, Maria andava chorando, e José da Fonseca, sosinho em seu escriptorio, queixava-se do infortunio que o forçava a annuir á separação. Jeronyma via as lagrimas da irmã, e adivinhava os sentimentos do cunhado. Por isso desfallecia na previdencia da redobrada mogoa que ia dar a ambos.

Venceu a necessidade.

Era á hora da ceia.

José da Fonseca, tomando nas mãos o pão que Eulalia tinha ao lado do seu prato, disse-lhe:

— Minha irmã, sentiu alguma vez n'este pão o amargor da dependencia?

— Não, mano José! Porque me faz semelhante pergunta?

— Não se julgou sempre á mesa de seu pai, estando ahi sentada? Viu no meu rosto um signal, que lhe fizesse lembrar que era apenas irmã de minha mulher, e um encargo para o pobre chefe de familia?

— Nunca, meu Deus, nunca! Por alma de minha mãi lhe juro que nunca pensei na dependencia. Pensei, sim, no seu amor, na sua dedicação, e tambem na sua caridade com tão poucos meios; mas nunca me lembrou que meu irmão seria mais feliz sem o encargo de alimentar e vestir as pobres irmans de sua mulher.

— Pois bem — tornou José da Fonseca — se é este o ultimo pão que come em minha casa, leve d'elle uma saudade, porque a convivencia com infelizes tambem deve deixar saudades, quando elles não teem culpas de que se accusem.

E, voltando-se para Jeronyma, continuou:

— Fica-nos a saudosa alma de Eulalia na alma da nossa Jeronyma. Veremos ambas n'uma. Fallaremos muito na ausente; e a que fica saberá dar-nos a felicidade que a outra nos leva... Porque chora, Jeronyma!? Se tem saudades de Eulalia, para que a furtou a si e a nós? Que tem, minha irmã?

Jeronyma levantou-se da mesa, e abraçou-se em

Maria a soluçar. Ergueram-se todos, e rodearam-na. Era a primeira vez que a viam assim tranzida de dôr.

— Tudo se remedeia, Jeronyma! — disse Fonseca — sua irmã não vai, não precisa ir, ficará comnosco.

— É que ella tambem vai!... — exclamou Eulalia.

— Vai! — disse Maria com espanto — vai comtigo, Eulalia?

A interrogada respondeu com um gesto negativo.

— Para onde vai?! — instou o cunhado.

— Não sei... sei que ella tratava hoje d'isso — disse Eulalia.

— Para onde vai, minha irmã? — insistiu o advogado.

— Vou ensinar meninas — disse, já com firmeza, Jeronyma — Vou onde é preciso que eu vá, meu bom irmão. Todos aqui sabem a constancia das minhas resoluções. Seria escusado embaraçarem-me. Podem-me affligir, e arrancar o coração em lagrimas; mas não mudam o meu intento. Vou em busca da felicidade. Minha mãi disse-me que eu a encontraria... disse-m'o do céo. Na terra me tinha dito meu pai ha oito annos: « a tua felicidade estará sempre na altura do teu prestimo. Quando olhares em redor de ti, e perguntares a ti mesma: — de que sirvo eu? — então serás desgraçada, se as alternativas

imprevistas da vida não tiverem apagado a luz da dignidade em tua consciencia. » Isto me disse meu pai; é forçoso que eu me deixe guiar pela sombra d'elle, até o encontrar além d'este mundo. Minha irmã, minha boa Maria, eu fico comtigo, porque a teu lado verás sempre a imagem da irmã agradecida, a pedir-te que te lembres das esmolas que nos fizeste a nós e nossa mãi. De cada vez que me vires, abraça teu marido, para que elle se reveja em ti, e tu lhe agradeças a parte que te deu da sua virtude. Não vos perco, estareis sempre commigo; mas chora-me o coração porque está ainda longe o céo, onde iremos encontrar todos os nossos. Ó minha santa mãi, abençoai-nos n'este ultimo ajuntamento á mesa onde o pão era tão amargurado para quem no'l-o dava, e tão dôce para nós, pobresinhas, que o recebiamos!

Fonseca apertou sua cunhada ao seio, com os olhos fitos no retabulo de Jesus fronteiro á mesa.

— Vêde-nos, Senhor! — murmurou elle. — Eramos dignos uns dos outros. Repartistes por todos igual quinhão de venturas. Os desgraçados vos louvam, já que os felizes vos desconhecem!

VIII.

Justo conhecedor do caracter de Jeronyma, o consternado marido de Maria absteve-se de ponderar e de rogar-lhe a mudança de tenção.

Eulalia, na manhã do seguinte dia, ao preparar seus bahús para sahir, conheceu a magoa do arrependimento, e disse a Jeronyma que a dependencia de caridade de um estranho lhe era maior dôr que o estar ás sôpas de seu cunhado.

Respondeu Jeronyma:

— Maior dôr devia ser-te, minha irmã, dependeres de um homem, que muitas vezes mandou vender os melhores de seus livros para nos sustentar, e veste uma velha roupa, que os teus antigos

criados não vestiriam, para nos dar vestidos pretos, quando nossa mãi morreu. N'estes grande sacrificios a virtude está toda da parte d'elle; a nossa é nenhuma; seria mesmo uma feia indifferença o nosso procedimento, se continuassemos a obrigar este santo homem a um esforço de trabalho, que lhe custa annos de vida. Deixêmol-o descançar, Eulalia; e soffre tu com rosto alegre a dependencia de um opulento generoso, assim como eu hei-de soffrer o trabalho, e talvez os despresos e altivezas de meus amos. Eu vou servir, minha irmã; vou assoldada para uma casa; tu vaes tambem servir um dever, immolar a a tua vaidade, se a tens, ao melhoramento de fortuna de tua irmã, de teu cunhado, e d'aquelle menino, a quem nós estavamos roubando o pão futuro, e talvez o pai, quebrantado por trabalhos, superiores a suas forças. Verás que o depender não é amargo, quando a beneficencia é generosa e desinteresseira. Todos dependem, todos aceitam, do igual ou do maior, favores, que muitas vezes significam humilhação e vilipendio. Tu tens por ti o respeito que inspira a immerecida desgraça. Quem te acode, bem mostra a estima que te dá no valor do obsequio. Conheceu-te martyr na opulencia, e respeitou-te; ha-de respeitar o teu martyrio na penuria.

Fortalecida pelas razões de Jeronyma, e commo-

vida dos secretos infortunios de seu cunhado, activou Eulalia os aprestes para a sahida.

Jeronyma devia embarcar ás onze horas d'esse mesmo dia para a Regoa.

Ao almoço, não appareceu José da Fonseca. Disse Maria que seu marido sahira de madrugada para não se despedir. Queixou-se brandamente da insensibilidade de suas irmans, e repetiu as palavras de José da Fonseca: « Até as pessoas, que me adoçavam as amarguras do trabalho, me vão fugindo com esse restante e ultimo bem. » Se tuas irmans — dizia elle a Maria — forem infelizes, em contacto com o mundo que não conhecem, hei-de eu devorar parte do seu fel, hei-de culpar-me a mim proprio de as não ter sabido attrahir mais á minha amisade, para que me não deixassem. É verdade que ellas viviam aqui necessitadas do que lhe abundava em casa de seu pai. O futuro escurecia-se-lhe cada vez mais. Os annos da mocidade estavam a passar. Depois, se eu morresse, Maria, o que seria d'ellas e de ti! Póde ser que a alma de tua mãi as tenha inspirado. Deixal-as ir respirar n'um mundo onde por ventura alguma esperança lhe sorria ainda. De nossa não tinhamos só uma em que ellas tomassem a sua porção de contentamento. Deixal-as ir da mão de Deus; mas não quero vêl-as na despedida. Abraça-as por mim, e metade das tuas lagrimas diz-lhes que são minhas.

Mais commovente lhes dissera Maria as palavras de seu marido. Triste foi aquelle ultimo repasto! Nunca tão cariciosa fôra a creancinha para ambas, passando em beijos do collo de uma para o da outra. Nunca tanto incentivo a saudades feriu juntamente o coração das tres irmans, que iam apartar-se. Então foi o recordarem os annos da infancia e da juventude. « Quando nosso pai, dizia Eulalia, olhando por todas nós, sentadas a costurar no esteirão, nos dizia : — Amai-vos, filhas ; saboreai estes curtos dias de prazer sem intervallo de lagrimas ; vêde se podeis segurar a luz do relampago da bemaventurança, que alumia a mocidade ; segurai-o, filhas, com a innocencia e com a ignorancia da vida, para que mais tarde sejaes chamadas a pagar o tributo de lagrimas. Cedo ou tarde será. . . — Lembras-te, Maria? não te parece que o estás vendo com o cotovêlo encostado á cadeira de nossa mãi?

— Recordemos, recordemos, minhas irmans — dizia Jeronyma. — Apertemos o coração com as afflicções, que ás vezes a dôr diminue assim. O que se fez da nossa vida!. . . Ainda ha dez annos tão venturosas, sem pensar na riqueza, mas tanta gente a dizer-nos que eramos ricas, e nós parece que perguntavamos umas ás outras o que importava ser ricas!. . . E os amigos de nossa casa nem depois nos appareceram para nos dizerem que estavamos po-

bres! Como é o mundo!... Parece que se apagou a luz que viamos no céo da nossa mocidade! Eu penso tanto n'isto, minhas irmans, e com tamanha saudade de bens para sempre perdidos! Não foi a desgraça que me fez negra a vida. Foi vêr que uma parte da familia se dispersou pelas sepulturas, e a outra vai aceitar o destino que Deus lhe reserva. Existe apenas um ente feliz; és tu, Maria! São tantas as recompensas da tua vida cortada de privações, que serias injusta se arguisses a Providencia!...

Um pressuroso e desacostumado subir de escadas chamou a attenção de Maria e de suas irmans. Era José da Fonseca, arquejante de cansaço, mas desfigurado pelo jubilo, expressão que nunca sua mulher lhe vira tão vehemente e arrebatada no rosto.

— Ninguem seja mau! — exclamou elle, sentando-se, e limpando as bagas do suor — Ninguem seja mau! Tudo é contingente, menos as consequencias infalliveis da virtude!

As senhoras não o entendiam, e perguntavam simultaneamente:

— Que foi?!

— Não é a vós que o digo, creaturas de eleição; mas queria que todo o mundo me ouvisse dizer: sêde bons, sêde virtuosos, sêde pobres por amor da honra!

— Mas que é, filho?! — repetia a esposa. Tu assustas-me, José! Que te aconteceu?...

Descançou o advogado, e disse mais placidamente:

— Deves estar muito lembrada d'aquella infausta causa que eu perdi por minha culpa, e da restituição de seis mil cruzados que fiz ao meu cliente.

— Se estou lembrada!... — disse Maria — Era o dinheiro da nossa quinta.

— Bem hajas tu, mulher — proseguiu Fonseca — bem hajas tu, que achaste digna e nobre a minha acção, e não tiveste palavra nem gesto de descontentamento que me désses! A corôa da minha boa acção, se alguem m'a deu, foste tu, Maria. A sociedade bem sabes tu como ella qualificou o facto: uns, chamaram-lhe obrigação resultante da ignorancia; outros, façanha de mentecapto; outros, armadilha á fama, e semente lançada á boa fé para colher cem por um. A todos perdoei; porque me bastou a indemnisação da tua alegria. O homem a quem restitui o valor da causa perdida, morreu hontem, e deixa-me seu universal herdeiro, herdeiro dos bens, que valiam seis mil cruzados, e das bemfeitorias que lhe fez em sete annos. Trabalhou sete annos na minha propriedade o obreiro, que Deus me enviára para sondar se eu era fiel aos preceitos da caridade. Tens agora a tua quinta, Maria; tendes a

vossa quinta, minhas irmans. Deixai os vossos projectos, que eu, se não sou rico, tenho o pão certo de cada dia. Abraçai-me, e elevemos juntos a Deus um pensamento de gratidão, que Deus não se dedigna do reconhecimento de humildes creaturas, que cuidam receber os beneficios de sua divina mão.

Abraçaram-se silenciosos: Maria suffocada pela alegria; Eulalia tambem; Jeronyma sem lagrimas, nem transporte; apenas lhe resplandecia no semblante o quieto contentamento, que não póde sahir do coração, estorvado por occultas dôres.

—Ninguem, pois, falla aqui mais em separação — disse Fonseca.

— De certo, não!—acudiu Maria.

— Tão depressa unidas, quando choravamos sem esperança de nos ajuntarmos tão cedo!—disse Eulalia.

E Jeronyma relanceava os olhos, já humidos, sobre cada pessoa que fallára.

—Eu vou agradecer da parte de Eulalia ao cavalheiro generoso que lhe dava casa e abundante subsistencia — disse Fonseca — Vou contar-lhe tudo, porque é um dever meu que toda a gente saiba o resultado de uma acção louvavel. Se então lhe não viram o alcance, quero que o vejam agora. Sois todas minhas; agora sei que vivereis e morrereis debaixo do meu tecto!... Jeronyma ainda não disse

15

palavra!... Parece insensivel á minha felicidade, Jeronyma!...

—Não sou, meu irmão—disse ella sorrindo—Não vá a felicidade fazêl-o injusto commigo! Sou menos expansiva; bem sabe o meu genio; mas a minha Maria não ha-de ter mais ferventes acções de graça que eu, quando agradecer a Deus as venturas de meu bom irmão.

—Pois então desculpe-me a injustiça, que era só dos labios. Almocem, que eu não tenho vontade. Vou dar alguns passos para dar começo á habilitação, e volto ao jantar.

Eulalia tratou de desfazer os fardos, e dar á sua roupa o arrumamento, que desfizera a chorar. Jeronyma sentou-se á banca do seu quarto, em quanto sua irmã andava preoccupada, e escreveu longo tempo. Perguntou-lhe Maria o que estava escrevendo com tanta azáfama, e ella respondeu: « tu verás. »

Ás dez horas e meia sahiu Jeronyma, e entrou na casa da senhora, que morava defronte. Eulalia, que a vira entrar, foi dizer a Maria que a mana tinha ido dar algumas razões de desculpa á falta da sua palavra compromettida na aceitação da proposta, e na ida n'aquelle mesmo dia.

Ao meio dia não tinha ella ainda voltado.

Eulalia teve um presagio doloroso, e disse a Maria:

—Estou a tremer que ella fosse para o Douro!

—Isso é criancice, Eulalia! que motivos podia ella dar para sahir da nossa companhia?

—Nenhum, acho eu; mas olha que, á sahida de casa, deu-me um abraço, e não queria que eu lhe visse as lagrimas.

—A mim fez-me o mesmo; mas eu não reparei n'isso. Ella abraçava-me e beijava-me sempre que sahia.

E estiveram em conjecturas até que entrou Fonseca. Contaram-lhe os seus receios.

—E' incrivel!—disse elle—Já mandaram saber d'ella a casa d'essa senhora?

—Não.

—E' o que deviam já ter feito. Eu vou lá.

Foi o advogado, e voltou com um papel. Vinha enfiado, e abriu convulsivamente a carta, que leu em voz alta.

Resava assim:

« Meu irmão. Obedeço a uma força superior. Sigo o meu destino: perdôe-me a magoa que lhe deixo; antes quizera eu deixar-lhe só a saudade. A força superior que me obriga a ir não é cousa inexplicavel nem supersticiosa; é a razão. A ser outra causa, escrever-lhe-ia menos serenamente, e não saberia inventar o que vou dizer-lhe.

« Meu cunhado era hontem pobre. Não o consi-

dero hoje rico, senão continuar a trabalhar; o rendimento dos bens que herdou, é insufficiente para sustentar a sua familia e minha irmã, e d'aqui a pouco a educação e habilitação do seu filho, para se achar occupado quando fôr homem. Meu pai me disse muitas vezes que tivera duas quintas; e que as vendêra, por que o rendimento d'ellas pouco mais dava que o necessario para grangeal-as. Meu cunhado está nas mesmas difficuldades passados alguns annos, ou deixa seu filho n'ellas, se se fintar na herança, que teve. Está, portanto, obrigado como estava ás duras condições do trabalho; duras lhe chamo quando o muito suor não tira de chorar muitas lagrimas quem traz no coração uma familia, e vê amanhecer um, outro e todos os dias, sem poder chamar a algum dia o do repouso. Eu sei o que meu pai sentia, quando eu era a confidente unica das suas atribulações, escondidas a todos.

« Se não basta para a minha sahida esta razão, vou dar-lhe algumas das que me fortalecem.

« Estou nova, tenho vigor, tenho vontade de trabalhar, e sinto-me doente da alma e corpo na ociosidade. Que posso eu fazer na sua companhia? Contar os meus dias de indolencia e inacção. Sentar-me á mesa para tomar uma parte do producto da actividade alheia. Levantar-me da mesa para me empregar em trabalhos, quasi inuteis, com que as

mulheres costumam encobrir a sua ociosidade. Depois, meu amigo, eu já sei que santo prazer é o da mulher, que parece emancipar-se da sua fraqueza natural quando recebe o estipendio da obra de suas mãos, e diz: Ganhei com os meus esforços, com a minha capacidade, com a applicação do meu espirito, este dinheiro que vale a minha subsistencia de uma hora, de um dia ou de um anno! Este prazer, de certo, meu irmão não quer privar-me d'elle; e, quando quizesse, eu é que não podia privar-me. Tenho calculado que com dez annos de trabalho posso possuir o bastante para depois me alimentar outros dez, se tanto me der Deus de vida. Quando concluir a educação das meninas, de quem vou ser mestra, procurarei outra casa, com os mesmos interesses. Como tenho cama e mesa e duzentos mil reis, posso economisar em dez annos quatro mil cruzados. Esta quantia ser-me-ha bastante para mim e para Eulalia, se ella a esse tempo carecer de mim. Tenha paciencia com estes calculos; mas creia que elles vingarão, ajudados pela minha força de vontade. Não me chame ambiciosa, sem primeiro pensar que o sagrado dever de cada um não é só a paciencia nos revezes; mais do que isso é evital-os por meio do constante trabalho, da economia discreta, e dos esforços a conseguir independencia sem altivez, e posição d'onde possamos ser uteis aos que depen-

dem. É isto o que meu irmão tem feito, e que eu vou fazer. Abrace minhas irmans, e espere-me á sua mesa na noite de Natal, se Deus quizer. Sua irmã *Jeronyma.* »

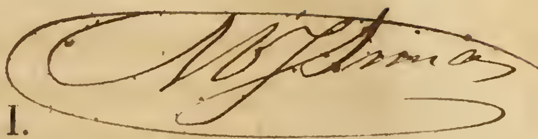
As duas senhoras romperam em chôro. José da Fonseca dobrando vagarosamente a carta disse:

— É uma alma distincta. Não choremos. Aqui não ha motivo para chorar. Ha muito que aprender. Desde que li esta carta, cahi em mim e conheci que realmente sou pobre como era. O futuro dará razão a Jeronyma : diz-me o coração que sim.

FIM DA SEGUNDA PARTE.

TERCEIRA PARTE.





I.

A PRECEPTORA.

Tinha seu solar em Lobrigos a nobre e rica familia, que recebeu Jeronyma, como mestra de tres meninas, sem mãi, balsamo á saudade do viuvo, e desvelos entranhados de seu pai.

O morgado do Sobral, vendo a mestra ainda verde em annos, segundo o computo requerido nas provincias para a gravidade do magisterio, agourou mal da escolha de sua prima, não obstante dizer a carta de apresentação: « Nem um anjo, vindo do céo, a encontraria melhor. Deparou-m'a a boa estrella das minhas sobrinhas, quando eu já desanimava de achar mestra, segundo as vossas indicações. Jeronyma é solteira, e orphã. O pai deixou honrada

fama; da mãi tenho apenas ouvido dizer que era virtuosissima senhora. Das tres filhas, que ficaram, uma, viuva d'um desgraçado, sei que vive, na minha visinhança; mas nunca a vi. A outra é mulher d'um letrado exemplar de virtudes espantosas, n'este tempo, em que a gente já se espanta da virtude. De Jeronyma, que vai mestra de minhas sobrinhas, só vos direi que Deus as faça como ella.»

— Mas tão nova! — dizia o morgado do Sobral ás irmans. A nossa casa é frequentada por tanta gente, por tanto vadio illustre, que eu não sei se a melhor cabeça poderá aqui guardar o seu juizo!...

Entrou o morgado em conversação com Jeronyma ácerca das suas prendas.

— Tenho apenas aquellas, que a prima de v. s.ª exigiu que tivesse a mestra das filhas de v. s.ª

Foi o morgado dizer ás irmans que a mestra era de poucas palavras, e tinha ares demasiadamente senhoris para o officio.

Uma das tias das meninas, a unica de suas irmans que sabia lêr, (a leitura ha cincoenta annos, na provincia de Traz-os-Montes, era um dote negativo para meninas fidalgas: hoje não monta em bem nem em mal) disse a Jeronyma que suas sobrinhas já começavam a soletrar, e bastava, com o adiantamento que tinham, poucas mais lições; e acrescentou que

as não queria ensinadas a lêr, fóra do « Grito das almas do fogo do purgatorio e do inferno. »

Jeronyma sorriu não da substancia; mas do titulo do livro.

— Vm.ce ri-se do que eu lhe digo? — acudiu mal encarada a illustre provinciana.

— Ri, minha senhora.

— Essa é boa! Pois riu-se?! — exclamou a dama abespinhada.

— Achei singular querer v. s.a que as meninas só conheçam a letra redonda do « Grito das almas. »

— Pois onde quer vm.ce que ellas aprendam a ser christans?

— Na cartilha, minha senhora. Lá é que eu aprendi os mandamentos da lei de Deus, que se encerram em dous; amar a Deus e ao proximo.

A dama não replicou; mas foi dizer a seu irmão que a mestra lhe parecia herege.

Ouviu o fidalgo as razões da supposta heresia, consultou o capellão, e o capellão recolheu-se á sua consciencia, e sahiu fóra meia hora depois, dizendo que não havia heretica pravidade nas palavras da mestra.

A dama, que sabia lêr, e lia a gazeta de Lisboa, perguntou ao capellão se tambem podia haver jacobinas encobertas. O padre aproveitou o ensejo para demonstrar que Napoleão era a besta do apocalipse,

e concluiu duvidando que a mestra fosse jacobina.

O morgado para acrisolar a sua fé e delir suspeitas, lia a carta de sua prima todos os dias. O capellão em hora bem humorada, usando a liberdade dos capellães jocosos, disse, a final, uma vez, que Jeronyma, se alguma cousa tinha de metter susto, eram os olhos, os olhos jacobinos, olhos hereticos como elle, *in verbo sacerdotis,* jurava que nunca vira outros. O auditorio riu, salvo a dama, que sabia lêr, que essa exclamou:

— Credo! nem parece clerigo!

— Quem não fôra clerigo — resmungou elle á parte — que seria jacobino!

Desappareceu das mãos das meninas o « Grito das almas. »

— São necessarios livros para as minhas educandas — disse Jeronyma ao morgado.

— Que livros quer vm.ce?

— Livros de instrucção e de recreio. Para instrucção as obras do padre Theodoro de Almeida, e para recreio o « Feliz independente » do mesmo author.

Pediu o morgado, na presença do capellão sapiente, explicação á mestra do contheudo nas obras pedidas. Jeronyma deu concisa ideia dos livros; e o padre, que os não conhecia, disse que eram excellentes.

As tres meninas, creadas com o abuso de mimo que o amor paternal não justifica, estavam, como em vulgar se diz, muitissimo malcreadas. Nos primeiros dias, contiveram-se estranhas diante da mestra, e tiveram o capricho de obedecer-lhe. Passada a estranhesa, sumiu-se o respeito. Jeronyma reprehendeu-as, e disse-lhes: « ámanhã, se não tiverem aprendido as suas lições, castigo-as. »

Foram as meninas queixar-se ao pai. O morgado, azedo de orgulho e amor, perguntou á mestra se ella ameaçára suas filhas.

— Ameacei, disse Jeronyma, para v. s.ª me não dar o seu pão e o seu dinheiro inutilmente, e para que v. s.ª tenha um justo orgulho de ser pai, quando eu lh'as entregar educadas.

— Mas eu nunca lhes bati — redarguiu o pai.

— Ainda está em tempo de salvar-se do tardio arrependimento, que póde vir a ter... Esteja v. s.ª descançado que eu não bato em suas filhas: basta dizer-lhes que me authorisou a castigal-as. V. s.ª não as molesta, nem se molesta no seu pundonor, dizendo-lh'o. Ellas mais tarde lhe serão gratas, e tambem a mim.

Foi ouvido o capellão ácerca d'este caso inaudito. O capellão ouviu a pythoniza da sua consciencia recta, e disse:

— A mulher tem razão: a pancadaria é neces-

saria ao rapazio, como a póda ao bacêlo. Deixe-a lá, snr. morgado.

— Mas ella não diz que bate em minhas filhas: quer que eu as assuste.

— Pois assuste-as.

— O padre-mestre disse que as assustasse — communicou o morgado ás irmans.

— Então não ha remedio — responderam todas por uma bocca.

O padre-mestre (vinha-lhe o titulo de ter ensinado theologia, quando frade, no convento de franciscanos em Villa Real) era a alma da casa, e tinha sinceramente os interesses da casa e da familia na alma.

Ao cabo de tres mezes as meninas estavam mudadas em indole, maneiras, genero de passatempo e respeitos a suas tias. Jeronyma prendera as affeições de todos, e a tal ponto a do morgado, que o homem andava pensativo, e dizia ao capellão:

— O' padre-mestre, sabe v. rev.^{ma} que de algum tempo a esta parte sinto aqui (pondo a mão no coração) o quer que é que me desassocega?

— Isso ha-de ser flato — dizia o padre-mestre — Tome um chá de herva cidreira.

E o fidalgo tomava o chá de herva cidreira, e não melhorava.

O pai das meninas, sujeito de quarenta e qua-

tro annos, fallava já raras vezes em sua sobrinha, de quem fôra marido; e algumas vezes dissera ás irmans:

— Já me tem lembrado casar-me. Esta vida assim não tem geito!

— Quem te ha-de merecer, Christovão! — dizia a irmã lida no « Grito das almas. »

— A fallar a verdade, não vejo muito quem! — dizia o morgado — Pintos Coelhos de Villa Real, e Mellos, e Osorios de Lamego estão todas casadas. Peixotos de Amarante, e Pintos de Simães tambem não ha. Dizes bem, mana; não sei onde possa casar! Fidalgas de meia escudela, longe da minha porta! Se queres que te diga o que sinto, seria mais facil eu casar com uma menina virtuosa e pobre da classe mechanica, que fazer feliz uma d'essas senhoritas que não sabem o nome do seu decimo avô!

O capellão ouvira isto, e dissera lá comsigo:

— Aquillo leva agua no bico!

Corridos seis mezes, Jeronyma não era sómente considerada, era tambem querida das senhoras, e amada do morgado. As meninas, presas a ella tanto pelo amor como pelo respeito, não a largavam. As damas andavam sempre a pedir-lhe que lêsse um bocadinho do « Feliz independente », com o que ellas choravam chafarizes de lagrimas.

— Depois de missa, senhor padre-mestre, have-

mos de ir ao armazem da quinta das Figueiras — disse o morgado muito á puridade.

— Iremos, fidalgo. Eu levarei um bocado de queijo de cabeça de preto para puxavante.

— Tenho que lhe fallar em negocio muito grave.

— Levarei tambem a sciencia.

— É negocio de enfermidade do coração.

— Levarei chá de herva cidreira.

Foi o padre, e só levou o queijo, que era muito menos que o temor de Deus, *timor domini,* o principio da sua sabedoria, *initium sapientiæ.*

— Vamos ao negocio — disse o padre-mestre, sentado no fundo d'uma dorna, como Sileno.

O morgado tartamudeou d'este theor:

— Sabe v. rev.^{ma} uma cousa?

— Sei muitas, graças a Deus.

— Isto é serio, padre-mestre! Eu tenho paixão pela mestra de minhas filhas.

— Não admiro isso.

— Trago a cabeça a juros.

— Isso são favas contadas, quando o coração não regula.

— Não me atrevo a dizer-lhe que a adoro, e tenho estado vai não vai a dizer-lh'o.

— Tenho ouvido dizer que é sempre assim, quando algum filho do seculo anda apaixonado. Vamos a contas, fidalgo. Eu aqui não sou só homem,

sou tambem o seu director espiritual. V. s.ª que quer á moça?

— Casar com ella! O padre-mestre não se espanta?!

— Agora espanto! Não tenho mais que fazer!

— Mas eu... eu! meu padre, casar com uma mestra!

— Conta a historia muitos casos de principes casarem com mestras; por exemplo...

Esteve-se o padre a recordar dos casos da historia; mas não lhe occorreu nenhum, e proseguiu:

— São numerosos os exemplos de mestras de meninas casarem com reis... Eu me lembrarei logo... O snr. morgado tem nobreza para si e para ella. Riqueza tem de mais. Se quer casar, case. D. Jeronyma é uma creatura excellente, e sabe mais sciencia que um convento de bernardos, e estou quasi em lhe dizer de franciscanos, desde que eu larguei o habito para vestir a humilde sotaina de capellão.

— Padre-mestre, — tornou o fidalgo — V. rev.ᵐᵃ faz-me o favor de dizer a D. Jeronyma que eu quero casar com ella?

— Vou d'aqui já fallar n'isso.

— Será ella capaz de dizer que não?

— Se ella disser que não, snr. morgado, eu deixo-lhe tirar um olho pelo buraco do outro.

— Homem! quem sabe? Olhe que eu nunca a vi doudejar com ninguem!

— Essa é boa! Pelos modos, o fidalgo acha que o doudejar é um bom annuncio para aceitar a sua proposta!... Eu lá vou. Vamos crear sangue para a subida, e chamar a rhetorica a postos. Mercurio, quando solicitava os amores dos deuses, bebia, e se não comia queijo, é porque no Olympo não se fabricavam queijos. Bebamos á saude de D. Jeronyma!

E beberam a virar.

Foi o padre-mestre em cata de Jeronyma. Estava ella no pomar de laranja, sentada a uma janella do muro, que olhava para os horisontes do Porto, ou cuidava ella que o Porto devia estar lá em baixo, sob o docel d'um céo azulado, e franjado de escarlate.

— Minha senhora — disse elle — A virtude faz milagres.

Jeronyma, contrariada pela interrupção ás suas saudades meditativas, contrafez em riso a zanga, e disse:

— Tambem o creio, snr. padre-mestre.

— Gosta de poucas palavras, não é verdade? — tornou elle.

— Das suas gosto de todas, snr. frei Joaquim.

— Isso são favores. A materia é simples.

Pensou Jeronyma que o padre ia defender em these que a materia é simples, e tremeu da pavorosa impertinencia, de escarmentada que já estava com analogas tiradas da sciencia soporifera do ex-frade.

— A materia é simples — repetiu elle, silvando a segunda pitada de simonte — O fidalgo quer casar com a senhora.

— O que?! — exclamou ella.

— Tem carradas de razão para se espantar; mas não se espante, que a virtude faz milagres.

Jeronyma estava pallida; mas o travesso coração de mulher queria á força que um sorriso lhe voejasse nos labios.

Continuou o capellão:

— Mal diria a snr.ª D. Jeronyma...

— Não tenho dom... queira chamar-me Jeronyma simplesmente — atalhou ella.

— A noiva de Christovão de Lebrim tem dom, logo que elle se dignou de a escolher entre milhares d'ellas. Mal diria, vinha eu dizendo, D. Jeronyma, quando ha seis mezes entrou n'esta casa, que ficaria senhora d'ella! O que são as cousas!... Em parte a mim m'o deve...

— Começo a capacitar-me — interrompeu a mestra — que v. rev.ma me falla serio.

— Sério, como vir eu agora aqui mandado pelo fidalgo.

— Pois eu devo responder a v. rev.ma sériamente, porque nem o snr. morgado nem o snr. padre-mestre são pessoas com quem brinque uma pobre mulher como eu. Não caso, snr. padre-mestre.

— O que? que é que disse a senhora? — acudiu o padre interdicto.

— Não caso, sirvo o meu emprego de mestra, em quanto me julgarem necessaria.

— A senhora cuida que eu estou a mangar, e por isso me responde assim...

— Respeito-o muito para o julgar capaz de zombar da minha posição de mulher assoldadada n'esta casa. Recebi como séria a sua missão, e sériamente lhe respondi.

— A senhora pensou antes de me responder?

— Pensei.

— Sabe que mais? Converse com o travesseiro, e responda-me ámanhã. O que eu posso fazer é enganar o fidalgo, e dizer-lhe que não pude fallar a sós com a senhora.

— Snr. padre-mestre, — disse com muita tristeza Jeronyma — peça ao snr. morgado que me não turve esta serena felicidade, que eu principiava a goşar, se eu sou util á educação de suas filhinhas. Diga-lhe que eu não penso senão em cumprir os meus deveres, e ganhar a minha vida. Assevere-lhe que não sou insensivel á prova de estima que me dá, e

que eu, em recompensa d'esse sentimento, converterei em amor ás suas filhas a nova obrigação em que fico. A ambos rogo que me não julguem soberba, nem vaidosa do meu nada. Eu estou ligada aos futuros infortunios da minha familia, e só penso n'ella, nas horas que os meus deveres me dispensam. Seja meu amigo no melindre d'este encargo. Tire da sua sabedoria as razões necessarias para que esta resposta augmente a estima, que mereço ao snr. morgado.

O padre-mestre ficou passado. Benzeu-se com ambas as mãos; e, só ao sahir do pomar, se lembrou de encher as algibeiras de laranjas.



II.

BONANÇA.

Era excellente o natural de Christovão de Lebrim. Tinha coração capaz de muito amor; nunca fôra tão fino amante, como d'esta feita; porém, a rejeição, que em outro homem de apaixonada tempera seria espora ao odio do orgulho, nem sequer lhe molestou a vaidade. Quem tinha ou simulava mais pesar era o padre-mestre; e a tanto auge levou a dôr ou o fingimento, que deu, em vinte e quatro horas, provas de ter perdido um terço da sua habitual vontade de comer.

As irmans do morgado, e nomeadamente a que sabia lêr, adivinhou a magoa, que lhe desmedrava o irmão a olhos vistos. E como pozesse o dedo na

sensivel chaga, Christovão abriu os respiradouros do peito, e desentalou-se em expansões que sua boa irmã ouviu lagrimosa, e consolou com esperanças.

Tomou ella a peito negociar o casamento. D'isto é que o capellão sinceramente pasmára. D. Mafalda, solteirona de quarenta e seis annos, preferia a eterna soledade do coração á ignominia de casar desigualmente. Muitos cavalheiros a pediram; mas d'esses nenhum era dos Coelhos, nem dos Peixotos, nem dos Mellos, nem dos Osorios. A não serem estes, Mafalda não podia aceitar marido, cujos avós lhe não transmittissem o appellido desde os godos. Gothica lhe chamavam alguns dos aspirantes aos seus desbotados quarenta annos, ligados a um viçoso praso, que valia quarenta mil cruzados, patrimonio de encher olho n'aquelle tempo. Nem assim, nem aos quarenta annos, Mafalda desdourava sua prosapia por vaidade de mulher, ou velleidades do coração.

D'aqui se tire quanto devia ser-lhe presada Jeronyma para que ella não tregeitasse scenas de espanto e horror, ouvindo a confissão do morgado.

Já Mafalda tinha dito ás irmans: « Eu ia jurar que Jeronyma é filha de algum grande fidalgo. Aquellas maneiras não são de mulher mechanica. Se a prima do Porto nos não dissesse que Jeronyma é filha de negociante, eu havia de pensar que ella anda disfarçada, por ser filha d'algum dos fidalgos traidores,

que fugiram para a França, e perderam os bens que tinham cá.»

A tal respeito fizera ella perguntas á preceptora, e esta ria francamente da crendice da fidalga, e dizia que não via em si qualidade alguma que a estremasse das mulheres que se esmeram no cumprimento dos seus deveres. De uma d'estas conversações ageitou-se o ensejo de lhe dizer Mafalda que seu irmão queria passar a segundas nupcias, e escolhêra para segunda mãi de suas filhas a pessoa que lhes dava a educação. Parece que este dizer lhe fôra ensinado pelo padre-mestre.

Jeronyma respondeu com extrema delicadeza, repetindo com mais vagar e insinuante brandura, o que havia dito ao padre capellão. D. Mafalda teve a innata delicadeza de fidalga senhora. Nem se espantou como o ex-frade de S. Francisco, nem insistiu com razões novas, por entender que a mestra havia respondido a todas, dizendo:

—Quando a minha presença venha a ser penosa ao snr. morgado, eu retiro-me, e Deus permittirá que venha a substituir-me, na educação das meninas, pessoa melhor dotada.

Depois d'isto, o amor do fidalgo converteu-se em profunda estima, e as attenções de Mafalda refinaram em amor de irmã.

Terminado o primeiro anno de educação, enten-

deu-se com a irmã o morgado no tocante ao pagamento do ordenado da mestra. D. Mafalda disse a Jeronyma:

— Foram duzentos mil réis o ajuste. Aqui estão os duzentos mil reis de meu irmão como pai, e outros duzentos meus como tia das suas discipulas.

— E' muita generosidade, disse Jeronyma; mas a mulher pobre e serva não se peja de aceitar o que não faz falta á riqueza de seus amos.

A fidalga prohibiu-a de tornar a dizer « amos » e amou-a ainda mais pela humildade.

Disse uma vez a mestra a D. Mafalda:

— Tenho os quatrocentos mil réis no meu bahú, sem me servirem de nada. Como trabalhei muito tempo no negocio de meu pai, fiquei com certa inclinação a negociar. Se eu podesse empregar este dinheiro em alguma cousa, que me deixasse pequeno ganho. . .

— Faz muito bem, menina; eu fallarei com o nosso feitor.

O feitor tomou conta do dinheiro de Jeronyma, e entrou com elle em commercio de vinhos, com poucos lucros, mas segurança d'elles.

No fim do segundo anno, que derivara venturoso e placido para a preceptora, o feitor deu a Jeronyma vinte e cinco por cento de lucro, e recebeu o segundo ordenado annual para continuar o negocio em maior escala, e mais atrevidamente.

Do maior atrevimento resultou o revez. Teve d'elle, primeiro, conhecimento o morgado. Reembolsou o feitor, ordenando-lhe que désse em conta á mestra de suas filhas o lucro de cincoenta por cento nos dous mil cruzados em giro.

Ao cabo de tres annos, estava ultimada a educação das meninas. Jeronyma não tinha mais que ensinar, e deu por concluida a sua serventia.

Disse-lhe D. Mafalda que o pai das meninas resolvera continuar outro anno, por entender que o trato da mestra com suas filhas era sempre um ensino. O padre-mestre de crêr é que fosse sempre oraculo n'estas phrases de melhor e menos aldeã compostura. Jeronyma comprehendeu a delicadeza de seus amos, e absteve-se de isenções que resabem a orgulho e grosseria. Ficou; mas, terminado o anno, escusou-se a receber o ordenado. Recresceram as instancias; e, entrando n'ellas o padre-mestre, aconteceu que a final, já enfadado, dissesse o padre:

— Da abnegação ao orgulho não vai mais que um passo.

Vê-se que o frade tinha leitura de Mirabeau, que creára o immortal proverbio da distancia entre o capitolio e a rocha tarpeia; e leitura tambem das anedoctas de Napoleão, o qual parodiára o orador revolucionario marcando a distancia breve do sublime ao ridiculo. Estava elle portanto parodiando o carras-

co de Luiz XVI como elle denominava o amante de Sophia, e a besta do apocalipse, como sabem que elle alcunhava o tigre da Córsega.

Jeronyma, ouvindo-se acoimado de orgulhosa, aceitou o dinheiro, e marcou o dia da partida.

Os haveres da preceptora excediam a seis mil cruzados. Menor quantia, disse ella na carta a seu cunhado, esperava agenciar em dez annos. Pensava Jeronyma em voltar ao Porto, e dar a juros o seu dinheiro, restringindo ao rendimento os seus gastos, vivendo na companhia de suas irmans. N'este proposito, cuidava em preparos de jornada, quando D. Mafalda, insinuada pelo irmão e de seu proprio moto, lhe disse:

— Os seus bons serviços terminaram. Agora não fallo á mestra de minhas sobrinhas, é á amiga, já que não posso dizer á irmã. A senhora não nos deve gratidão pelo que lhe démos acima do seu contracto; mas deve ser-nos grata pela cortezia e amor com que a tratamos. Deixar-nos agora que a tinhamos já como nossa, é ingratidão. As minhas sobrinhas amam-a e respeitam-a mais do que a nós. Deixei-as a chorar, e ellas não tardam ahi a pedir-lhe que as não deixe. A senhora não vá para o Porto, se tem para ir razões de saudade simplesmente. Fique comnosco mais algum anno. Quando as meninas tiverem arrumamento então irá. As duas mais velhas

casam brevemente. Irá depois que ellas casarem. Como já lhe disse que fallava a uma amiga, escuso dizer-lhe que não recebe mais ordenado. Faça de conta — proseguiu sorrindo a fidalga — que está a negociar no Douro, e vive em nossa casa. Se quizer pagar-nos o alimento, aceita-se, aceita-se tudo que a senhora quizer, com tanto que fique.

N'este ponto, entraram as meninas com as duas tias, pedindo com caricias e lagrimas a Jeronyma que as não deixasse.

A preceptora abraçou-as todas, e tomando a mais tenra em annos sobre os joelhos, exclamou, lavada em pranto:

— Seja esta o anjo que por mim agradeça ao Senhor estes momentos de prazer que me dá. Considerem-me sua mestra, sua amiga, sua hospeda, como quizerem... Eu não vou, em quanto me não chamarem as lagrimas de minhas irmans.

Conseguiu Jeronyma licença para passar a quarta festa da Paschoa com a sua familia. A menina mais velha acompanhou-a ao Porto, e o padre-capellão tambem. O fim ostensivo do theologo era acompanhar a morgada com as devidas homenagens; mas a occulta ideia era sondar o pulso da revolução, em fermento, que, segundo elle, devia espatifar o altar e o throno. Diziam-lhe alguns facciosos da provincia, eivados de ideias livres, que o derribar-se thro-

no e altar não seria grandemente damnoso ao ex-frade, com tanto que ficasse em pé a cêpa. Não era tanto assim: o padre-mestre tinha ideias governamentaes, e fundados receios, e uma certa previdencia do vulcão que irrompeu a 24 de Agosto, do anno em que vamos com a historia, que era o de 1820. Vaticinára elle, tres annos antes, que o sangue do general Freire de Andrade regaria a arvore de maldição. Vaticinava mais que seriam alagados os mosteiros pela onda da impiedade. A isto diziam os gregos e troyanos lá da terra, que o bom do padre largára o habito conventual para fugir a tempo de não molhar as sandalias na onda. O padre-mestre era um bom homem, e só fazia prophecias quando não tinha que fazer. No mais era tão dado, que a final annuiu a todos os argumentos com que o doutor José da Fonseca lhe demonstrou que uma revolução liberal era urgente, e que o povo só poderia conhecer os seus deveres para com Deus e para com o proximo, quando justamente conhecesse e gosasse seus direitos.

N'este tempo, o advogado, como se infere do seu argumentar com o capellão, andava preoccupado da politica, e pertencia de coração á seita liberal, e vivia na intimidade dos heroicos doutrinistas de 1820.

A sua posição de meios era remediada. Com o pouco da advocacia, e os rendimentos dos bens her-

dados, mantinha uma decente mediocridade, desprendida d'esperanças cobiçosas de regalias.

Eulalia contava alegremente o seu vigesimo sexto anno, e dava-se como bem remunerada dos passados soffrimentos. Maria era sempre a esposa extremosa e estremecida. O pequeno Alberto tinha oito annos, e revelava precoces talentos para as letras, naturalmente encarecidos pelo amor dos paes.

A morgada do Sobral tão feliz se sentia no gremio d'aquella familia, que já dava razão á mestra de querer deixar as discipulas, as amigas e tudo. O padre-mestre dizia sempre a mesma cousa, quando entrava:

— Eis aqui uma familia das éras de Jacob e de Abrahão. Viva a liberdade, viva a constituição, se todos os chefes de familia, forem qual é o patriarchal doutor José da Fonseca!

Instadas pelo morgado, voltaram para o Douro Jeronyma e a sua educanda.

Ao despedirem-se, disse Eulalia a Jeronyma, sem testemunhas:

— Então não voltas para nós?

— Voltarei, hei-de voltar, quando vos fôr necessaria.

— És sempre, Jeronyma!

— Por ora, não. A saudade entre pessoas felizes é dôr moderada. Hei-de vir... Deus permitta que es-

teja ainda longe o dia em que a necessidade me traga.

— Que dia!... Eu não te entendo, minha irmã!...

— Os presagios não os entende mesmo quem os sente. Cala-te, Eulalia. Não turves a felicidade da nossa Maria com os meus presentimentos. Póde ser que este meu condão de prognosticar desgraças seja um defeito que me deixaram as dôres e as meditações, que tão cedo começaram na minha vida. Mas olha, minha irmã; eu vejo muitas vezes a sombra de nosso pai a dizer-me: « Trabalha, e espera que has-de ser chamada, e Deus te abençoará pelas boas contas que lhe deres dos teus talentos. »

Repartiam-se os afagos da familia entre as duas senhoras chegadas a Lobrigos. A morgada descrevia miudamente o paraizo terreal das irmans de Jeronyma. O padre-capellão, com a memoria fresca das allocuções humanitarias do doutor, fallava muito ao morgado no codigo dos povos escripto com o sangue do legislador do Calvario. Expunha lucidamente os direitos do homem; porém, embicava sempre n'este problema insoluvel: Como se ha-de sustentar a religião sem dizimos?! »

Respondia o medico da casa:

— Muito bem, logo que a religião se sustente sem frades.

Nenhum d'elles sabia o que dizia.

III.

OUTRO PAI.

A vida bonançosa é emprestavel ao romance. O que ella espira e dá, brevemente se diz. E' suave como o perfumar das flôres em manhã de Maio, a historia contada de pessoas, cuja felicidade promana da virtude; mas certo é que até a vaporação odorosa das flôres enfastia.

Pelo que, nos deteremos só o preciso para dizer que em sete annos, facto extraordinario n'esta familia, só ha um, que mereça nota pelos resultados funestos que ao diante deu de si. E esse foi a parte energica e do coração que o doutor tomou no movimento de 24 de Agosto de 1820, posto que a historia o não tenha esboçado á primeira luz

do heroico quadro entre os fautores da façanha.

Foi a virtude que o impelliu, a cobiça não. Encorporou-se, consubstanciou-se nos soffrimentos da humanidade, e tomou pacificamente da amphora do balsamo para derramal-a em redor de si, a muitos desvalidos que lh'a pediam. Começára odiando o despotismo, quando viu a justiça escrava dos poderosos. Cuidou que a igualdade de direitos desprenderia a justiça das cadeias chumbadas no brazão ou no cofre. Que engano! Se aquelle espirito adejasse sobre este mundo refundido em quarenta annos de reformas, e depurado no laboratorio de quantos Cagliostros assopram á fornalha da retorta!... O romancista tem obrigação de não saber d'estas cousas, que tresandam a politica, e que são verdadeira camisa de onze varas para o engenho.

Não tinha José da Fonseca inimigos até 1820. Teve-os depois, e poderosos, e irreconciliaveis. Quem se lembra de patrocinar fracos sem grangear o odio dos fortes?

Todos sabem as vicissitudes occorridas desde aquelle anno até 1828. José da Fonseca, seguro de sua consciencia, passou por todas, sem esconder a face. A injuria não se atreveu á virtude d'elle. Via-o, mordia-se, mas retrahia-se ao sêvo do odio, para mais azado ensejo.

Nas tentativas do general Saldanha, o advogado

era innocente; mas a vingança represada achou respiradouro. Figurava o nome d'elle na lista da alçada. Mais que o seu presentimento, lh'o disseram as lagrimas de Maria, e os vaticinios mysteriosos d'uma carta de Jeronyma.

Lagrimas! como não seriam do sangue do coração as que Fonseca chorou, na ultima noite, em que rompeu o pão da sua ultima ceia rodeado dos seus!

Desterrou-se, exulou em Hespanha, passou a França, e buscou em Inglaterra os seus correligionarios.

Ao sahir da patria, os seus bens ficaram hypothecados a um terço do seu valor. A usura, na hora da angustia, sahira com a esponja de fel e vinagre a saciar-lhe a sêde de ouro para a peregrinação.

Que vinha a ser privarem-lhe de casa e pão a familia innocente? A humanidade fechou os olhos para não vêr passar, com biôcos de justiça, a lei do confisco.

Maria, Eulalia e Alberto souberam de surpreza que a sua casa era do estado. Oito dias para despejo, pedidos á commiseração dos executores da lei, lhes foram concedidos. Esses bastavam para chamar o anjo do amparo. Jeronyma desceu do Douro, com os seus haveres, e o seu coração, mais valioso que tudo.

— Aqui me tendes á hora predestinada, disse ella. Choremos todos a falta do nosso amigo, tu como esposa, tu como filho, e nós como irmans; mas cobrai animo, se o temor da necessidade vol-o quebranta. Eu sou rica: de vós é tudo; para vós o ganhei, ou um anjo de Deus o ganhou por mim. Teu marido ha-de soffrer as agonias da saudade; mas as da miseria não.

Cuidou Jeronyma em arrendar e mobilar casa. D. Mafalda viera do Douro para levar comsigo a familia toda; mas Jeronyma desaceitou o convite generoso, allegando que precisava viver no Porto para mais de prompto occorrer ás precisões do emigrado.

José da Fonseca, já sabedor do sequestro dos seus bens, nada pediu a sua mulher, despendidos os recursos que levára. Nem se quer se lastimava de sua mingoa: doia-lhe a indigencia que, em cedo, palparia a inutil coragem de sua familia.

Levou-lhe Deus a consoladora carta da abundancia em que as tinha Jeronyma; com a carta foram bastos recursos para seis mezes, e a noticia de que Alberto iria para Coimbra, logo que se abrisse a universidade, matricular-se no segundo anno.

Fonseca, ao dobrar a carta, disse em seu coração:

— Eu não posso queixar-me da minha sorte. Os trabalhos, meu Deus, vem sempre acompanha-

dos de compensações. Devo abençoar estas dôres, que todas são despertadores que me acordam a alma, e a impellem para vós!

Os afagos de Jeronyma mal podiam suster as lagrimas de Maria. A esposa, sem o amado da sua alma, embora no seio da abundancia e de todos consolada, era como a avesinha que se carpe de sua viuvez entre flôres e risos da natureza. Sentia-se ella pender ao tumulo, e não era imaginario o seu mal. Se ha saudade inconsolavel, o morrer é certo, digam lá o que quizerem os pessimistas do coração humano. Ainda bem que a esperança sempre viva e proxima de voltar á patria, enganava o emigrado a cada pôr-do-sol, (tormentosa saudade!) nas plagas do exilio! Acoroçoava-se Maria da esperança do esposo. A cada carta do exilado ia a morte recuando um passo, e a religião chamando a esposa e a mãi ao baluarte da paciencia e deveres maternaes.

Alberto era o fructo da arvore bemdita. Deu de si excellente conta, e voltou ao gremio da familia com o coração quebrantado para alegrias de moço, mas desentranhando-se em affectuosa gratidão para sua tia, e caricias filiaes para a mãi, que se abraçava n'elle, como em imagem viva do esposo adorado.

Da familia de Lobrigos, de tres em tres mezes, vinha uma pessoa da familia passar temporadas em casa de Jeronyma. O proprio padre-mestre, sacudin-

*

do a gotta no leito onde a preguiça tambem o inutilisava, não era dos menos frequentes. Das meninas apenas vinha a mais nova, que as outras tinham casado, dotando-se riquissimas dos seus bens e da educação que lhes dera Jeronyma.

A mais nova era a mais formosa. Nas férias grandes do academico, passava ella no Porto um mez. Notou Jeronyma que a menina entretinha horas de meiga palestra com Alberto. Pouco peso deu aos innocentes colloquios; mas disse a seu sobrinho que lhe era mais grato vêl-o estudar que desbaratar o tempo em conversações pueris.

Alberto voltou a Coimbra; mas a lauda do livro, por magico phenomeno, em vez de lhe ministrar sciencia, dava-lhe o retrato de Laurentina. Como quer, porém, que o puro amor se não desavenha com o amor á sciencia, Alberto sahiu dignamente com a sua applicação, e voltou laureado do estudo, e mais fino amante.

Isto parece um episodio de juventude sem resultado. Assim são quasi todos. Alguns ha, porém, que o tempo converte em completa historia de duas existencias.

Laurentina annunciou a sua vinda nas ferias do natal. Jeronyma escreveu ao pai, dizendo que mais tarde viria a menina. Contrariada a fidalga, veio o pai a descobrir que a sua filha chorava a occultas. Invo-

cada a sciencia do padre-mestre, o oraculo respondeu que lagrimas de mulher occultas são amores! As antigas sibyllas não disseram nada mais conceituoso, depois de se desgrenharem e descomporem em horriveis esgares; e o padre-mestre, para dizer aquillo, o mais que fazia era espriguiçar-se, bocejar e fazer uma cruz na bocca.

Christovão de Lebrim, ainda apaixonado por Jeronyma, estava em maré de perdoar paixões d'alma. Entrou meigamente no animo de Laurentina, e soube que o sobrinho de Jeronyma lhe roubára o coração, e roubaria a vida, extincta para ella a esperança de ser sua esposa.

Sem mais avisos, desceu ao Porto o morgado com sua filha. Viu Alberto, gostou do moço, pediu d'elle informações a Jeronyma, e formou o seu juizo e plano. Deteve-se até á vespera da partida do academico para Coimbra, e, ao despedir-se, fallou assim:

— Ora vá, e dê boa conta de si, que, em voltando doutor, preciso de quem me trate das demandas da casa. A aldeia é feia; mas, em boa companhia, toda a terra é boa. O doutor ha-de dar-se bem; eu cá de letras não sei; mas está lá o padre-mestre que é um poço sem fundo de sciencia e de vinho do tempo do marquez de Pombal. Se quizer companhia mais agradavel, hei-de por lá casal-o, e, para não sahir

á rua, caso-o com a minha Laurentina. Serve-lhe isto?

Não sabia o moço o que havia de fazer de si. Olhava para a menina, e tão escarlate a via, que mais parecia metamorphoseada em rosa no espasmo da sua alegria. Olhava para a mãi e para as tias, e em todas ellas divisava o silencio do espanto. Só o morgado se ria da scena muda; e o padre-mestre, se alli estivesse, citaria inevitavelmente o *silentium ore facundius,* o silencio que diz mais que a bocca.

— Então que diz? — tornou sorrindo o lhano fidalgo.

— Beijo-lhe as mãos... — tartamudeou Alberto.

— Pois beije — disse Christovão offerecendo-lh'as, e continuou: — agora vá beijar as de sua tia, que é a quem deve tudo. Quem tem assim uma tia, póde casar com uma princeza. Laurentina, que dizes tu? estás prompta a desempenhar a minha palavra?

— Eu...

— Ó menina! — tornou elle a rir — parece que estás a sangrar pela cara! Se assim ficas, o presunto de Lamego não te ganha! Está dito. Agora não quero mais choradeiras lá por casa. Já sabes que d'aqui a tres annos o teu marido é Alberto. Se nos tres annos forem constantes, signal é que se amam; senão forem constantes, nada se perdeu: é signal que haviam de ser pouco venturosos. Agora, vá com Deus, Alberto, e seja honrado, se quer ser feliz. Quando

o tentar alguma extravagancia de rapaz, lembre-se de seu pai.

Alberto foi. Fugia-lhe o coração apoz da saudade, e a razão ia pedir forças á esperança. Pediu conselho a sua tia para escrever a Laurentina. Respondeu Jeronyma que essa concessão não entrára no plano do fidalgo. Ao mesmo tempo, Laurentina pedia ao pai licença para escrever a Alberto. O velho respondeu:

— Diz o que queres mandar-lhe dizer, que eu cá lhe escrevo. Manda-lhe um presente de sequeiro e de geropiga pelo recoveiro da Regoa.

— E da minha parte duas duzias de chouriços — acrescentou o padre-mestre.

Estas novas iam mitigar as saudades de José da Fonseca, já então nos Açores, e afervorar-lhe as crenças na providencia dos bons de coração. De lá pedía a Jeronyma que fosse menos prodiga em beneficios para com elle; ajuntava, porém, logo, que o dinheiro d'ella tinha matado a fome de muitos emigrados, que viviam de suas sopas.

Escrevia a Alberto evangelicos preceitos, e á esposa consolações, que não tinha em si, mas o artificio da linguagem lh'as dava.

Outra carta de 1831 annunciava da ilha Terceira que uma esquadra se faria á vella em breves dias, em expedição sobre as costas de Portugal.

IV.

LAURENTINA.

Completava dezoito annos em 1832.

Era gentil, senão formosa, e das tres irmans a mais propensa ás afoutesas, ao desembaraço quasi atrevimento, que desdoura muitas vezes a graciosa meiguice, que mais enfeita a mulher. Laurentina matava tordos a tiro nos olivaes; e cavalgava os potros, que seu pai temia, e os criados, cuspidos da sella, deixavam fugir. Lia os boletins secretos, que chegavam ás mãos dos liberaes do Douro, e fallava em guerra com transportes, quando suas tias contavam á assemblea quantos ovos de perua tinham vingado da ultima ninhada.

Costeava já as ribas de Portugal a frota do Du-

que de Bragança. Diziam os apaixonados da liberdade que os libertadores aproavam ás praias de Villa do Conde ou Vianna. Laurentina pediu instantemente ao pai que a deixasse ir ao Porto, assistir á entrada dos liberaes, e ás alegrias de D. Jeronyma e suas irmans. Não fallou de Alberto; mas o velho murmurou: « bem te entendo » e acrescentou:

— E quem te disse a ti que os liberaes entram no Porto!? Cuidas tu que um exercito de oitenta mil homens é uma nuvem de mosquitos de adéga, que se matam com o fumo da polvora?

— Os liberaes hão-de entrar no Porto! — disse Laurentina com viril vehemencia, em que o relevo mulheril sobresahia mais pela ficção do gesto e da voz.

— Se elles entrarem no Porto — atalhou o egresso — quero eu ter na lingua a gotta que tenho n'este pé direito.

— Vamos ao Porto, meu pai? — tornou a fidalga, voltando as costas ao capellão.

— Bem te entendo — repetiu o velho — Olha que Alberto ainda está no terceiro anno.

— Mas Alberto pega em armas, e vai para onde estiver o pai.

— Já sei, já sei; e tu? pelos modos queres tambem sentar praça?

— Temos Joanna d'Arc, ou Brites de Aljubarrota! — acrescentou o capellão.

— Estão a zombar de mim! — disse Laurentina — Já disse que desejava vêr a chegada do emigrado a sua casa. O pai vem, não vem? É um passeio... A gente vai pelo rio. Verá que espectaculo vamos gosar.

O velho não desejava menos que a filha ir ao Porto, já para vêr o espectaculo annunciado, como para vêr Jeronyma, sua affeição senil e immorredoura. Se a amava ainda!... Não sei que esperanças lhe brincavam já tão tarde com a phantasia! Esfriara-lhe no coração o sangue; mas o ideal da bellesa, aprimorado pela virtude, como elle o concebera, quinze annos antes, tomára consistencia no trato intimo d'aquelle longo espaço, e consubstanciára-se-lhe na vida, e seria sua derradeira luz. Esperava ainda o velho... o que? Realisação de chimeras, como as concebe a mocidade, e expira, apalpando-as já nas sombras da morte? Esperava ligar Jeronyma aos seus ultimos annos, e perpetuar na eternidade a união que o sol da terra pouco tempo alumiaria? Não sei se elle assim formulava as suas ideias. Sei que a amava a peito, como d'elle dizia o vernaculo padre-mestre.

Desceram a corrente do Douro, e saltaram na Ribeira, quando as tropas da guarnição marchavam, umas commandadas pelo general Santa Martha sobre as praias de Lavra, outras para Villa do Conde, sob

o commando do brigadeiro José Cardoso de Menezes. O reboliço e a desordem eram tumultuosos na cidade. As principaes familias, sem excepção das mais devotadas precedentemente aos principios constitucionaes, abandonavam as casas, receiosas de arriscarem as vidas, permanecendo, quando as authoridades fugiam. Na vanguarda dos magistrados, clero e funccionarios publicos iam os caixotes do dinheiro da fazenda nacional e da companhia dos vinhos. A heroica cidade teve horas de terror diante das tormentas com que havia de ser provado o seu heroismo. No dia 8 de Julho de 1832, dissereis que o Porto não viria a dar de si o gigante da liberdade, o Antheu de cem braços de ferro, que estalaram em suas roscas a hydra das mil cabeças minacissimas. Em raros semblantes reslumbrava o prazer da nova. Todos diziam que a esquadra dos livres velejava em frente de Leça; todos se resguardavam de exprimir o contentamento, que a desesperança abafava, e o terror do castigo tambem.

Christovão de Lebrim e Laurentina foram encontrar a familia do emigrado quebrantada de pavor. Ás pobres senhoras, e ao ardente moço afiguravalhes a esperança, de tão longe alimentada, que o exercito libertador, hasteada a bandeira da liberdade em frente do Porto, attrahiria logo alli milhares de cidadãos em armas. Porém, ao verem que muitos

dos occultos obreiros da liberdade iam fugindo, como se os inimigos os ameaçassem do mar, cahiram de seus alentos no susto geral, e já pediam a Deus que os constitucionaes não saltassem em terra.

O morgado, prevalecendo-se de suas velhas prophecias, aggravava mais o temor das mulheres. Predissera elle sempre que os liberaes seriam loucos, senão viessem em numero duplicado dos realistas. Firmava elle a base, aliás racional, de seus prognosticos, no supersticioso amor, que o exercito, e o clero e a populaça tinham ao snr. D. Miguel. Na indifferença, senão desassocego dos portuenses, e fuga dos mais graduados, explicava elle a exacção dos seus vaticinios.

Duas almas, porém, se levantavam contra o propheta, e reanimavam as lamentosas senhoras: eram Laurentina e Alberto. Este disse ao morgado que elle não podia saber qual bravura era a de um homem, sedento de patria e de familia, concluindo assim da victoria dos poucos sobre os muitos. Laurentina, toda palpites e inspirações, asseverava que os liberaes sahiriam vencedores, por que eram os protectores da MENINA. N'aquella época era aquelle o commum e suave epitheto que as pessoas affeiçoadas davam á Snr.ª D. Maria II — santa saudade para quem se vai com o coração a buscar reminiscencias de sua infancia!

Sahia Alberto a escutar o confuso rumor do povo, e fingia animação diante dos seus; mas, em secreto, dizia os seus e os geraes receios a Laurentina.

— Tenha fé, Alberto! — acudiu ella, enthusiasta e severa com a tibieza do moço — Não seja mulher, senão eu faço-me homem, e depois não o amo!

E o mais é que o moço apaixonado sorria-se d'este gracejo, dito em tom de seriedade.

No dia 9 de Julho, entre as duas e tres horas da manhã, ouviu Alberto grande estrepido de cavallaria, e o compassado trilhar de marcha. Espertou a familia, e sahiu a indagar o temeroso movimento. Voltou em delirios de alegria, contando que o visconde de Santa Martha ia fugindo.

As senhoras abraçaram-se todas a um tempo. Laurentina, em vez de se associar ao arrebatado grupo das damas, deu um apertado abraço em Alberto.

O morgado, de absorvido que estava no phenomeno da retirada do general, nem deu fé do insolito abraço. Claro é que a politica, n'aquelle lance, apertou uma venda nos olhos da moral, o que tem acontecido muitas outras vezes, com muita mais molestia do pudor e da dignidade humana.

Logo em seguida vulgou-se a noticia do desembarque, e a marcha do exercito libertador sobre o Porto, pela estrada de Mathosinhos.

Já então o povo estrondeava em clamorosos transportes de alegria, como para desforrar-se do silencio em que o pavor lhe represára os instinctos de saudar quem chega, com boas apparencias de triumpho. A chamada gente sisuda e prudente, nem vendo evacuada a cidade, julgou incolume o seu enthusiasmo. Entre a arraia miuda não se viam homens de alto porte; e o povo, na sua hora de omnipotencia, nem mesmo dava fé que lhe faltavam caudilhos.

Foi Alberto entre a chusma a esperar a avançada do exercito: encontrou o 2.º e 3.º batalhões de caçadores fóra da cidade. Foi de frente a um official, e perguntou-lhe em que batalhão militava o doutor José da Fonseca.

— Em voluntarios da Rainha — respondeu o official.

O bravo regimento vinha no troço do exercito, que seguia o Snr. D. Pedro pela estrada de Villa do Conde. Ladeou Alberto á direita em demanda da estrada, e venceu duas leguas até avistar a nuvem de pó que ondeava á frente do exercito. Parou, empinou-se sobre o muro lateral da estrada, e reconheceu o pai. Rompeu por entre a soldadesca desordenada, e foi abraçar o alferes de voluntarios da Rainha, que fraqueou premido pelo abraço do filho.

— Tua mai? — exclamou Fonseca.

— Está douda de alegria! — respondeu o filho — Estão todos doudos!.... Que botas traz tão rotas, meu pai! Calce as minhas; sente-se que eu tiro-lhe essas.

— Deixa-me as botas, filho... Lá vamos para casa. Vão ahi coroneis com as botas mais rotas que estas.

— Eu queria uma arma! — exclamou Alberto.

— Tome lá a minha espingarda, camarada, que eu já não posso com ella; mas, se o inimigo mostrar a crista, passe-m'a cá pr'as unhas — disse um dos voluntarios.

Alberto tomou gostosamente a arma.

— Quer mais uma, ó amigo? — disse outro.

— Venha, que ainda posso com mais quatro — respondeu Alberto.

E tomou aos hombros seis espingardas de seis voluntarios, que sacudiam mais folgados as mochilas.

A' entrada da cidade, no Carvalhido, estavam Jeronyma e Maria. Eulalia ficára com Laurentina, porque o morgado achára imprudencia ir elle sujeitar-se a algum insulto da gentalha, que o conhecesse como fidalgo de principios realistas. Laurentina advogára o bom senso da gentalha; porém, o velho nem mediocremente pendeu a fiar-se do bom senso da gente miuda, e ficou em casa.

O avistarem-se Maria e seu marido foi um lance, que fez parar os soldados circumstantes, e marejar de lagrimas olhos requeimados no ardor das batalhas. A transportada senhora tomou-o ao collo, e chorava e ria d'aquelle rir nervoso da alegria, que vibra as cordas todas dos corações estranhos. Estranho não havia coração algum á alegria d'aquellas horas delirantes. Era uma só a familia dos sete mil e quinhentos, que remoçavam sob o céo da patria, e vinham a plantar n'ella um marco de civilisação, ou a pedir-lhe um tumulo.

Quando José da Fonseca pôde desenlaçar-se dos braços de sua mulher, acercou-se de Jeronyma, e beijou-lhe as mãos, ao lançar-lhe ella os braços.

— Deixe fallar as minhas lagrimas, Jeronyma!... — disse-lhe elle — Poucas mais terá o coração... Estas lhe pude reservar do fogo da saudade...

Não podiam deter-se em espectaculo enternecedor, quando o exercito ia marchando. As senhoras afastaram-se á voz do commandante, que não podia immolar a disciplina ás expansões dos esposos.

A scena da felicidade domestica, qual devia ser nos dias subsequentes, seria indescriptivel, se não viessem a agual-a os intervallos de sobresalto e temor das superveniencias que, a cada hora, nublavam os horisontes. É triste condição dos pintores de quadros de ventura não poderem elles deter-se largo

espaço e alargarem a obra em combinados matizes de felicidade. Para debuxar tristezas, a negras côres, é que mais pende o humano espirito, quer seja de lhe sahirem do intimo as sombras, quer se tema de que o leitor se descompraza nas descripções d'uma duradoura felicidade. Isto será, por ventura. Mau é que o romancista nos venha afigurar, com sua imaginação afiada e florente, jardins em primavera eterna, que a vida, em verdade, não tem.

Que tristezas, pois, assombravam a alegria d'aquella familia? Eram as tristezas communs a todos os liberaes. Busquemol-as no dizer de um veridico historiador d'aquelles dias:

« No meio de toda esta fortuna é certo que pela
« tarde do mesmo dia 9 de Julho já todos os espiri-
« tos reflectidos, e menos abrasados em chimeras, e
« pouco credulos na magia do nome de D. Pedro,
« começavam a conhecer todo o precario da sua
« melindrosa situação: os emigrados pasmavam de
« vêr o estado moral do paiz a favor de D. Miguel,
« e particularmente o do Porto, d'onde tinham sa-
« hido, abandonando suas casas todas as pessoas
« notaveis, para seguirem a sorte da usurpação, in-
« clusivamente alguns individuos de reputação cons-
« titucional; a sua admiração, porém, redobrou ain-
« da mais, quando conheceram a indifferença de mui-
« tos d'aquelles mesmos, que tinham ficado na cida-

« de, sem haver pessoa de vulto, ainda mesmo dos « compromettidos e presos politicos, que publica- « mente tomasse parte nas festas da recepção de D. « Pedro, ou quizesse partilhar a sua sorte, identifi- « cando-se com a sua causa. Os habitantes do Porto « tinham com effeito razão bastante para assim pro- « ceder, parecendo-lhes realmente impossivel que a « pequena força de oito mil homens, de que o exer- « cito libertador se compunha, podesse resistir por « muito tempo ás numerosas tropas... » (1)

Outro historiador confirma a desalentada tristeza dos bravos, que tinham antevisto o rompimento de corações livres, sofreados pela desesperança, e o armarem-se em legiões os que saudavam das ribas maritimas a bandeira real de D. Maria II. Vejamos:

« Mas que vista melancolica foi essa entrada « triumphante do exercito libertador para aquelles « cujas cabeças não estavam viradas com o delirio do « momento!... Nem um cavallo traziam para uso « dos officiaes de estado maior; D. Pedro mesmo « vinha montado n'um garrano, dadiva do dia. A « artilheria eram tres peças ligeiras puxadas por ho- « mens... Estas e muitas outras circumstancias no- « tadas n'aquella occasião, causaram um abatimento,

(1) « Historia do cerco do Porto » por Simão J. da Luz Soriano. 10.° vol. pag. 477.

*

« e tristes reflexões, nos peitos de muitos observa-
« dores attentos, acostumados, havia tão pouco tem-
« po, ás revistas de numerosos batalhões de um
« exercito que bem se sabia contára mais de oitenta
« mil homens. Os presos politicos, e os escondidos,
« ainda que se achavam na sua plena liberdade, de-
« pois de tantos annos de prisão e privações, não se
« apressavam a pegar em armas em defeza da causa
« pela qual tantas miserias tinham já soffrido; em
« muitos casos abandonaram a causa por se retirar
« a suas casas, e alguns, que fizeram requerimen-
« tos, allegando seus padecimentos, e pedindo in-
« demnisações, receberam em resposta: « Pegue em
« armas e então requeira. » — Esse foi um golpe
« mortal ás esperanças de muitos que cuidavam to-
« mar posse dos ricos beneficios e empregos dos au-
« sentes, já chamados rebeldes. Alguns, vendo-se
« logrados n'esses planos, e que os negocios não
« corriam bem, embarcaram para paizes estrangei-
« ros a esperar o resultado da contenda. » [1]

Desculpem as enfadosas citações ao romancista, que precisava authorisar a declaração dos dissabores de José da Fonseca, no seio dos tres anjos que aporfiavam em festas, em raptos de alegria, e re-

[1] A guerra civil em Portugal, o sitio do Porto, e a morte de D. Pedro — por um estrangeiro — Londres — 1836.

cordações do passado, tudo pouco, porém, para desviar-lhe o espirito da negridão do futuro.

— Meus bons anjos — dizia elle — não encareçaes a felicidade; mas agradecei commigo a Deus estas horas de refrigerio. As tremendas luctas e incertezas principiam hoje. Eu via no exilio e nas guerras dos Açôres a restauração, a paz, a união da familia portugueza, que não vejo hoje. Barreiras de profundos odios nos separam: havemos de dar as mãos os irmãos da mesma patria, quando os cadaveres extravasarem dos fóssos, que nos apartam, rancorosos inimigos. Voltarei eu ao desterro, ou viria aqui trazer-vos os ultimos dias de minha vida para maiores agonias e mais irremediaveis saudades?

Apertou-o ao seio soluçante a esposa. Jeronyma escondeu no regaço o rosto coberto de lagrimas. Eulalia pediu amparo aos braços do consternado sobrinho. O morgado gesticulava assentindo aos receios do voluntario da Rainha.

Uma só voz soou sem tremor, sem quebra, sem o tom compadecido de mulher. Foi Laurentina que exclamou:

— Gente sem fé! Eu, se fosse homem, envergonhava-me de tamanha fraqueza! Que faria o snr. doutor, se os inimigos não fugissem? Naturalmente morria de pasmo, quando lhes visse a cara!

José da Fonseca encarou em Laurentina, sorriu-se, e disse affectuosamente:

— Se Portugal fosse Bethulia, uma Judith já nós tinhamos!... Ora venha cá, minha senhora, conte-me o que lhe diz o seu coração a respeito dos nossos destinos. A innocencia deve ser o interprete dos designios do céo. Que presentimentos tem?

— Os da victoria! — exclamou ella.

E o morgado atalhou:

— Não faça caso do que diz esta visionaria. O mais acertado, em quanto a mim, é partirmos immediatamente para o Douro. São horas de casarmos estes noivos de tres annos.

— É cêdo, snr. morgado — disse Fonseca — Eu tenho esposa, e sacrifico a minha vida á patria; meu filho só poderá ser bom marido, depois de ter sido bom cidadão.



V.

ALBERTO.

O Snr. D. Pedro, conscio do mau successo que tivera o troço do seu diminuto exercito, no reconhecimento do inimigo, além de Vallongo, a 22 de Julho, resolveu na noite d'esse dia marchar em pessoa com o restante do exercito sobre Rio-Tinto.

No Porto ficaram unicamente os voluntarios alistados recentemente, e a companhia de artilheiros academicos, á qual pertencia Alberto.

José da Fonseca tinha sahido, com o seu batalhão ao reconhecimento.

Ao sol-posto do dia 23 derramou-se no Porto a noticia da victoria de Ponte-Ferreira. Illuminaram-se as casas, festejaram os sinos a enthusiastica alegria

do povo, sahiram á rua as familias irrequietas da sua felicidade, como a desafogarem-se dos sustos na reciprocidade dos jubilos. Ninguem sabia dizer quando viera, nem por quem viera a fausta nova. Queriam-no assim, assim o acreditaram as esposas, as irmans e as filhas dos liberaes.

Mal acabadas tres horas de regosijo, que, a um tempo, de todas as praças e grupos, voga a noticia da derrota do exercito liberal, surprehendido no campo pela divisão do general realista, Santa Martha. Davam já o Duque de Bragança em fuga para embarcar em Mathosinhos, e os quinze mil homens do general Povoas a marcharem sobre o Porto.

Ninguem foi superior ao panico d'esta má nova, cuja procedencia não foi mais averiguada que a da boa.

O governador militar D. Thomaz de Mascarenhas, tão sem alma n'aquella hora, e tão destemido depois em Souto Redondo e egregiamente morto nas linhas de Lisboa [1], confirmava, com o seu, o terror publico. Maria, que pouco antes se recolhera a casa embriagada da geral alegria, soube a subita noticia da derrota por lh'a dizer o abrupto movimento que ouviu nas ruas, e os diversos clamores da gente espavorida. Quiz sustar-lhe Jeronyma o impeto da afflic-

(¹) 5 de Setembro de 1833.

ção, dissuadindo-a de sahir; mas a desvairada senhora, com os cabellos soltos, e sem cobertura, que lhe escondesse o desalinho dos vestidos, sahiu á rua no intento de pedir ao filho, que a acompanhasse ao campo da batalha. Seguiram-na Eulalia, Jeronyma e Laurentina contra vontade de seu pai, o fleumatico fidalgo, que, depois de já ter dormido um somno, resmoneou, acordado pelos gritos de Maria:

— Isso era de vêr! Por mais que eu lhes diga, não se acabam de convencer que a vinda de D. Pedro foi uma tolice!

E acrescentou já mais desperto e humano:

— Vejam se apparece o doutor, e vamos para Lobrigos, que lá não entram os da alçada.

Encontraram as senhoras na rua do Bomjardim uma porção de academicos, e Alberto entre elles. A missão espontanea dos corajosos e impassiveis moços era andarem dissuadindo o terror com proclamarem ás multidões que não havia noticia alguma official da derrota. Generosa illusão dos valentes! Tanto como a populaça a acreditavam elles, depois que viram embarcar na galera «Berodino» o ministro da fazenda com os cofres publicos, o corregedor, e auditor, e grande numero de officiaes disponiveis.

Os academicos, chegando á Praça-Nova, estanciaram alli, com duas pequenas peças de montanha. Milhares de pessoas rodeavam os moços, como se

alli estivessem os prodigiosos alcides a quem o desconforto e a desesperação davam um prestigio miraculoso.

Laurentina, furtando-se ás attenções das senhoras, intrometteu-se entre os academicos, que respeitosamente lhe deram lugar. Aproximou-se de Alberto, e disse-lhe a meia-voz:

— Está convencido da derrota?

— Estou. Não lhe posso mentir, porque sei que tem animo; peço-lhe, porém, que não diga nada á minha familia.

— E não foge? — disse com falsa serenidade Laurentina.

— Fugir, minha senhora! Os academicos morrem aqui n'este posto, com a tranquillidade de espirito com que morreriam em suas camas. Nós principiamos hoje, e precisamos de pagar em poucas horas o tributo que devemos á patria.

Laurentina retirou com os olhos mal enxutos, forçada pela chegada de um ajudante de ordens do governador militar, que chamou de parte Alberto da Fonseca para lhe dizer que o inimigo estava a entrar por instantes, e que a tropa ia marchar para a Foz.

— A tropa que vá, — disse Alberto; — os academicos não vão, sem verem a cara ao inimigo. Os chefes, que menospresam a sua dignidade, não tem que vêr comnosco. Cada um de nós, perdida a es-

perança da salvação, é chefe de si mesmo. Queira dizer isto da parte dos academicos ao governador militar.

O ajudante de ordens partiu, e Alberto, voltado aos seus camaradas, disse, inflammado de colera:

— Será uma vergonha que uns fiquem e outros vão. A gente armada vai partir para a Foz. Receio que os nossos camaradas, postados na Torre da Marca, alliciados pelo terror das authoridades, se deixem ir na vergonhosa torrente. Rapazes! Vamos dar brios aos nossos camaradas!

— Vamos! — exclamaram todos de um só grito.

Chegados á Torre da Marca, revesando-se no transporte das duas peças de montanha, ajuntaram-se aos seus, que permaneciam fieis á conjuração de morrerem bem vingados.

Alli appareceu logo o governador militar, lendo aos estudantes a ordem de ir occupar e prover de defeza o castello da Foz.

— Não vamos! — exclamou Alberto. — Não aceitamos a capa com que se intenta dissimular uma fraqueza. Viver é prudencia; mas viver com deshonra é ignominia. A sahida da pouca tropa que está no Porto, snr. D. Thomaz de Mascarenhas, é tirar o derradeiro amparo á esperança de milhares de familias. A confusão da fuga será calamidade igual á entrada do inimigo. Queremos saber a quem fogem

os fracos. Se alguem quizer conhecer de que feridas morreram os academicos, não lh'as procurem nas costas.

O governador não redarguiu, e cassou a ordem que tinha dado. O historiador Soriano avalia d'este modo o proceder dos academicos n'aquella hora de turbação horrenda:

« O proprio governador a leu (a ordem) pessoal-
« mente na Torre da Marca aos estudantes, que alli
« se achavam postados. Uma resolução feliz obstou
« ao cumprimento da fatal medida, porque estes ul-
« timos academicos, unica gente que n'esta occasião
« se apresentou com coragem no Porto, protestando
« não marchar sobre a Foz sem vêr primeiro o ros-
« to ao inimigo, cortaram pela sua heroica decisão,
« e firmeza nos perigos, os funestos effeitos que
« forçosamente se haviam de seguir do abandono
« total da cidade. » (1)

Entretanto, Maria, favorecida pelas chusmas compactas, que vertiginosamente se enredavam e serpenteavam de rua em rua, fugiu ao grupo das irmans e de Laurentina, e lançou-se sosinha á estrada de Vallongo. A meia legua do Porto, ao romper d'alva do dia 24, encontrou a vir para a cidade um cavalleiro, que a reconheceu.

(1) « Historia do cerco do Porto » — vol. 1.°, pag. 514.

— Onde vai, senhora? — disse-lhe o commerciante, velho amigo de seu marido — Vai procurar o José entre os mortos?

— Pois morreu!? — exclamou ella, transida de agonia.

— Não, minha senhora! Deixe lá fallar os patetas das authoridades. D. Pedro não ganhou victoria de consequencias; mas manteve a honra do seu exercito. Não tardam ahi os nossos homens, e o seu ha-de vir laureado como os outros. Volte para sua casa, e espere-o com um jantar reparador. Eu não lhe offereço o meu cavallo, porqne vou a toda a pressa desenganar o commandante das forças navaes inglezas, a quem pedi que sustivesse até á minha chegada a noticia da derrota que elle queria dar para o seu governo (1).

Maria ficou perplexa entre a duvida e a confiança que lhe merecia o nuncio da boa-nova. Sentou-se á beira da estrada, cogitando, e recobrando alentos. Nascia o sol de 24 de Julho, com quantos esplendores elle traja no céo de Portugal. Teve a esposa do official um quarto de hora de reconcentração e de lagrimas, em que havia muito agro de angustia, e muitas acções de graças ao Senhor. Reparou ella que os lavradores d'aquelles sitios iam tranquillos

(1) « Historia do cerco do Porto » — vol. 1.°, pag. 516.

para a sua tarefa como nos dias de paz, e disse entre si: « Se eu tivesse assim nascido e vivido!... Se o meu marido a esta hora ignorasse tudo, e vivesse ignorado commigo n'uma choupana! »

Espertou-a d'este dorido scismar a passagem de cavalleiros militares, que voltavam de suas indagações com semblante alegre. Animou-se Maria a perguntar ao capitão de cavallaria Simão Infante de Lacerda ([1]) se era certo ter vencido o Snr. D. Pedro.

— É, sim, minha senhora — disse o militar, admirado do aspecto pallido, e desalinho, e maneiras, que visivelmente denunciavam uma senhora — Tem alguem no exercito?

— Tenho meu marido, o doutor José da Fonseca.

— Bem sei, alferes de voluntarios. Conheço-o da campanha dos Açores, e da sua caridade com os emigrados lá, em Londres, e em toda a parte, onde havia famintos.

— Não morreu, não?

— Se tivesse morrido, ter-m'o-iam indicado os emissarios que ficam á retaguarda. O exercito deve chegar ás quatro ou cinco horas ao Porto.

Lembrou-se então Maria da consternação em que áquella hora estariam suas irmans e filho. Pediu ao

([1]) Barão de Sabroso, depois.

capitão, que lhes fizesse saber o destino d'ella, indicando-lhe a residencia e o nome do filho, que o militar já conhecia da afouta proclamação da vespera aos seus camaradas.

D'alli, foi ella vagarosamente até Rio-Tinto, e esperou.

Quando as senhoras deram pela falta da irmã, cuidaram que ella iria procurar Alberto á Torre-da-Marca, e chegaram a tempo que o moço estava respondendo á ordem proferida pelo proprio governador militar.

— Tua mãi? — disse-lhe Jeronyma, já atribulada.

— Pergunta-me por ella a mim, minha tia?

— Apartou-se de nós! Que destino teria, santo Deus?

— O destino que nós teriamos, se tivessemos um marido no campo da batalha — disse Laurentina — Foi procural-o. Permitta Deus que ella o encontre vivo. Póde ser que elle esteja ferido, e os cuidados d'ella o salvem da morte.

Alberto achou natural o destino de sua mãi, e pensou na morte tambem possivel de seu pai. A impressão das nobres palavras de Laurentina foi a ultima que lhe tocou o coração; e ella tão modestamente e sem artificio as dissera, que nem reparou na indifferença de Alberto.

Eulalia e Jeronyma sentaram-se alquebradas nos degraus do palacio dos Carrancas, que então era o aposento do Snr. D. Pedro de Alcantara. Laurentina ficou ao lado do academico, esperando que elle se cobrasse do torpor em que ficára.

— Snr. Alberto, disse-lhe ella, tenha força. A coragem mostra-se em tudo. Não ha nada que o faça imaginar que seu pai está morto.

— E que tenho eu a meu favor para imaginar que meu pai está vivo!... — murmurou elle.

— Os presentimentos do meu coração, e a confiança na misericordia divina, mais que tudo. Uma santa como sua mãi, e um filho como o snr. Alberto, não quer Deus que fiquem assim sem esposo e sem pai. Ajunte a sua alma á minha fé. Dê-me o seu coração para sentir com o meu os mesmos presentimentos, e verá que se reanima e fortalece para rebater quantos golpes lhe apontar a desgraça, se tiverem de ser grandes. O meu amor ha-de conseguir vigoral-o, quando a natural fraqueza o frustrar, sim, snr. Alberto?

Tanta maviosidade tinham estas expressões, que Alberto, avocado, pela celestial musica d'aquella alma, dos seus intimos terrores, apertou-lhe a mão, e disse com voz mal firme:

— Se eu morrer, chore-me, e lembre-se... em quanto viver na sua alma a imagem do homem,

que a amou quatro annos com tantas saudades! Console assim minha pobre mãi e minhas tias, porque as lagrimas de estranhos são a maxima consolação de quem chora a perda que não é senão dó para os estranhos.

— Não falle em morrer! — atalhou ella, contrafazendo valor — Que desanimação!

— Não lhe dê esse nome, que isto é o resultado de um proposito de intrepidez. Se o inimigo entrar, não fujo, nem me entrego. Resisto, e morro inevitavelmente, que é impossivel durar na resistencia, e achar ao meu lado muitos camaradas que me amparem a vida.

— Mas essa coragem é louca e irracional! — interrompeu ella — Se os generaes fogem, que tem que o snr. Alberto se poupe a uma morte certa?!

— Os generaes fogem porque sentem frouxas as convicções que os trouxeram a esta lucta. Os generaes são os homens da posição, eu sou o soldado da bandeira. Os generaes querem acrescentar-se em honras, querem despregar da bandeira as insignias com que hão-de coalhar o peito das fardas; eu sirvo a bandeira dos livres, só por ella ser a expressão da liberdade, da civilisação e da redempção. Esta guerra comprehendo-a como lucta entre escravos e senhores, entre o prejuizo das raças e a subserviencia humilhante de milhares de homens, entre os quaes

o meu espirito se sente acorrentado. Se este lance de resgate se perder, não virá outro, na minha vida, a Portugal. A perseguição rasgará as fauces da sua ferocidade, e eu e todos os que se levantaram contra ella, seremos espostejados sem gloria, sem honra, sem a compaixão dos vindouros, que rasgam da historia as paginas dos soffrimentos cobardes, como vergonhosas para um paiz não affeito a vergonhas. Se as ha em Portugal, datam ellas desde o dia em que entregamos os pulsos á Inglaterra para que a França não ousasse quebrar-nos as algemas que já cá tinhamos. Esta lucta é a que nos ha-de lavar... das manchas, não, mas erguer o espirito á altura da nossa dignidade e independencia, se vencermos; e, se não vencermos, então nem a Inglaterra quererá mais sujar as suas botas na lama em que ha-de ficar atascada a nossa honra.

Assim fallára o academico á enlevada Laurentina, que, por milagre do amor, entendia e acompanhava a elevação d'aquelle ardente espirito.

Desculpemos ao academico a vehemencia do seu dizer, e acreditemos que existiram, n'aquella época, moços de tão alto pensar. Depois é que veio a época dos quadros dissolventes, e extinguiu-se a raça.

VI.

O VENCEDOR.

Um dos primeiros batalhões, que rompiam a marcha, na volta de Ponte-Ferreira, era o dos voluntarios da Rainha. Maria, encostada a uma janella baixa de taberna, buscava, entre a cerrada nuvem de pó, o marido. Não se enganára o capitão de cavallaria. José da Fonseca lá vinha, com um ramo de louro na barretina; louros traziam todos, excepto os que lá ficaram escorrendo sangue, que devia regar maís viçosos e merecidos laureis nas futuras batalhas. Verdadeiramente laureados por morte de memoranda honra foram o commandante do batalhão francez, e Narciso de Sá Nogueira, tenente de caçadores 5,

*

um dos mais provados em valentia entre os bravos do exercito libertador ([1]).

Viu José da Fonseca de relance sua esposa. Não o conteve a disciplina. Sahiu da marcha, apertou-a nos braços, e disse-lhe:

— Adivinhava-te o meu coração; vem como poderes, meu pobre anjo, que eu não posso acompanhar-te. Aqui me tens vivo, sem ferimento, protegido sempre por tuas orações.

(Se alguem dissesse aos venerandos frades de S. Francisco, incendiarios do seu convento do Porto, onde se hospedava caçadores 5, que um official da liberdade acreditava em orações da esposa virtuosa, os bons dos frades rompiam as carotidas em cascalhadas de sincero riso! Depois o mais lido e circumspecto d'elles diria: « Crer em orações quem empunha a espada para derramar sangue humano! É absurdo de costa acima! Deus reprova homicidas, e lança de si com horror as preces de quem anda travado com seus irmãos em briga sanguinosa. » Isto dito por um frade, deve pesar na consciencia da gente, se o frade primeiro cancellar as paginas da Biblia em que o proprio Jehovah, senhor dos exer-

([1]) Conheci uma dama de alto nascimento tão do coração affeiçoada ao gentil official, que vinte e cinco annos depois, lhe rebentavam lagrimas, ouvindo proferir o nome d'elle. Sá Nogueira foi o primeiro official morto do exercito do Snr. D. Pedro.

citos, e eterno Deus, mandava ao seu povo passar á espada os gaboanitas e um sem conto d'outros rebeldes. Melhor andaria o monge, se, em côro, levantasse o espirito ao Senhor, pedindo-lhe que fundisse o instincto feroz dos poderosos em commiseração dos fracos. O entre-parenthesis já vai muito estirado: parece fradesco. Fecha-se.)

Quasi no encalço de seu marido, chegou Maria a casa. Dava-lhe a alegria um semblante de louca, e a descompostura do trajo confirmaria a suspeita. Andou de braços em braços das irmans e de Laurentina; abraçou tambem o morgado, que estava pasmado do que ouvia; abraçaria até os inimigos, as justiças que lhe confiscaram os bens, se ellas alli estivessem.

Todas as bonanças d'aquelles dous annos eram curtas e revesadas por tempestades, alvoroços, desmaios, e agonias de quem a cada hora esperava a perda d'uma vida.

Não vem ao ponto amiudar noticias ácerca das campanhas, repetidas em redor d'esta heroica cidade. São hymnos de gloria immorredoura, tantas vezes cantados, e as crianças os aprendem dos paes, e seus filhos os dirão aos vindouros, de modo que a futura prosperidade d'esta cidade, berço, baluarte, e padrão eterno da liberdade, haja orgulho, nobilis-

simo orgulho, de ter sido famosa pela guerra antes de se desentranhar em delicias de civilisação.

José da Fonseca e seu filho acompanharam a guerra em todas as suas phases. Sahiram de todas com gloria, e não poucas vezes com feridas. No hospital de sangue em Lisboa esteve a morte alguns dias vacillante á cabeceira do grabato de Alberto. Sua mãi, tias e Laurentina só o souberam depois que a bala se identificou ao peito onde entrára para nunca mais sahir. José da Fonseca seguiu a trabalhosa e invencivel fadiga do seu batalhão. Que pagina a dos voluntarios da Rainha, na odyssea da liberdade, n'esse grande poema, que as artes vão escrevendo em seus prodigios, como outr'ora se escreviam em granito as chronicas dos mundos descobertos, e das batalhas da independencia! Quem não leria na exposição industrial de ha dias o que a philosophia do passado escrevia nos mosteiros da Batalha e de Belem! Se lá, na pedra, decifraes o esforço do genio e do braço, aqui, no espectaculo das obras do espirito, que vistes senão o impulso que a liberdade lhes deu, o abrirem-se as azas de ouro e azul á chrysalida, tão longas eras entorpecida no seu involucro de ferro, ferro de que eram fundidas as algemas do genio!

Agora me dizem que não leva muito geito de romance este aranzel. É justo o reparo, e enfiemos a historia.

Terminada a guerra, o doutor José da Fonseca acolheu-se ancioso ao abrigo que sua cunhada lhe dava, ao passo que o maior numero de seus camaradas ficavam na capital ás portas das secretarias, mais assustados das injustiças dos ministros do que o tinham estado nas trincheiras.

Ao seu refugio, dulcissimo remanço, que Jeronyma deliciava com quantos bens o seu amor e gratidão podia inventar, vieram procural-o as honras, os cargos, e a fortuna da politica, vestida de pechisbeques e rutilante de lentejoulas. Honras, aceitou José da Fonseca unicamente a de o procurarem para lh'as offerecerem; cargos nenhum quiz: abriu o seu escriptorio de advogado, e sorriu aos primeiros seis vintens que lhe deram por um requerimento. O caseiro, que fôra dos seus bens, quando soube que os executores do fisco abandonavam a propriedade do antigo amo, veio perguntar-lhe se continuava a dar-lhe a elle caseiro os bens de renda.

— Daria da melhor vontade — respondeu José da Fonseca, se fossem meus; — mas a verdade é que, á minha sahida da patria, os deixei hypothecados a um emprestimo com juros taes que devem estar os bens absorvidos. Entenda-se vm.^ce^ com o meu credor.

E disse o nome do usurario, que eu não repito em respeito ás cinzas de um homem, a quem os

necrologios das gazetas chamaram cidadão honrado, pai dos pobres e valedor de infelizes. Gazetas é que eu me não atrevo a desmentir, succeda o que succeder. A justiça de Deus é que não se faz pelo que talham os periodicos.

Voltou o caseiro dizendo que o credor já estava pago do capital e juros, da qual quantia passára recibo á snr.ª D. Jeronyma Luiza, que fôra pagar em nome da snr.ª D. Maria José da Fonseca, poucos dias antes.

— Onde estão os limites da sua virtude, minha irmã? — disse José da Fonseca a Jeronyma.

— Pergunte-me onde estão os limites do meu reconhecimento, — respondeu ella.

— Lembra-se da carta que me escreveu, ao retirar-se furtivamente da minha casa? É esta, — disse elle, tirando-a da carteira, e leu o periodo final: *Não me chame ambiciosa, sem primeiro pensar que o sagrado dever de cada um não é só a paciencia nos revezes; mais do que isso é evital-os por meio do constante trabalho, da economia discreta e dos esforços a conseguir independencia sem altivez, e posição d'onde possamos ser uteis aos que dependem.* Tudo conseguiu, minha irmã! — proseguiu commovido José da Fonseca. — Não matou a fome sómente, trouxe a abundancia a casa de sua irmã; ainda mais, sustentou meu filho na universidade dous annos; era

isto ainda pouco para a sua grande alma: mandou-me fartos recursos, que me deram muitos amigos porque já eramos irmãos na desgraça. Que faltava a isto? Faltava que toda esta familia ajoelhasse a seus pés; mas eu sabia que seriam amargas a minha irmã as lagrimas que a nossa humildade lhe fizesse verter. Sabia o melindre da sua virtude, e conhecia-lhe desde a infancia o que eu chamarei o pudor da caridade. Não quer lagrimas, não, minha irmã? Pois então que lhe ha-de dizer a alma agradecida d'este pobre pai de familia, que vê das suas mãos, Jeronyma, sahir-lhe os prazeres da bemaventurança, que está gosando?

— O que eu lhe peço, disse entre chorosa e risonha Jeronyma, é que me dê um quarto na sua casa, visto que ámanhã vai tomar posse d'ella. Preciso descançar. Os meus quarenta e dous annos pesam-me já como a decrepitude d'outras mulheres. Dou por acabada a minha tarefa, se Deus quer que os trabalhos de minha familia estejam acabados. Agora é tempo de empregar as ultimas horas da tarde da vida em agradecer ao céo os beneficios que multiplicou sobre mim e sobre os meus. A minha velhice dá-me direitos a exigir que me aceitem os conselhos. Quero que o mano tambem descance. Isto é mais que conselho; é ordem. Se o tornar a vêr no escriptorio, advogando, creia que me entristeço. Sobe-

jam-lhe recursos para viver em repouso de corpo e espirito. De que me serve a mim o restante dos meus lucros de doze annos? Tudo lhe entrego sem condições nem encargos. O meu irmão rejeita empregos que lhe offerecem. Fez-me a vontade; que eu estava tremendo de o vêr ambicioso de vans glorias, que se não compadecem com a felicidade domestica, e roubam á familia o coração, que anda disperso a pedaços por muitas paixões mesquinhas, redundando todas em elevações e quedas da vaidade. Já sabe o destino de Alberto, d'aqui a mezes. A minha maior gloria é ter creado desde os seis annos aquella menina para elle. Fiz-lhe o coração do meu, menos aquella força de alma, que seria o caracter da sua fidalguia, se a fidalguia não fosse sujeita ás baixezas das mais plebeas condições. Poderei enganar-me; bem sabe quanto avêssa eu fui sempre á felicidade do casamento; mas Alberto é filho de José da Fonseca, e Laurentina tem as virtudes que fariam feliz qualquer homem vulgar. Está, portanto, assegurado o destino de meu sobrinho. Nós outros, como velhos, não temos que pensar em destinos: cuidemos em nos embalarmos serenamente para o somno sem fim; aceitemos das mãos de Deus os bens que brotam da obscuridade da vida, como as florinhas modestas, que nascem no raso do chão, lá florescem e dão os seus aromas.

José da Fonseca prometteu pontualmente cumprir os conselhos de sua cunhada. Cuidou de seus pequenos bens, augmentou os comprados em nome de Jeronyma, fez casa campestre na Maia, onde elles eram situados, e preparou a sua mulher e cunhadas o prazer de viverem no campo, alguns mezes do anno.

Como homem de letras e de arreigadas convicções, José da Fonseca algumas vezes mandou para jornaes, creados em Lisboa, escriptos de fino quilate moral. Os leitores começaram a dizer que taes artigos podiam ser brilhantemente cerzidos aos sermonarios de algum frade falperrista. Achavam-os seraphicos de mais para a época, e recheados de utopias de visionario, que se fizera liberal no gabinete, e nunca cheirára o fumo da polvora no campo das batalhas. Fonseca pedia a reconciliação da familia portugueza: utopia! Pedia que cessassem as retaliações barbaras, que punham o policiamento dos vencedores ao nivel do policiamento dos vencidos: utopia! Pedia que se déssem os cargos do estado aos que mostrassem mais independencia no serviço da patria: utopia! Pedia que se considerassem portuguezes-irmãos todos os homens da patria, outr'ora maus por ignorancia do bem, que os outros lhes queriam preparar: utopia! Fallava em Evangelho, e em Christo como revelador das eternas verdades, a cuja luz só

podiam resolver-se os problemas da politica: utopia, e trecho de frade falperrista.

Os proprietarios das gazetas recommendaram-lhe mais politica e menos idealidades, mais analyses dos homens e menos ponderação dos principios. Calou-se José da Fonseca, e pensou em sua consciencia que a nau do estado ia aproada a mares infamados; mas nunca disse: « Debalde me sacrifiquei... » porque nunca desceu cabisbaixo as escadas das secretarias.

A vida ordinaria do doutor eram as práticas com sua familia; e, n'estas, o recordarem-se de longes tempos da infancia de todos, aligeirava as horas. Eulalia ainda chorava ouvindo fallar em Duarte Pereira, e queria a boa senhora que lhe achassem justa a phantasia de que elle seria feliz, se a desgraça o deixasse viver até áquelle tempo. Maria, mais taciturna ou mais entrada de sua plena felicidade, era quem dava sempre a chave das reminiscencias, e enlevava-se no dizer de seu marido, sempre limpido, insinuante e lhano, como a verdade extrahida em sua nudez do coração. Jeronyma fallava ás vezes em Pedro, e dizia com magoa que o pobre moço não tinha familia de quem podesse esperar inspirações para ser feliz. Acertadamente o dizia, que Pedro vivia só, sem paes, separado de suas irmans, solitario em seu coração, esperando as cans como prenuncias da alvura da mortalha.

Era este, pois, o suave viver de José da Fonseca e sua familia, quando um triste acaso lhe deparou desgostos de tal porte, que os seus proprios amigos liberaes se voltaram raivosos contra elle.

Passára assim o acaso:

Aquelle fidalgo, que comprára os bens de Duarte, e offerecera casa e rendimento de uma quinta á viuva, era realista, amava as tradições, os tempos em que seus avós lhe grangearam o nome e os haveres; mas não offendera liberal algum.

Homens, porém, de feia cobiça, e votados a auferirem das circumstancias favoraveis o maior numero de regalias, qualquer que fosse a impureza da origem, deram contra o fidalgo libello por indemnisações, allegando que o presidente da alçada de 1829 se hospedára em casa d'elle.

Fugira o fidalgo deixando os seus haveres entregues a timidos mordomos, que tambem fugiram, abandonando á justiça dos vencedores os bens de seu amo, para salvarem a vida propria.

Do seu escondrijo escreveu o fidalgo ao doutor José da Fonseca pedindo-lhe protecção, e offerecendo-lhe em recompensa do seu patronato a quinta que elle escolhesse.

Fonseca leu a carta a sua cunhada, e disse-lhe:

— Este homem pagava-me generosamente as lições de seus netos; mas, sendo elle rico, este fa-

cto nada valeria, se não fosse honrado. N'esta conta o tive sempre. Não me consta que elle offendesse alguem. Sabia os meus principios e respeitava-os, quando os não aceitava como justos e humanos. Se minha cunhada me deixa ser advogado por esta vez sómente, eu vou curar de salvar os bens do fidalgo, e salvar os meus camaradas da futura ignominia de lh'os roubarem.

— Vá! — disse Jeronyma — esse homem dava á minha pobre irmã a abundancia, que eu lhe não pedia.

Sahiu a campo José da Fonseca em defeza do fidalgo sequestrado por indemnisações, e conseguiu aniquilar a base do processo.

D'ahi as malquerenças, os odios, as injurias rebuçadas.

E, já quando a vingança precisava respirar por epithetos bem mordentes, chamavam-lhe *realista, apóstata, renegado, caipira*, e a final *ladrão dos direitos alheios.*

O fidalgo mandou perguntar a José da Fonseca qual das quintas queria. Respondeu o advogado que, logo que o seu constituinte se recolhesse ao Porto, elle escolheria a *quinta feira* da primeira semana para lhe dar um abraço.

Diziam os liberaes que elle tinha recebido duas quintas em vez d'uma.

Diziam os realistas que a defeza do fidalgo lhe devia ter custado a maior parte da sua casa.

Dizia o doutor, ouvindo tudo isto de reflexo, que o mundo era sempre o mesmo, e prophetisava que em 1862 havia de ser a mesma cousa.

Enganou-se redondamente: isto agora está melhor.



VII.

NA VIDA COMO NA MORTE.

Formado Alberto, cuidou-se no casamento.

Laurentina, o morgado, D. Mafalda e o padre-mestre vieram ao Porto, com grande prestito de parentes e lacaios. Hospedaram-se no hotel francez, e receberam a visita do noivo com as formalidades de velho estilo. Celebrou-se o casamento em Santo Ildefonso, e os noivos foram passar oito dias a casa de seus paes, á modesta casa, que fazia lembrar a do antigo mestre de latim e grego.

Ao oitavo dia foram procurados, já com escuro, por um cavalheiro, que se annunciava proximo parente de D. Laurentina. Sahiu D. Mafalda á sala, e reconheceu seu primo. Ora, este primo de D. Ma-

falda era o fidalgo, cujos bens o advogado salvara do sequestro.

— Não é hora canonica de visitas — disse o cavalheiro — mas homem escondido só póde sahir com os morcêgos, se é que os morcêgos não são meus inimigos. Ora vamos, prima! quero conhecer Alberto da Fonseca e Laurentina. Linda sei eu que ella era em menina de dous annos. Vamos vêr se ella se conserva fiel á raça de nossas avós, prima, que eram irmans, e tiveram fama das mais formosas senhoras de Entre-Douro e Minho.

Foi D. Mafalda chamar os noivos, e vieram com elles o doutor e as tres irmans.

O fidalgo queria abraçar todos a um tempo, e a elle todos.

— É hoje *quinta feira* — disse o ancião com a muitissima elegancia de suas maneiras — Não esperei o abraço, e vim, para que se não dissesse que o meu patrono ia saldar contas com o seu cliente. Em quanto a Laurentina, acho-a muito mais linda que as nossas avós, prima Mafalda.

— Se o primo Paulo não as conheceu!

— Certo é que as não conheci; mas vou jurar, que nossas avós não podiam ser tão lindas, e que esta menina tem sobre ellas a vantagem de mediarem setenta annos, em que a nossa raça se apurou até este ponto. E o nosso Alberto! o meu primo Al-

berto da Fonseca! Isto é um rapagão e um bravo. Já sei, já sei que proclamou na Praça Nova e na Torre da Marca; mas não cuide que vai á historia. A historia ha-de occupar-se com outra ordem de façanhas, que não as suas. Os nossos bisnetos hão-de saber o nome de quem deu a primeira cutilada no Pitta-Bezerra; mas hão-de ignorar o nome do academico que se oppoz ao despejo de uma cidade e dissipou a pressão de terror que esmagava gregos e troyanos. Ainda assim tenho de lhe fazer aqui umas censuras, mas ha-de ser em particular. Entremos ahi n'um cantinho d'esta pobre casa do honrado varão, que devia ser a esta hora um grande no reino, e um Nababo enfastiado das opulencias do luxo.

Entraram em um quarto Alberto e o fidalgo.

E o fidalgo, tirando do bolso do seu capote de castorina uma caixa de ebano com embutidos de madre-perola, disse:

— O Alberto deu o presente de noivo a sua esposa?

— Pequenas insignificancias, que ella reputou em muito.

— Tome este adereço; e, logo que eu sahir, faça-lhe presente d'elle. A si é que o dou; penso que não póde dar-lhe melhor destino.

Alberto balbuciou palavras logo cortadas.

— Adeus, adeus, meu primo, ou meu sobri-

nho, lá como queira. Nós, os velhos, gostamos de chamar primos aos parentes que já nos são sobrinhos-bisnetos, pelos seus justos cabaes. São ridicularias que hão-de passar com a illustração da humanidade.

Havia delicada ironia nas ultimas palavras do velho, as quaes elle modificou com o sorriso, e o amigo aperto de mão, que trocou com Alberto.

Retirou-se o fidalgo, ditas muitas amabilidades a todas as damas, e phrases não enfeitadas de gratidão ao doutor.

Em seguida, apresentou Alberto o adereço a sua mulher. Laurentina, e todos maravilharam-se do tamanho e quilate dos brilhantes. A pedido de seu esposo, adornou ella a fronte com o diadema e as orelhas com as arrecadas, e enfiou o collar scintillante. Era mais mulher de seduzir os olhos assim adereçada; mas menos anjo de enfeitiçar as almas candidas.

Magnifica era a dávida: valia bem a quinta, a melhor quinta do fidalgo, rejeitada.

Dias decorridos, Alberto com toda a sua familia partiram para o Douro, a cumprir a promessa de se deterem tres mezes em Lobrigos. É a gente obrigada a descrer da felicidade absoluta n'este mundo; mas será judicioso affirmar que a plenissima fe-

licidade permaneceu tres mezes para aquellas ditosas familias.

Andava Jeronyma por vinhedos e pomares amostrando a suas irmans e cunhado os socalcos e pedras onde se assentava a chorar de saudades d'elle e d'ellas.

Mostrava-lhes os cadernos do seu negocio em doze annos, explicando com perdoavel vaidade as felizes especulações, que suggerira ao feitor, seu agente. Contemplavam juntos a laranjeira que ella plantara, e a viçosa pereira que alporcára. Conhecia ainda as flôres, que chamava suas, e os canteiros do jardim que ella reedificára por suas mãos. Depois, detinha-se em minudencias, mostrando a escripta já amarellecida de suas discipulas, e lendo no « Feliz independente » os capitulos, que faziam chorar D. Mafalda, e sorrir ás furtadelas o padre-mestre.

E o padre-mestre! é verdade, o padre-mestre?

Como elle conseguira espancar a gota, e remoçar, quando os seus conventuaes, fieis ao habito e ás sandalias até á ultima hora, andavam por alli dispersos, avelhentados, a dizerem missas a tostão, tão alquebrados de animo, como se já as dissessem por suas proprias almas!

O padre capellão permanecia sempre jovialissimo, fazendo dos seus sessenta e nove motivo de irrisão á velhice dos outros, e demonstrando á mesa

que, no ultimo quartel da vida, a Providencia faz o favor de dar tres estomagos ás consciencias limpas.

Dizia elle facetamente a Alberto, quando podia prescindir da lingua na deglutição:

—Senhor liberal! faz favor de me dizer o que é a liberdade?

—A liberdade é um direito que cada homem exerce de ser igual a outro homem perante uma lei illustrada.

—Logo—acudiu o capellão—o snr. Alberto é igual a todo o homem.

—Certamente.

—E como a lei não prohibe que o homem da cavalhariça venha sentar-se a esta mesa, e comer d'estes pasteis, o snr. Alberto não leva a mal que o homem exerça um direito, uma liberdade que a lei não impede.

—Essa agora não me parece sua, ó padre-mestre! disseram, a um tempo, quatro fidalgos commensaes.

—O sophisma é obvio—disse Alberto.

—Então diga *distinguo minorem*, que é a regra da boa dialectica.

—Pois *distinguo minorem*. A lei legisla para os casos expressos, e não estabelece regras de consentimento para o que não diz. Eu sou igual ao homem da cavalhariça, perante a lei, se praticar um crime.

Diz o codigo da liberdade: A lei é uma só para todos os homens: « homem que matar outro seja castigado. »

—Isso está lá? —atalhou o padre-mestre.

—Está, sem duvida.

—Pois, quando se tratar da applicação da lei, fallaremos, amigo e snr. Alberto da Fonseca.

Com estas e outras semelhantes praticas entretinha o padre-mestre as horas do seu laborioso chylo, se o antagonista lhe não era roubado, a empuxões da esposa, que mui sinceramente chamava patarata rabugento ao theologo.

Findo os tres mezes, cresceram de tal arte os empenhos, que José da Fonseca, contente do bem-estar dos seus, consentiu em ficar mais um mez. Os negocios de sua lavoura já o chamavam ao Porto, e Jeronyma principiava a desejar o silencio do seu quarto. Lobrigos estava sendo o ponto convergente da fidalguia do Douro. Quando não eram bailes, eram jantares, ou permutação de visitas, que contrariavam a habitual placidez das tres irmans, e o espirito estudioso e pensador do jurisconsulto.

N'esse ultimo mez chegou ao Douro uma illustre senhora, filha de um ministro, assassinado no motim de 1837, em Lisboa. José da Fonseca, sabedor da infausta nova, lauda negra das desavenças que elle fatalmente previra, chorou a morte de seu

amigo do exilio, e cahiu em desnatural tristeza, que mais prestes resolveu a familia a recolher-se ao Porto.

Cincoenta e seis annos tinha n'esta época José da Fonseca. Sessenta e seis lhe attribuiriam os que o não conhecessem de longos annos. Encanecêra no exilio, e mais rapidamente ainda no primeiro anno do cerco do Porto. Na felicidade renovaram-se-lhe successivas primaveras para a alma; o corpo, porém, exhausto da seiva, que se diluira em lagrimas, desmedrava e languescia de mez a mez com lastimavel celeridade. Ás vezes, fitava elle os aguados olhos em sua mulher, e chorava. Acudia ella a beber-lhe as lagrimas, e o marido comprimindo-a ao seio, dizia-lhe:

— Isto não vai longe.

Á força de caricias, recobrava-se de alentadoras esperanças; mas lá vinham padecimentos occultos pungir-lhe no coração como despertadores para a morte.

Aconselhado pela medicina, foi José da Fonseca na primavera de 1838 para os seus bens da Maia seguido das melancolicas senhoras. Jeronyma presentia o breve fim de seu cunhado; mas a nenhuma de suas irmans revelava o presagio. Maria, a intervallos longos, pensava na incomportavel desgraça; mas acabava com o seu receio pela impossibilidade de tamanha dôr, sendo Deus tão piedoso para quem é bom.

Sentado á sombra de suas arvores, passava grandes horas o enfermo, ora lendo, ora pensando no que lia. As leituras dilectas eram os livros que sobre a campanha da liberdade escreviam os inglezes. Em muitas paginas, memorandas de dias negros de esperança, chorava elle; em outras de propicio exito ao exercito parecia alegrar-se das commoções de então. Quando o pranto lhe derivava em fio nas faces amarellas, era ao lêr as paginas relativas á morte do Snr. D. Pedro de Alcantara. Era então o estreitar-se-lhe em tão dorida saudade o coração, que abafaria, se não desafogasse em expansões de amor ao finado heroe, ás quaes a familia acudia com as consolações das lagrimas.

Voltou Fonseca no outono ao Porto, e com elle a molestia augmentada. Já a medicina, gesticulando em ar mysterioso, o condemnava á morte. Conhecia-a elle mesmo: via-lhe o sombreado das azas tôrvas a assombrar-lhe a vista; diziam-lh'o as lagrimas de Jeronyma e Eulalia, amantissimas quanto podiam sêl-o, e por isso mesmo innatas para disfarces.

E Maria? oh! essa, alanceada a cada instante no coração, chegou a meditar no suicidio, extincto o esposo! Assim é que nem para todas as angustias a religião é prompta ancora.

Chegou o dia derradeiro.

José da Fonseca não ficara na cama algum dia,

durante nove mezes de progressiva doença. N'aquelle, porém, que devia ser o ultimo, madrugou em levantar-se, e disse a Maria que lhe ministrasse papel para escrever a Alberto.

— Vou convidar meu filho e nora a virem passar alguns mezes comnosco na Maia. Peço-lhes que tragam o folgasão padre-mestre, e o pai e a boa Mafalda. Por amor de vós, pobres senhoras, que não tendes distracção alguma, é que o faço. Passareis mais divertido o tempo, e eu talvez me divirta com as doutrinas politicas do capellão, que não são peiores que as de muitos estadistas, nossos governadores.

— Pois sim, meu filho, escreve. Não te esqueça recommendar que venha o padre-mestre.

Escreveu Fonseca uma carta recheada de jovialidades, e, no tocante a sua saude, dizia:

« Penso que estou melhor. As dôres e ancias
« do peito diminuiram de hontem para hoje conside-
« ravelmente, e n'este instante parece-me que iria
« ás trincheiras, se os sinos me chamassem á salva-
« ção da patria e dos patriotas. Se Deus me ampa-
« rar mais dous annos entre os carinhos da minha
« familia, com alguma saude, tenciono escrever sem
« odio nem parcialidade, um livro intitulado OS HO-
« MENS DO MEU TEMPO. Mas, se não tiver tempo para
« isso, cá ficará quem o faça, sem se occupar de

« mim, porque só fui visto ao relampago da artilhe-
« ria, e a luz do relampago é fugaz. Ainda bem
« que Deus Nosso Senhor me não deixou crestar
« áquella luz homicida as flôres dos annos juvenis
« que viçaram n'esta alma, a qual foi boa para os
« bons e para os maus. Dirás tu, meu filho, que
« me estou elogiando contra o meu costume? Não
« é; é confessar-me diante de Deus, como ousaria
« confessar-me diante dos homens. Abraça a minha
« nora, e toda essa santa gente, e... »

Chegado a este ponto da carta, José da Fonseca sentiu uma ancia, deixou cahir a penna, levou a mão ao peito, e balbuciou o nome de Maria, mas tão surdo, que não poderia ser ouvido. Depois, reclinou para o espaldar da cadeira a cabeça, e expediu a alma ao seu Creador.

Instantes depois, veio Maria buscar a carta para mandal-a ao correio. Susteve-se no limiar da porta, e vendo-o com a cabeça recostada ao braço direito, disse entre si:

— Como se ergueu mais cedo, está a dormitar.

E foi pé ante pé com o intento de tomar a carta sem acordal-o. Viu a carta aberta, e suspensa na conjuncção *e*.

— Não a concluiu — pensou ella.

Fez reparo na surda respiração do dormente;

abaixou o ouvido e nem se quer o bafejo do halito lhe ouviu. Tomou-lhe de golpe as mãos, e sentiu-as quasi frias. Sacudiu-as vertiginosamente, soltou um grito estridente, e cahiu de peito sobre o cadaver do marido, perdidos os sentidos.

Acudiram Jeronyma e Eulalia ao brado. Deram de rosto n'aquelle grupo, que simulava dous cadaveres. Jeronyma ajoelhou para levantar sua irmã. Eulalia verificou a morte do cunhado.

Não suspendamos aqui a descripção. Alli se passou uma agonia, que as reticencias podiam exprimir; mas quem ha visto d'aquellas flagellações com que a obra divina, a creação tão bella no dizer dos philosophos optimistas, se ennodêa e afeia tantas vezes!

Alli não ha duas irmans a consolar uma viuva. Aquelle morto amavam-no todas com o triplicado amor de filhas, de irmans, e de anjos. Rompiam os tres seios os mesmos gemidos; vibravam todas a um tempo da mesma espedaçadora convulsão. Alma a quem pedissem consolação, nenhuma alli! Inspirado do céo, que de lá chamasse o orvalho da fé sobre a flamma de desespero, que abraseava a todas, não lhes ouvira os gritos. Todas de joelhos em redor do cadaver beijavam-lhe as mãos glaciaes. O pranto era de fogo; mas o sangue coalhara. Os peitos quebravam-se em arquejos; mas no pulso do morto nem sombra de

pulsação. E invocavam-no! Uma dizia «meu esposo!» as outras «meu irmão!» Todas julgavam impossivel a morte! «Não está morto!» clamavam ellas. E, quando os minutos passaram, e os labios não se abriram, e as mãos empedraram, já Maria exclamava: «Fazei um milagre, meu Deus!»

E Deus, do seu throno de misericordia, devia vêr com piedade aquellas tres mulheres, ajoelhadas á sua imagem, e rojando a face no chão!



VIII.

ULTIMAS PALAVRAS DE PEDRO.

Vai em seu termo esta singela narrativa das obscuras virtudes de uma familia. Nunca o pulso de meu engenho foi por si tão debil no exalçamento do que já era de sua natureza sublime. Pouco deve á arte este romance. Derivou de fonte limpida, como de coração que o lá tinha em saudosas memorias, que lhe foram a si exemplo, e o devem ser a muitos. Se não é esta a sazão propria para semear grãos respigados na seara fertilissima das virtudes ahi escriptas, a boa terra as entranhará, e a tempo se abrirá com ellas.

Correm pouco espirituaes os tempos: não ha muito quem se peje do bezerro de ouro á vista das

taboas do Sinay. Não empeça, isso, porém, aos que sentem sua alma aquecida aos ardores da sarça: digam-se em desassombro os bens que asseguram, e os males que impedem o ser cada um feliz em sua pobreza, e acredor de venturas em dobro, na abundancia. Aos infelizes corre maior obrigação de averiguarem os caminhos por onde teriam alcançado a quietação, que já tardiamente buscam. Elles, que deixaram a melhor estrada á sua mão direita, vos saberão dizer por quantos abysmos se despenha, agora, e logo, e sempre, quem, cego de sua phantasia, tomou á esquerda, fugindo as cruzes, que do outro lado lhe assustaram o animo, afrouxado pela mollidão do vicio.

Agora, nos rematará o livro aquelle homem sobre cuja fronte veneravel alvejaram setenta invernos.

« Maria, a viuva de José da Fonseca, devia ter morrido n'aquella hora, se Deus a quizesse dispensar de dez mezes de paroxismos. Sei quanto dóe a saudade, que deixa viver a sua victima quarenta e cinco annos; qual será o doer da saudade que mata em dez mezes! Jeronyma e Eulalia esperavam que sua irmã se restaurasse: enganou-as o ar contemplativo da viuva, que raras horas manifestou os impetos e estorcimentos da saudade vulgar, os quaes a final gastam a sensibilidade, e deixam fazer-se sensibilida-

de nova sob a influencia de novas esperanças, que uma egoista convenção do genero humano denomina: *resignação*.

« Oh! é tão barata a resignação! a gente esquece com tanta facilidade!...

« Alberto e Laurentina vieram do Douro assistir aos ultimos mezes de Maria. Quizeram leval-a ás diversões da provincia, e ella, abraçando-se com Jeronyma, exclamava: — Deixai-me acabar nos braços da santa a quem devemos tudo. A mortalha é o ultimo bem-fazer que eu estou esperando da minha Jeronyma.

« A morte de Maria quasi foi instantanea e inesperada como a de seu esposo. Ouviu-a Deus em suas supplicas. Ao inclinar a cabeça, encontrou o seio de Jeronyma.

« Depois, ficaram as duas irmans dous annos a contemplarem-se mudamente na sua soledade. Instava Alberto em leval-as para si. Seria aggravar-lhes a tristeza. Como esperavam que o Senhor as chamasse, estavam-se uma á outra consolando para que a ultima se houvesse com firmeza christã, e muita fé na curta demora do adeus.

« Eulalia tinha apenas quarenta e cinco annos, em 1840. A todas as irmans, como já disse, prelevava Eulalia em formosura; mas, aos trinta e cinco annos, a mais decomposta era ella em feições. O

seu atormentado viver, dos quatorze aos dezesete annos, empeçonhou-lhe o sangue, que transluz nas rosas do rosto e no suave lustre dos olhos. Bem cedo principiou a enrugar-se-lhe a pelle que nunca sahiu mais transparente e assetinada na téla. O costume dos desenfeites, do desatavio, e negligencia de seus dons, levaram-a a tão descuidada indifferença de si, que nem ao espelho pedia recordações da passada belleza. Estas demazias trouxeram as da inteira abnegação do mundo, e excessos de devoção, que não eram desmentidos pelo ascetismo interior. A ideia de não poder salvar-se a alma do marido, que a si se déra a morte, preoccupou-a de tamanhos terrores, que não seria de estranhar se a demencia a tomasse n'uma de suas mysteriosas e horrendas visões. Aplacado o desvario do espirito pelas reflexões sisudas do cunhado, voltou-se Eulalia toda a suffragar a alma do infeliz consorte com missas, segundo suas limitadas posses, e producto das roupas que i[a] vendendo, e dadivas de sua irmã Jeronyma, quand[o] esta já era mestra em Lobrigos.

« Gastou o tempo estes excessos; mas não pôd[e] mais restaurar-lhe o espirito, nem restituir-lhe [a]o corpo o natural vigor de seus annos.

« Jeronyma, a olhal-a, e a comparal-a com [o] que ella tinha sido, enternecia-se até romper e[m] chôro. — Lembras-te de quanto eras bonita, quan[do]

casaste, Eulalia? — perguntava-lhe a irmã. — Já não — respondia ella, chamando intensamente á memoria as passadas imagens, e proseguia: — Do meu Duarte é que me recordo, como se o estivesse vendo, e de todas as pequenas cousas, que rodeavam as minhas esperanças de noiva, e de todas as palavras, que o pai me disse... todas! Cumpriria eu rigorosamente a vontade de nosso bom pai, cumpriria, Jeronyma? Estará elle contente de mim, como de ti e da nossa Maria?

« Parece que estou a fugir de lhe contar os ultimos momentos de Eulalia; e, todavia, devia ser-me suave o dizer-lhe, como se diz do trespasse de um justo: *descançou no Senhor*. Cahiu lentamente, começou a cahir desde os quinze annos, teve uma só primavera; pobre flôr, que destino o teu, se não existisse Deus e céo!

« Sósinha, entre os phantasmas risonhos das tres pessoas queridas, Jeronyma pedia a suas irmans, em preces, em sonhos, que a chamassem para si. E espertava em jubilos de as ter visto, e contava suas visões (Deus sabe o que era!) a Laurentina e Alberto.

« Bom sobrinho, filho digno d'aquelle tão nobre pai! Mudou sua residencia para o Porto, cuidando que as graças infantis de seus dous filhinhos alumiariam as horas escuras de Jeronyma, escuras com respeito ao mundo, digo; que, na alma alumiada

*

do céo, ha luz perenne, ha enlêvos de saudades de lá, que não tem nada commum com o enojo da vida, lenta peçonha das existencias desgraçadas e rebeldes á santificação do soffrimento pela fé.

« Como não havia de apagar-se aquella lampada, se o oleo, que tanto radiára em resplendores de virtude, lhe fôra lançado por Deus, para durar o tempo necessario á vida de um anjo?

« Quiz Jeronyma, em os ultimos mezes da sua vida, visitar o seu quarto, as suas laranjas e flôres do Douro. Foi despedir-se das duas educandas, já mães de muitos filhos, e esposas virtuosas. Encontrou ainda vivo e forte o morgado, que a não pôde vêr sem derramar muitas lagrimas, como final tributo da paixão de tantos annos, fundida em amisade de irmão. Já não vivia o padre-mestre, nem o feitor, nem os velhos criados da casa. Do velho capellão existia ainda para ella a recommendação do seu ultimo abraço, confiado ao fidalgo. Triste espectaculo o da entrega do deposito de um morto, pelo ancião, a Jeronyma, que se andava despedindo da vida!

« Tinha o sobrinho grandes cautelas em desvial-a dos locaes que lhe suggerissem memorias do cunhado e das irmans. Que montava isso? Lá ia ella procural-as, e todas lhe lembravam, e os ditos que lá se disseram. Já não chorava: tinha o coração esgotado do sangue que filtra em lagrimas.

« Do Douro foi á Maia com seus sobrinhos. Conhecia as arvores plantadas por Fonseca. Estavam então floridas e recendentes, como se a natureza festejasse com suas galas a breve redempção de um anjo, qne saudava as obras de outro, ancioso de seu irmão, na bemaventurança.

« Estes lances debilitaram-lhe muito os alentos, enganados pela ficticia coragem, que dá a tisica pulmonar. D'esta enfermidade tinham ido cunhado e irmans e os paes.

« Tornou para o Porto, e acaso, visitando os lugares de sua infancia, as escadinhas do caes da Ribeira em que fazia velejar o bote de cortiça, viu com escriptos a casa onde nascera.

« Quizeram os sobrinhos divertil-a do proposito de lá entrar: contrarial-a era affligil-a, porque obedecia soffrendo.

« Entrou na loja, e encostou-se ao balcão onde passara noites inteiras, escrevendo, para seu pai descançar.

« Subiu ao primeiro andar, onde estava o quarto de seus paes. — Era aqui! — dizia ella apontando o local do leito. Foi ao quarto de suas irmans e seu: — Alli estava tua mãi e Eulalia, Alberto. A minha cama era acolá, e eu tinha uma cana com que as acordava para as fazer madrugar e resar.

« Passou ao segundo andar, onde tinha sido a

salêta do trabalho. Estava alli uma velha cadeira. Jeronyma sentou-se, e disse: — o lugar de minha mãi era aqui mesmo; minhas irmans alli; eu ao lado de minha mãi, e o pai a passear além... E eu... viva!... Todos mortos!...

« Concentrou-se a ponto de não responder ao chamamento dos sobrinhos. Levantaram-na pelos braços para afastarem-na d'alli. Ao erguerem-na, o corpo tomou pendor para o pavimento, e a cabeça jogava entre os peitos de Laurentina e Alberto. Os labios de Laurentina, ao imprimirem nos de Jeronyma um beijo, expressão de sua ancia, receberam o extremo hálito, o transito da alma que voava para paes e irmans.

« Mandára Jeronyma construir o modesto jazigo, que lhe mostrei no cemiterio do Prado. Os ossos de José da Fonseca e de Maria foram exhumados para alli em 1841; lá estavam já tambem os restos de Eulalia, e lá deve estar o punhado de cinzas de Jeronyma, que morreu em 1844.

« Eu tinha já encanecido n'esta época. Vivia longe do Porto, meditando no acaso que me privara do amor da familia. Jeronyma teria feito de mim, se eu fosse um máu homem, o que fez de quantas pessoas lhe sentiram a celestial influencia. Eu era bom, por que púde adivinhar as virtudes de Jeronyma. Meus paes não me deixaram ser feliz: Deus lhes per-

doe, que tambem o não foram. Bom filho, não podia sêl-o eu. Fugi d'elles, fugi de mim proprio, quando perdi a esperança. A minha familia era esta, devia ser esta, cuja historia lhe contei. A ella devo a quietação de quarenta annos, não ditosa, mas inoffensiva. Jeronyma vejo-a sempre, como a ultima vez que a vi, na igreja de S. Nicolau. Ella aqui está passando ante meus olhos, sem levantar os seus das campas. Ia premeditando os nobres sacrificios d'onde tirou a abundancia e honra dos seus.

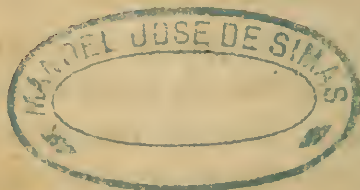
« Por ultimo, não sei que mais lhe diga. Contei-lhe o segredo d'aquella sepultura sem nome : é o que vossê desejava. Sabe-o ; mas, se o contar, tema-se de cahir no desagrado dos seus leitores. A virtude é monotona ; a arte quer-se em terrenos mais accidentados para enfeixar de todos os seus florões vistosos. O romance deve ser um recreio, e não um panegyrico de heroismos, que uns tomam como possiveis, outros como incompativeis com o seu modo de ser nas funcções da vida. Como ensinamento é que ninguem os toma. Ha muito quem diga com desdem : « virtudes de romances ! collações espirituaes de novellas ! que serve isto em materia de morigeração ? »

« Póde servir o que não servem os livros mysticos. Os santos escrevem para peccadores, restringindo as virtudes aos mandamentos de Jesus. Para

os contrictos, apontam o céo; e para os relapsos o inferno.

« É preciso incutir no animo do leitor que a observancia dos mandamentos de Jesus tem o seu premio n'esta vida. Este apostolado só poderá ser inutil, quando não houverem desgraçados, uns feitos por suas mãos, outros lançados á torrente do que elles puerilmente chamam o seu destino.

« Não ha destinos: ha dous caminhos — O caminho de Duarte Pereira, e o caminho de José da Fonseca. »



FIM DA TERCEIRA E ULTIMA PARTE.

